



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS TRÊS LAGOAS - CPTL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGLetras

ANDERSON JOSÉ DE PAULA

**ENTRE O EFÊMERO E O PERENE: constituição, circulação e relações
imagético-discursivas d(n)as tiras de Armandinho**

Três Lagoas - MS

NOVEMBRO / 2024

ENTRE O EFÊMERO E O PERENE: constituição, circulação e relações imagético-discursivas d(n)as tiras de Armandinho

ANDERSON JOSÉ DE PAULA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGLetras da UFMS, campus Três Lagoas, como requisito final para a obtenção do título de Doutor em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos. Linha de pesquisa: Estudos do Texto e do Discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Claudete Cameschi de Souza

Nome: Anderson José de Paula

Título: Entre o efêmero e o perene: constituição, circulação e relações imagéticos-discursivas d(n)as tiras de Armandinho

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLetras - da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Três Lagoas, como requisito final para obtenção do título de Doutor em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Claudete Cameschi de Souza - UFMS/PPGLetras/CPTL - Orientadora - Presidenta

Prof. Dr. Daniel Abrão (UEMS/PGLetras/NuPeQ/Campo Grande) - Titular externo

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (UEMS/PGLetras/NuPeQ/Campo Grande) - Titular externo

Profa. Dra. Icleia Caires Moreira (UFMS/PPGLetras/CPTL) - Titular interna

Profa. Dra. Ilka de Oliveira Mota (UFSCar/LS-UFMS/PPGLetras/CPTL) - Titular interna

Profa. Dra. Silvane Aparecida de Freitas (UEMS/PPGEDU/Paranaíba) - Suplente externa

Prof. Dr. Fabrício Tetsuya Parreira Ono (UFMS/PPGLetras/CPTL) - Suplente interno

Três Lagoas – MS

2024

Dedico esta problematização, primeiramente, ao Armandinho e suas tiras que desestabilizaram conceitos cristalizados em mim por meio de suas indagações, curiosidades e possibilidades de deslocamentos de pontos de vistas. Também, aos fazedores da 9ª arte, Os Quadrinhos, especialmente, aos produtores e às personagens das Tiras, que conseguem engendrar discussões sócio-político-cultural-ideológicas em textos verbo-imagéticos de três quadros, e, particularmente, para Alexandre Beck, autor das tiras que são objeto desta tese. Ainda, a todos os pesquisadores desse país que, com gestos de resistências, buscam mudanças significativas e contribuem para a consolidação da pesquisa científica no Brasil, sendo a voz da ciência, principalmente em tempos de negacionismo como os vividos no recorte analítico. Por fim, a todos os profissionais da educação, os quais, muitas vezes, fazem a “ponte” entre esse gênero textual/discursivo e os alunos e que deve(ria)m ser valorizados por ser a base de (trans)formação e desenvolvimento deste país.

AGRADECIMENTOS



Fonte: <https://www.tumblr.com/tirasarmandinho/130092715129/tirinha-original>

Primeiramente, agradeço a uma Força maior que me proporcionou (ou minimizou a falta de) saúde para enfrentar as inúmeras atividades diárias e ao mesmo tempo realizar essa pesquisa de grande contribuição para a área;

Ao Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLetras – o qual possibilitou a concretização do tão sonhado e desejado Doutorado, por meio da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus Três Lagoas (UFMS/CPTL);

À Profa. Dra. Claudete Cameschi de Souza (UFMS/CPTL/PPGLetras), uma exímia orientadora, muito atenta e dedicada, com generosas e pacientes orientações, sugestões e conduções, soube sulear o processo de escrita de início, meio e fim, sabendo explorar meu potencial e também sabendo compreender os inúmeros momentos de frustração, transformando-os em mola propulsora para as problematizações contidas nessa Tese. Professora, a senhora foi capaz de me permitir (des)(re)construir inúmeras vezes nesse processo afetado pela Pandemia da COVID-19 e, hoje, sobreviventes desse processo, posso dizer-lhe o quanto sou GRATO pelo convívio acadêmico e que tornou-se encontro de almas. Gratidão!

Aos professores Dr. Daniel Abrão (UEMS/PGLetras/NuPeQ/Campo Grande), Dr. Nataniel dos Santos Gomes (UEMS/PGLetras/NuPeQ/Campo Grande), Dra. Icleia Caires Moreira (UFMS/CPTL/PPGLetras) e Dra. Ilka de Oliveira Mota (UFSCar/LS-UFMS/PPGLetras/CPTL) pelas excelentes e pontuais contribuições no Exame de Qualificação, além do olhar apurado em relação a esse trabalho e, agora, pela contribuição em mais um gesto de leitura empreendido neste resultado.

Às professoras Dra. Silvane Aparecida de Freitas (UEMS/PPGEDU/Paranaíba) e Dra. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento (UFMS/PPGLetras/CPTL) pelo aceite na suplência da Banca de Exame de Qualificação e, agora, ao Dr. Fabrício Tetsuya Parreira Ono (UFMS/PPGLetras/CPTL) pelo aceite na suplência nesta Banca de Defesa da Tese junto à Profa. Dra. Silvane.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLetras – da UFMS/CPTL, Área de Concentração: Estudos Linguísticos pelo trabalho remoto (todas as aulas foram feitas por meio de *Webconferência* em Plataforma *Google Meet* por conta da COVID-19) realizado nesses quatro anos (2020-2024) de curso: Ulisses, por apresentar a primeira disciplina feita por mim, como aluno especial, em 2019.1; Aparecida, Renato, Solange e Vania por desmistificar as teorias da linguagem; Celina e Claudete – dupla dinâmica – por apresentar a teoria e análise linguística e por me apresentar um universo aberto pela Linguística a partir dos conceitos de linguagem(ns), cultura(s) e in(ex)clusão; novamente, a dupla dinâmica, Celina e Claudete adentrando-me aos estudos da Linguística Aplicada; Claudete, Celina, Renato e Solange inserindo noções teórico-metodológicas em Trabalho de Campo

e produção do Ensaio Teórico-Metodológico da tese e, por fim, Vania, por abarcar a Análise do Discurso e sua materialidade linguística;

À Coordenadora do Programa, Profa. Dra. Kelcilene Grácia Rodrigues, que não mediu esforços para que o programa se consolidasse como um meio de (trans)formação dos profissionais de Letras, na região do Bolsão e adjacências;

Aos secretários que passaram pelo Programa nesses quatro anos: Ariel de Jesus Silva, Matheus Augusto, Sheila Bispo, Gabriela e Simene Rigazzo, obrigado por conduzir os trâmites documentais com maestria e profissionalismo;

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras (PGLetras) da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Campo Grande, Daniel e Nataniel por me possibilitar adentrar ao universo dos Quadrinhos por meio de uma disciplina feita, de forma remota, sobre “Quadrinhos, Literatura e História” e que abriu caminhos para muitas contribuições a essa Tese;

Ao NuPeQ (Núcleo de Pesquisas em Quadrinhos) da UEMS por ser um canal muito didático e atrativo o qual começou a fazer parte de meu cotidiano e contemplou muitas lacunas ocorridas nesse processo;

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo – IFSP – Câmpus Votuporanga, pela viabilidade do Afastamento Integral e Remunerado para Participação em Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu*, de 02/11/2020 a 30/08/2024, por meio da Portaria nº 3552 de 06 de outubro de 2020 (afastamento inicial) e Portaria 1183 de 23 de fevereiro de 2024 (prorrogação), para que pudesse debruçar sobre a pesquisa e demais atividades acadêmico-científicas;

À Escola Estadual Nossa de Lourdes, em Iturama – MG, escola em que fui professor por 11 anos (2011-2022), em nome da Diretora Julia Benedita Machado, em que pude iniciar o processo de Doutorado em meio as atividades do Ensino Remoto Emergencial e que nos foi tanto desafiador (des)(re)construir o modelo de educação imposto por muito tempo e foi oferecido em 2020 e 2021 pelas “janelas” em Plataformas Digitais e que escancarou a estratificação social;

À Escola Estadual José Garcia Leal, em Paranaíba – MS, para qual retornei em agosto de 2022, após ter sido aprovado e nomeado em Concurso Público para a Rede Estadual de Mato Grosso do Sul (no início do Mestrado, em 2016, também estive efetivo por 04 meses nessa escola, mas exonerei para assumir o IFSP). Em nome da Diretora Luciene Crus de Mattos Alves de Jesus, que, novamente, por um curso prazo de tempo estive professor em meio as atividades desse Doutorado;

À Escola Estadual Ernesto Rodrigues, em Aparecida do Taboado – MS, na qual estou efetivo, após processo de remoção, desde fevereiro de 2023. Em nome do Diretor Mauro Timpurim Berto e, especialmente, da Diretora Adjunta Marley Morelli que não mediram esforços em me acolher, confiar em meu trabalho e contribuir para meu desenvolvimento pessoal e profissional;

À Escola SESI de Aparecida do Taboado, em nome da Diretora Graciete Aparecida de Barros Geraldo, pelas contribuições no período em que estive professor (primeiro semestre de 2023) e que fora fundamental para meu *metier* e para o desenvolvimento de inúmeras metodologias;

Aos meus incríveis alunos, alunas e alunes nesses 04 anos, que foram fundamentais para que eu buscasse desenvolvimento a fim de contribuir para a (trans)formação de cada um, pois sou da escola pública e acredito na escola pública;

Aos colegas de Programa de Pós-graduação, especialmente, aos “Claudetianos” (orientandos da Professora Claudete durante esse percurso) e que pudemos fazer reuniões coletivas de orientação quinzenais e mensais para estudo, gestos de leitura, socialização de produções, escritas colaborativas e, principalmente, acolhimento e escuta. Hoje são as Mestras Ágata e Priscila; Doutoradas Andréa, Elizabete, Juliana e Michelle e, quase Doutores, Flávio e Danielle.

Ao quadrinista Alexandre Beck por possibilitar meu objeto nesta tese, Armandinho, por meio de suas tiras problematizar o Brasil em seis meses de Pandemia e as implicações disso para os estudos linguísticos;

Ao “grupo 03” formando pelas colegas de Doutorado com as quais iniciei este percurso e nos fortalecemos na disciplina de “Teorias da Linguagem”: Ma. Ana Paula Teixeira de Amorim Rodrigues e, hoje, Dra. Elaine de Castro, com a qual apresentei e publiquei trabalhos em congressos.

À amiga Ma. Verônica por todo o mestrado juntos e, também, pelo início dessa jornada. Obrigado pelo encontro de almas e à amiga Dra. Julian Pádua por ser a inspiração em todo esse processo;

Aos meus pais José de Paula e Ermelinda Felipe Santiago de Paula que entenderam que essa Pesquisa era mais que um título em minha vida e se propuseram a me ajudar dentro de suas limitações. Serei eternamente grato.

Ao meu irmão Emerson de Paula, cunhada Cláudia Regina Fuzari de Paula e sobrinhos Leonardo Fuzari de Paula e Gabriel Fuzari de Paula, que mesmo à distância se fizeram presentes;

Ao meu namorado Luiz Fernando dos Reis, que abarcou meu coração desde março de 2022 e vive comigo as angústias e conquistas desse processo. Obrigado por toda a paciência e resiliência nesses mais de dois anos acompanhando minha construção e crescendo junto comigo.

Ao meu afilhado Miller que me motiva e a continuar;

Às amigas professoras Rosa Maria e Josélia Carneiro pelos inúmeros encontros pandêmicos (“jantinha” às sextas-feiras) a fim de tentar minimizar o tempo de isolamento social que vivemos;

À professora Daniela Ortolan, minha sócia, pela leitura empreendida nesse texto e correções necessárias;

Ao primo Válter de Paula pelas viagens a Aparecida do Taboado, às segundas e terças-feiras, em que pudemos nos (re)conectar e conversar inúmeros assuntos;

Aos meus familiares por entenderem os vários momentos de ausência durante essa caminhada;

Ao grupo do “Voleiterapêutico” que, desde 2021, faz parte de minha rotina semanal em que pude relaxar e ventilar meus pensamentos para continuar essa escrita.

Por fim, engendo os ditos da personagem Fê, na tira que inicia esses agradecimentos, e também agradeço a quem duvidou de que “o filho da empregada chegaria à Disney”, no meu caso, o filho da empregada seria Doutor, com doutorado, por uma Universidade Federal. Meu muitíssimo obrigado!

“Eu faço palhaçada, você ri, eu fico com o coração preenchido aqui. Eu me sinto realizado de estar conseguindo te fazer feliz.
Rir é um ato de resistência”

Paulo Gustavo (2020 – *destaque meu*)



Fonte: Beck (2019a, p. 93)

DE PAULA, A. J. *Entre o efêmero e o perene: constituição, circulação e relações imagético-discursivas d(n)as tiras de Armandinho*. Três Lagoas: Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2024, 196p. (Tese).

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as tiras de Armandinho, de Alexandre Beck, cujo personagem tornou-se de grande expressividade nas redes sociais. O objetivo geral, é problematizar, pelo viés imagético-discursivo, a representação político-racial-pandêmica e os efeitos de sentido propostos pelas tiras de Armandinho no processo interacional ocorrido em sua *fanpage* homônima na rede social *facebook*. Especificamente, interessa a esta pesquisa: a) rastrear o processo constitutivo do texto verbo-visual por meio das condições de produção das tiras de Armandinho, a partir dos pressupostos da Análise do Discurso de orientação francesa, doravante ADF, em interface com os Estudos dos Quadrinhos; b) investigar as representações e os efeitos de sentido imagéticos-discursivos; c) aproximar as tiras de Armandinho às noções de crônica imagético-discursiva e ironia pelo viés discursivo-desconstrutivista e d) verificar as acepções de efêmero e perene nos recortes discursivos do gesto analítico. Assim, a hipótese foi de que as tiras de Armandinho, por meio de uma linguagem (nada) leve e (tampouco) objetiva, tratam de temas polêmicos e complexos e introduzem o dissenso político e social, de forma efêmera e perene, com/pelo humor e de maneira irônica, aproximando as tiras à crônica imagético-discursiva. Formulo, pois, três questões de pesquisa: 1) Sobre o olhar imagético-discursivo, a constituição das tiras de Armandinho mobiliza que tipos de representação política e social e quais efeitos de sentido? 2) Como o processo constitutivo do texto verbo-visual aproxima as tiras às noções de crônica discursivo-imagética e de ironia pelo viés da teoria discursivo-desconstrutivista? 3) De que maneira as acepções de efêmero e perene perpassam os recortes presentes no gesto analítico? Para tanto, na fundamentação teórica (trans)disciplinar empreendida aqui, destacam-se a ADF (Pêcheux, 1997, 1997a, 1999, 2008), (Pêcheux e Fuchs, 1997), (Foucault, 1979, 1985, 1996, 1999, 2008), (Orlandi, 2001, 2002, 2009, 2012, 2014), a perspectiva discursiva-desconstrutivista (Coracini, 2007, 2010) e (Derrida, 2001, 2001a), as noções imagético-discursivas pelos estudos dos quadrinhos (Cirne, 2000), (Chinen, 2011), (Postema, 2018) e (Vergueiro, 2012), especificamente, as tiras (Ramos, 2010, 2017) e linguagem e semiótica (Cagnin, 1975, 2014). A metodologia encontra eco no pensamento de Foucault (1979, 1999, 2008) por meio da arqueogenealogia que me permite escavar a materialidade linguística e imagético-discursiva em busca da produção de sentidos outros. As tiras de Armandinho constituem este escrito desde o sumário, uma vez que o *corpora* desta pesquisa é composto de 181 tiras, publicadas entre março e setembro de 2020. Entretanto, para o gesto analítico-interpretativo elenco dois eixos, em dois recortes: R1M1 – Pandêmico; R1M2 – Político-Racial e R2 – Político-Pandêmico, em grupos de duas, três e seis tiras, respectivamente, publicadas entre março e setembro de 2020, dentro do arquivo Pandemia da COVID-19, os quais constituem o *corpus* de análise. Como há um volume de tiras, elas foram constituindo a tese e foram organizadas em grupos e por cores: tiras remissivas (amarelas), tiras interativas (rosa), sequência (verde) e recorte (azul). Logo, a tese é dividida em três partes. Na primeira parte, apresento no Capítulo 01 o lugar das tiras nos estudos dos quadrinhos e as condições de produção da constituição das tiras de Armandinho; já no Capítulo 02 caracterizo a personagem Armandinho e seu autor Alexandre Beck. Na segunda parte, recorro ao Capítulo 03 e trago a fundamentação teórica com base na ADF a fim de promover gestos de leituras e mobilizar efeitos de sentido. No outro Capítulo dessa parte, o quarto, suscito os pressupostos teóricos encontrados no arcabouço escolhido, além dos fios (trans)disciplinares. Mobilizo, ainda, o percurso metodológico a partir da arqueogenealogia foucaultiana. Na terceira parte, quinto capítulo, trago o percurso analítico em que os recortes analisados possibilitaram ver uma criança atravessada por discursos outros a fim de reconhecer, apontar, refletir e/ou denunciar os problemas político-pandêmico-raciais e apontam para um discurso midiático que funciona como uma reação, ora perene, ora efêmera, ao contexto sócio-histórico-político-cultural-ideológico vigentes à época em que são produzidas e publicadas as tiras. Além disso, em virtude dessa reação, aproximam-se da crônica imagético-discursiva e tendo humor como elemento disjuntor também aproximam-se da ironia pela perspectiva discursiva-desconstrutivista.

Palavras-chave: Discurso, Linguagem verbo-visual, Tiras, Representação

DE PAULA, A. J. *Between the ephemeral and the perennial: constitution, circulation and image-discursive relations of Armandinho's strips*. Três Lagoas: Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2024, 196p. (Thesis).

This research has as its object of study the Armandinho strips, by Alexandre Beck, whose character has become very expressive on social networks. The general objective is to problematize, through the imagetic-discursive bias, the political-racial-pandemic representation and the effects of meaning proposed by Armandinho's strips in the interactional process that occurred on his homonymous fanpage on the social network Facebook. Specifically, this research is interested in: a) tracking the constitutive process of the verbal-visual text through the conditions of production of Armandinho's strips, based on the assumptions of French-oriented Discourse Analysis, hereinafter ADF, in interface with Comics Studies; b) investigating the representations and the imagetic-discursive effects of meaning; c) approaching Armandinho's strips to the notions of imagetic-discursive chronicle and irony through the discursive-deconstructivist bias; and d) verifying the meanings of ephemeral and perennial in the discursive excerpts of the analytical gesture. Thus, the hypothesis was that Armandinho's strips, through a (not at all) light and (not at all) objective language, deal with controversial and complex themes and introduce political and social dissent, in an ephemeral and perennial way, with/through humor and in an ironic manner, bringing the strips closer to the imagetic-discursive chronicle. I therefore formulate three research questions: 1) Regarding the imagetic-discursive perspective, the constitution of Armandinho's strips mobilizes what types of political and social representation and what effects of meaning? 2) How does the constitutive process of the verbal-visual text bring the strips closer to the notions of the imagetic-discursive chronicle and irony from the perspective of the discursive-deconstructivist theory? 3) In what way do the meanings of ephemeral and perennial permeate the excerpts present in the analytical gesture? To this end, in the (trans)disciplinary theoretical foundation undertaken here, the following stand out: ADF (Pêcheux, 1997, 1997a, 1999, 2008), (Pêcheux and Fuchs, 1997), (Foucault, 1979, 1985, 1996, 1999, 2008), (Orlandi, 2001, 2002, 2009, 2012, 2014), the discursive-deconstructivist perspective (Coracini, 2007, 2010) and (Derrida, 2001, 2001a), the imagistic-discursive notions through comics studies (Cirne, 2000), (Chinen, 2011), (Postema, 2018) and (Vergueiro, 2012), specifically, the strips (Ramos, 2010, 2017) and language and semiotics (Cagnin, 1975, 2014). The methodology echoes Foucault's thought (1979, 1999, 2008) through archeogenealogy that allows me to excavate the linguistic and image-discursive materiality in search of the production of other meanings. Armandinho's strips constitute this writing from the summary, since the corpus of this research is composed of 181 strips, published between March and September 2020. However, for the analytical-interpretative gesture, I cast two axes, in two excerpts: R1M1 – Pandemic; R1M2 – Political-Racial and R2 – Political-Pandemic, in groups of two, three and six strips, respectively, published between March and September 2020, within the COVID-19 Pandemic archive, which constitute the corpus of analysis. Since there is a volume of strips, they were constituting the thesis and were organized into groups and colors: cross-reference strips (yellow), interactive strips (pink), sequence (green) and clipping (blue). Therefore, the thesis is divided into three parts. In the first part, I present in Chapter 01 the place of strips in comics studies and the conditions of production of the constitution of Armandinho's strips; in Chapter 02 I characterize the character Armandinho and his author Alexandre Beck. In the second part, I refer to Chapter 03 and present the theoretical foundation based on the ADF in order to promote reading gestures and mobilize effects of meaning. In the other Chapter of this part, the fourth, I raise the theoretical assumptions found in the chosen framework, in addition to the (trans)disciplinary threads. I also mobilize the methodological path based on Foucaultian archeogenealogy. In the third part, fifth chapter, I present the analytical path in which the analyzed excerpts made it possible to see a child crossed by other discourses in order to recognize, point out, reflect and/or denounce the political-pandemic-racial problems and point to a media discourse that functions as a reaction, sometimes perennial, sometimes ephemeral, to the socio-historical-political-cultural-ideological context in force at the time in which the strips are produced and published. Furthermore, due to this reaction, they approach the image-discursive chronicle and, having humor as a disjunctive element, they also approach irony from the discursive-deconstructivist perspective.

Keywords: Discourse, Verb-Visual Language, Strips, Representation

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADF – Análise do Discurso de orientação Francesa

NuPeQ – Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

IFES – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo

PPGLEtras – Programa de Pós-graduação em Letras

TAL-PG – Prêmio Talentos em Pós-graduação

UPE – Universidade de Pernambuco

Dr. – Doutor / Dra. – Doutora

ISD – Interacionismo Sociodiscursivo

COVID-19 – *(CO)rona (VI)rus (D)isease*: doença do coronavírus – 2019

Nº - número

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e serviços

PETs – Animais de estimação

Live – Transmissão ao vivo

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

BM – Brigada Militar

AQC – Associação de Quadrinhistas e Cartunistas

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

Whatsapp – aplicativo de conversas instantâneas

EIC – Educandário Imaculada Conceição

Sra. – Senhora

SC – Santa Catarina

RS – Rio Grande do Sul

FNAC – *Fédération National d'Achats pour Cadres*: Federação Nacional de Compras para Gestores

SARS-Cov-2 - *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*: Síndrome Respiratória Aguda Grave de Coronavírus 2

OMS – Organização Mundial de Saúde

FDi – Formações discursivas

FId – Formação Ideológica

FIm – Formação Imaginária

FSo – Formação Social

Profa. – Professora

R – Recorte

M - Momento

EUA – Estados Unidos da América

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

STF – Supremo Tribunal Federal

PDT – Partido Democrático Trabalhista

LISTA DE FIGURAS

I) Figura: figuras que perpassam cada capítulo e são passíveis de análises, comentários ou problematizações a fim de contribuir com o processo de escrita e tessitura da tese. Não há cor para o contorno.

Figura 01: Interpelação.....	36
Figura 02: Pioneirismo mundial.....	42
Figura 03: Pioneirismo brasileiro.....	43
Figura 04: Matéria jornalística “Amor em tirinhas”	67
Figura 05: Dados do racismo	76
Figura 06: Despedida	78
Figura 07: Comunicado	79
Figura 08: Representação	80
Figura 09: Divulgação #Live01	82
Figura 10: Divulgação #Live02	83
Figura 11: Divulgação #Live03	85
Figura 12: Cartaz de divulgação	88
Figura 13: Contextualização	89
Figura 14: Capa atual	92
Figura 15: Quadro ADF.....	95
Figura 16: Tornou-se Pandemia	124
Figura 17: Primeiro caso no Brasil	124
Figura 18: Nó borromeano (SRI)	135
Figura 19: Manchete Douglas	146
Figura 20: Manchete Ágatha	146
Figura 21: Manchete João Pedro	147
Figura 22: Manchete Miguel	148
Figura 23: Imagem e transposição linguística	166
Figura 24: Posse presidente Lula 2023	171
Figura 25: Agradecimentos Portugal	181
Figura 26: Matéria Guarda-Mirim	184
Figura 27: Primeira e única reunião presencial 2020	188
Figura 28: I SELIF	190

Figura 29: CYBERJORNADAS 2020	190
Figura 30: GEPEDTEC	192
Figura 31: HQWEEK	192
Figura 32: CYBERJORNADAS 2021	193
Figura 33: ALED	194
Figura 34: Exame de Qualificação	195
Figura 35: Palestra	195

II) **Figura Remissiva**: figuras presentes no sumário e recuperadas ao longo da tese a fim de dialogar com as partes textuais em cada capítulo, sem caráter analítico. Apresentadas com o **contorno amarelo**:

Figura Remissiva 01: Capa	40
Figura Remissiva 02: Lançamento	41
Figura Remissiva 03: Capa da matéria “Criador e criaturinha”	66
Figura Remissiva 04: ArmanD(inh)o.....	69
Figura Remissiva 05: Criador	71
Figura Remissiva 06: #Lives.....	82
Figura Remissiva 07: Capa da <i>fanpage</i>	85
Figura Remissiva 08: Abraço.....	86
Figura Remissiva 09: Mudança na capa da <i>fanpage</i>	91

LISTA DE TIRAS

I) **Tira interativa**: tiras de Armandinho que interagem com o processo de escrita, conduzindo o(a) leitor(a) pelas partes do texto, sem caráter analítico. Apontadas no **contorno pela cor rosa**:

Tira interativa 01 – À margem	29
Tira interativa 02 – Pontes	31
Tira interativa 03 – Deslocamentos	39
Tira interativa 04 – Raiva	46
Tira interativa 05 – Arrumando... ..	46
Tira interativa 06 – Lançamento	47
Tira interativa 07 – Coloração de advertência.....	68
Tira interativa 08 – Fazer tiras.....	72
Tira interativa 09 – Para mim, não é seguro.....	73
Tira interativa 10 – Tem algo muito errado	75
Tira interativa 11 – Mais médicos	76
Tira interativa 12 – Recomendação médica	77
Tira interativa 13 – Primeira tira publicada na <i>fanpage</i> no <i>facebook</i>	87
Tira interativa 14 – Tira impacto	87
Tira interativa 15 – Primeira tira do <i>corpora</i>	125
Tira interativa 16 – Última tira do <i>corpora</i>	127
Tira interativa 17 – A possível avó.....	127
Tira interativa 18 – Ironia.....	164
Tira interativa 19 – Veríssimo.....	165
Tira interativa 20 – Tempo de união e reconstrução.....	171
Tira interativa 21 – Responsabilidades.....	180
Tira interativa 22 – Começar.....	185
Tira interativa 23 – Agradecer.....	196

II) **Tira Remissiva**: tiras de Armandinho presentes no sumário e recuperadas ao longo da tese a fim de dialogar com as partes textuais em cada capítulo, sem caráter analítico. Indicadas no **contorno pela cor amarela**:

Tira remissiva 01 – Pontos de vista	28
Tira remissiva 02 – Passado, presente e futuro	41
Tira remissiva 03 – Oportunidade	44

Tira remissiva 04 – Personagens de a República	48
Tira remissiva 05 – Guto	51
Tira remissiva 06 – Transição	54
Tira remissiva 07 – Questionador	57
Tira remissiva 08 – Animal de estimação	60
Tira remissiva 09 – Olhar(es)	93
Tira remissiva 10 – Certezas	96
Tira remissiva 11 – Visão	97
Tira remissiva 12 - Cuidados.....	98
Tira remissiva 13 – Escolha	100
Tira remissiva 14 – Machismo.....	101
Tira remissiva 15 – Carona	102
Tira remissiva 16 – Evitar alguma cena	104
Tira remissiva 17 – Depende	105
Tira remissiva 18 – Verdade(s)	107
Tira remissiva 19 – Crenças	108
Tira remissiva 20 – Marido e mulher	110
Tira remissiva 21 – Unir pontos de vista	111
Tira remissiva 22 – 08 de março	114
Tira remissiva 23 – Pandemia	115
Tira remissiva 24 – Conhecimento	116
Tira remissiva 25 – Conhecimento é poder	117
Tira remissiva 26 – A visão dos indígenas	121
Tira remissiva 27 – Ficar em casa	123
Tira remissiva 28 – Relaxar o isolamento	128
Tira remissiva 29 – Reunião	130
Tira remissiva 30 – Indagações	136
Tira remissiva 31 – Alcance da empatia	138
Tira remissiva 32 – Empatia	139
Tira remissiva 33 – Racismo velado	144
Tira remissiva 34 – Atitude política	155
Tira remissiva 35 – Humor	163
Tira remissiva 36 – Reflexão	172

Tira remissiva 37 – Eu constituído de muitos outros180

III) **Sequência**: tiras da coletânea impressa que possibilitam escavar como Armandinho se constitui e apresentadas no capítulo de condições de produção. Trazidas no **contorno pela cor verde**:

Sequência 01 – Tiras de a República48/49

Sequência 02 – Tiras embrionárias51

Sequência 03 – Escolha do nome57/58

Sequência 04 – Escolha do animal de estimação61/62

IV) **Recorte**: tiras de Armandinho publicadas na *fanpage* homônima no *facebook* entre março e setembro de 2020, a partir do acontecimento discursivo Pandemia, utilizadas no capítulo analítico a fim de empreender as mobilizações feitas na tese. Colocadas no **contorno com a cor azul**:

R1M1 – Tira 01, 26 de março de 2020140

R1M1 – Tira 02, 16 de abril de 2020142

R1M2 – Tira 03, 04 de junho de 2020145

R1M2 – Tira 04, 20 de maio de 2020149

R1M2 – Tira 05, 07 de julho de 2020151

R1M2/R2 – Tira 06, 15 de julho de 2020154

R2 – Tira 07, 09 de abril de 2020156

R2 – Tira 08, 20 de abril de 2020158

R2 – Tira 09, 20 de abril de 2020159

R2 – Tira 10, 28 de abril de 2020161

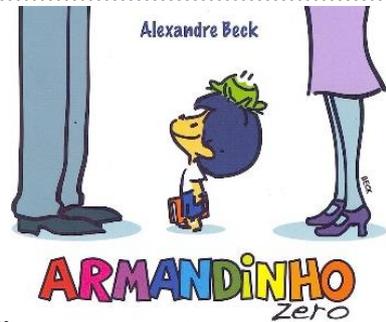
SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....



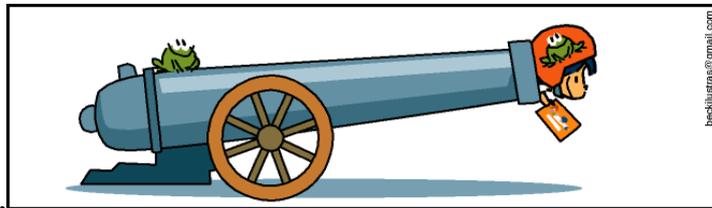
...26

PARTE I: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS QUADRINHOS E DAS TIRAS: DO PROCESSO GESTACIONAL DE ARMANDINHO AO ACONTECIMENTO DISCURSIVO PANDEMIA DA COVID-19.....



...40

CAPÍTULO 1 – DOS QUADRINHOS ÀS TIRAS: ESTÁGIO EMBRIONÁRIO E NASCIMENTO DE ARMANDINHO.....



...41

1.1 Os quadrinhos.....



...41

1.2 As tiras.....



...44

1.2.1 Tiras de a República.....



...47

1.3 Estágio embrionário.....



...50

1.3.1 Tira de transição: o nascimento.....



...54

1.3.2 Sequência de tiras: escolha do nome.....



...56

1.3.3 Sequência de tiras: escolha do animal de estimação.....



...60

CAPÍTULO 2 – DE ARMANDINHO AO SEU CRIADOR: O ACONTECIMENTO DISCURSIVO PANDEMIA DA COVID-19.....



...66

2.1 Armando... Armandinho... Dinho.....



...69

2.2 Alexandre Beck: pai de Armandinho e autor das tiras.....



...71

2.3 Transmissões ao vivo, *Lives*, com o ilustrador e cartunista Alexandre Beck.....



...81

2.4 A *fanpage* na rede social *facebook*: *tirasarmandinho*



...85

2.4.1 A criação.....



...86

2.4.2 Internacionalização, andanças das tiras de Armandinho e outros acontecimentos



...88

2.5 Tiras produzidas e publicadas a partir do arquivo Pandemia da COVID-19.....



..90

PARTE II: PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....



...93

CAPÍTULO 3 – NOÇÕES-CONCEITO: DE MEMÓRIA DISCURSIVA A ARQUIVO.....



...96

3.1 Memória discursiva.....



...96

3.2 Interdiscurso.....



...98

3.3 Formações discursivas.....



...99

3.3.1 Formação Discursiva (FDi).....



..101

3.3.2 Formação Ideológica (FIId).....



..102

3.3.3 Formação Imaginária (FIIm).....



..103

3.3.4 Formação Social (FSo).....



..105

3.4 Regimes de verdades.....



..106

3.5 Subjetividade



..108

3.6 Posição sujeito e/ou Forma-sujeito.....



..109

3.7 Autoria.....



..111

3.8 Acontecimento discursivo.....



..112

3.9 Arquivo.....



..114

CAPÍTULO 04 – METODOLOGIA.....



..116

4.1 Arqueologia (do saber) e genealogia (do poder).....



..116

4.2 A arqueogenealogia foucaultiana.....



..120

4.3 Arquivo Pandemia da COVID-19.....



..122

4.4 Corpora e corpus.....



..125

4.5 Fio(s) (trans)disciplinar(es).....



..130

PARTE III: PERCURSO ANALÍTICO.....



..136

CAPÍTULO 05 – RECORTES ANALÍTICOS: O POLÍTICO-PANDEMICO-RACIAL.....



..138

5.1 Recorte 1 – 1º momento (R1M1): Pandêmico.....



..139

5.2 Recorte 1 – 2º momento (R1M2): Político-racial.....



..143

5.3 Recorte 2 – (R2): Político-pandêmico.....



..154

5.4 Humor como elemento disjuntor: aproximações à ironia na perspectiva discursiva-desconstrutivista e à crônica imagético-discursiva.....



..162

À GUISA DE CONCLUSÃO.....



..168

REFERÊNCIAS.....



..174

ANEXOS.....,.....



.....
..179

MEMORIAL DESCRITIVO-REFLEXIVO.....



.....
..180

INTRODUÇÃO

A partir de uma ruptura epistemológica, o tripé história [materialismo histórico], linguística [concepção de língua a partir do não-dito, do silêncio, do fragmento, da autoria, do equívoco, da contradição] e psicanálise [aproximação ao sujeito laciano dividido que se constitui na e pela linguagem], a Análise do Discurso (AD) é concebida como disciplina de entremeio (Orlandi, 2002). Diante do exposto, a linguagem é considerada um cenário de discursividade(s) possibilitador da interação entre os sujeitos, visto que os discursos produzem sentidos distintos, diante de fatos históricos, sociais, econômicos e/ou políticos.

No tocante ao que preconiza a Análise do Discurso de orientação francesa, doravante ADF, esta pesquisa vem ao encontro do(a) leitor(a) em reflexão, permitindo uma relação menos ingênua com a linguagem, já que nem língua e nem sujeito são transparentes, como explicita Pêcheux (1997).

Faço a opção por ADF nesse escrito a qual não constitui metodologia ou técnica de pesquisa, mas uma disciplina de interpretação constituída na intersecção de epistemologias distintas, pertencentes a áreas da linguística, deslocando-se a noção de fala para discurso; do materialismo histórico, do qual emergiu a teoria da ideologia; e da psicanálise, de onde veio a noção de inconsciente, abordada como o descentramento do sujeito (Orlandi, 1999).

O escopo teórico-metodológico eleito nesta tese encontra ecos no traçado transdisciplinar por meio das noções-conceitos de memória discursiva, interdiscurso, formações discursivas, posição-sujeito, autoria, regime de verdade, subjetividade, acontecimento discursivo e arquivo a partir de autores que constituem e disseminam a ADF (Pêcheux 1997, 1997a, 1999, 2008), (Pêcheux e Fuchs, 1997), (Orlandi, 2001, 2002, 2009, 2012, 2014), (Foucault, 1979, 1985, 1996, 1999, 2008), em interface com a perspectiva discursiva-desconstrutivista (Coracini, 2007, 2010) e (Derrida, 2001, 2001a), as noções imagético-discursivas pelos estudos dos quadrinhos (Cirne, 2000), (Chinen, 2011), (Postema, 2018) e (Vergueiro, 2012), especificamente, as tiras (Ramos, 2010, 2017), por fim, linguagem e semiótica (Cagnin, 1975, 2014).

O objeto¹ de estudo deste trabalho denomina-se tiras de Armandinho, de Alexandre Beck, cujo personagem tornou-se singular, de grande expressividade nas redes sociais, reflexivo dos acontecimentos do cotidiano, corajoso e ousado ao denunciar e criticar os fatos da sociedade em que está inserido, auxiliando na formação crítica de seu público-leitor o qual interage em cada publicação feita, seja para atenuar, contestar, aplaudir, endossar ou criticar.

¹ Valido as ideias de Saussure (2006) “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é **o ponto de vista que cria o objeto.**” (2006, p. 15 – destaque meu)



Durante o percurso deste escrito, leitor(a)², você vai se deparar com imagens de *Armandinho* e sua turma (indicadas com margem/contorno na cor vermelha) interagindo com o processo de escrita, haja vista que vai conduzi-lo(a) pelas partes desse texto. Além delas, meu *avatar*³ também vai



acompanhá-lo neste gesto de leitura (Orlandi, 2014).

Outra forma de subjetividade minha presente na materialidade linguística que constitui esse escrito, leitor (a), está no uso de sinais gráficos os quais fornecem limiares entre as palavras. Faço o uso, pois, dos parênteses () que apontam a intercalação e a metaenunciação, a qual marca um retorno sobre o dizer (Authier-Revuz, 1998), ou seja, um sinal gráfico de inclusão daquilo que não é (talvez não fosse) necessário enunciar, mas possibilita ampliar o assunto por meio de outra voz. Assim, constituo este uso para marcar o que não fora dito e que se faz necessário investigar além do aparente.

Ao longo da escrita desta Tese, leitor(a), a partir do arcabouço teórico metodológico e analítico aqui mobilizado, organizo⁴ as tiras de *Armandinho* da seguinte forma:

I) *Tira e/ou Figura interativa*: tiras de *Armandinho* e/ou figuras que interagem com o processo de escrita, conduzindo o(a) leitor(a) pelas partes do texto, sem gesto analítico. Apontadas na margem/contorno pela cor rosa;

II) *Tira e/ou Figura remissiva*: tiras de *Armandinho* e/ou figuras presentes no sumário e recuperadas ao longo da Tese a fim de dialogar com as partes textuais em cada capítulo, sem caráter analítico. Indicadas na margem/contorno com a cor amarela;

III) *Sequência*: tiras da coletânea impressa que possibilitam escavar como *Armandinho* se constituiu apresentadas e analisadas no capítulo de condições de produção. Trazidas na margem/contorno pela cor verde e

IV) *Recorte*: tiras de *Armandinho* publicadas na *fanpage* homônima no *facebook* entre março e setembro de 2020, a partir do acontecimento discursivo *Pandemia*, utilizadas no capítulo analítico, a fim de empreender as mobilizações feitas na Tese. Colocadas na margem/contorno com a cor azul.

² O interlocutor dessa pesquisa também é constituinte (CORACINI, 2007) desse escrito, haja vista que meu princípio não é da transparência ou da significância (ORLANDI, 2001) e sim mobilização enunciativa a fim de possibilitar efeitos de sentidos outros advindo do gesto de leitura (ORLANDI, 2014) empreendido a partir de minha subjetividade (CORACINI, 2007) empregada aqui. Parto da premissa de que em algum momento da vida o leitor desse trabalho tenha se deparado com um texto em quadrinhos (CAGNIN, 2014), especialmente, uma tira (RAMOS, 2017).

³ Recurso da rede social *facebook*. Ver: https://www.oficinadanet.com.br/midias_sociais/33099-avatar-no-facebook-veja-como-fazer-o-seu - Acesso em 21/07/2023

⁴ Fiz a opção, nesta Tese, pelo uso da primeira pessoa do singular, devido á relação subjetiva que estabeleci com o objeto de pesquisa. Porém, assevero que o uso da primeira pessoa do singular não rompe a heterogeneidade constitutiva marcada e não-marcada (ALTHIER-REVUZ, 1998; 2004)

Cumpro informá-lo(a) que a cada cor das margens/contornos (re)inicia a contagem das tiras/figuras a fim de agrupá-las de acordo com sua função na tese: **interativa**, **remissiva**, **sequência** e **recorte**.

A **tira remissiva 01**⁵ abaixo ilustra a relevância de se olhar o mundo por outras lentes⁶, que é uma das propostas desta pesquisa, ao suscitar pontos de vista os quais criam o objeto:



Fonte: Beck (2019, p. 71)

A noção de representação (Foucault, 1996) que *Camilo*, personagem negro que faz parte das tiras de *Armandinho*, tem na tira anterior é o ponto de partida. Ao apresentar para *Armandinho* que “(...) vê as coisas de outra forma!” reforça os postulados da ADF em problematizar o que está cristalizado e trazer possíveis efeitos de sentidos mobilizados em gestos interpretativos. Dessa forma, minha proposição é que o(a) leitor(a) possa agir como *Armandinho*, conhecendo pontos de vistas e não como *Pudim*, personagem negacionista das tiras de *Armandinho*. Para isso, metaforicamente, esta Tese é representada pela escada presente na **tira remissiva 01**.



Dessa forma, o intuito desta tese, como objetivo geral, é problematizar, pelo viés imagético-discursivo, a representação político-pandêmica-racial e os efeitos de sentidos propostos pelas tiras de *Armandinho* no processo interacional ocorrido em sua *fanpage* homônima na rede social *facebook*. Além disso, trago como objetivos específicos: rastrear o processo constitutivo do texto verbo-visual por meio das condições de produção das tiras de *Armandinho*, a partir dos pressupostos da ADF em interface com os Estudos dos Quadrinhos; investigar as representações e os efeitos de sentidos imagéticos-discursivos; aproximar as tiras de *Armandinho* às noções de crônica imagético-discursiva

⁵ Como anunciado, inicia a enumeração, pois há a primeira denominação para a apresentação das tiras que compõem a tese.

⁶ Metáfora trazida por Maciel (2020) apoiado nas ideias de Ofélia García.

e ironia pelo viés discursivo-desconstrutivista e verificar as acepções de efêmero e perene nos recortes discursivos do gesto analítico.

Diante do exposto, apesar de saber que controlar os sentidos é ilusório (Pêcheux, 2008), preconizo a hipótese de que as tiras de Armandinho, por meio de uma linguagem (nada) leve e (tampouco) objetiva, tratam de temas polêmicos e complexos e introduzem o dissenso político e social, de forma efêmera e perene, com/pelo humor e de maneira irônica por meio de uma personagem, cuja representação infantil de senso comum, permite escamotear o processo de denúncia e burlar o sistema, fazendo chegar pela via da tira, informações aos mais diversos nichos sociais, aproximando-a à crônica imagético-discursiva.



A fim de estabelecer os (des)caminhos dessa hipótese, formulo três questões de pesquisa, a saber: 1) Sobre o olhar imagético-discursivo, a constituição das tiras de Armandinho mobiliza que tipos de representação política e social e quais efeitos de sentidos? 2) Como o processo constitutivo do texto verbo-visual aproxima as tiras às noções de crônica discursivo-imagética e de ironia pelo viés da teoria discursivo-desconstrutivista? 3) De que maneira as acepções de efêmero (que é passageiro, transitório) e perene (que permanece por um longo tempo) são ecoadas pelos já-ditos e não-ditos nos recortes discursivos presentes no gesto analítico?

Dessa forma, para adentrar ao estado de conhecimento ou estado da arte que envolve minha temática e objeto de pesquisa, a **tira interativa 01**⁷ abaixo fomenta a discussão:

Tira interativa 01: À margem



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/2359101940801765/>

A **tira interativa 01** remete à noção-conceito de silêncio (Orlandi, 2007) em que, segundo a autora, “[...] o silêncio é a garantia do movimento de sentidos” (Orlandi, 2007, p. 23). Assim, o não-

⁷ Como anunciado, recomeça a enumeração, pois há uma nova denominação para a apresentação das tiras que compõem a Tese. Saliento que a primeira ocorreu nos agradecimentos.

dito corresponde a fala de um dos ministros do (des)governo anterior que disse que a universidade era para uma elite intelectual e tentou engendrar no MEC (Ministério da Educação e Cultura) tal afirmação e outras questões que geram “incômodos” aos abastados, sobretudo, dividir espaço com as ditas minorias.

Com isso, traço um paralelo entre a **tira interativa 01** e aquilo que as personagens das tiras representam as quais não são crianças de famílias elitizadas, mas de pessoas que constituem a massa trabalhadora, e observo o espaço que os quadrinhos, especialmente, as tiras precisam/devem ocupar na academia/universidade, colocando-as em gesto de resistência, descortinando a presença. Para isso, traço um percurso de trabalhos acadêmicos, por meio de plataformas de buscas, em que as tiras, principalmente, de Armandinho, percorrem dentro do universo acadêmico, afim de verificar o que ele anda “armando”, trocadilho com seu nome, bem como apresento o NuPeQ (Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos) vinculado à UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Campo Grande).

Por meio de o portal Domínio Público⁸, fiz a busca por teses e dissertações que tivessem nas palavras-chave: quadrinhos, tiras, tiras de Armandinho e Armandinho (personagem). Para isso, utilizei na busca as áreas de conhecimento: Letras, Linguística e Linguística Aplicada. O resultado por área foi: em Letras, quinze trabalhos com a palavra-chave quadrinhos; vinte e cinco resultados com a palavra-chave tira; já para tiras de Armandinho e Armandinho (personagem) não houve resultados encontrados. Em relação à área de conhecimento Linguística, a partir do mesmo procedimento, houve nove resultados para a palavra-chave quadrinhos e três resultados para a palavra-chave tira; já para as palavras-chave tiras de Armandinho e Armandinho (personagem) não houve resultados. Por fim, na área de conhecimento Linguística Aplicada não houve resultado algum para nenhuma das quatro palavras-chaves elencadas para a busca.

No site BDTD⁹ a busca foi por assunto, por meio das mesmas quatro palavras-chave: quadrinhos, tiras, tiras de Armandinho e Armandinho (personagem). Assim, a primeira acepção quadrinhos mostrou 738 resultados; já a segunda palavra-chave tira trouxe 230 resultados. Para as duas últimas acepções tiras de Armandinho e Armandinho (personagem) não foram encontrados resultados. Porém, fiz o acréscimo de uma opção quadrinhos de



⁸ O portal é uma biblioteca digital editada pelo Ministério da Educação do Brasil, cujo lançamento se deu em 2004. Oferecendo acesso gratuito a obras literárias, artísticas e científicas, já em domínio público ou que tenham sua divulgação autorizada. Ver: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaPeriodicoForm.jsp> - Acesso em 22/07/2023.

⁹ A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD integra e dissemina os textos completos de teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa. Ver: <https://bdtd.ibict.br/vufind/> - Acesso em 22/07/2023.

Armandinho houve um resultado para uma Dissertação de Mestrado da qual conheci o autor em um dos eventos acadêmicos em que participei no ano de 2020 e ele estava em finalização do texto. Sendo assim, pela teoria dos polissistemas e do efeito estético¹⁰ – Marinho (2020), na Dissertação: *As tirinhas de Armandinho na ampliação do repertório literário-artístico do jovem leitor nos anos finais do Ensino Fundamental*, mostra a ampliação do repertório artístico-literário, usando as tiras do Armandinho, em uma turma de sétimo ano, nas aulas de Língua Portuguesa. Como seu trabalho foi dentro do PROFLETRAS-UFJF, o autor criou um produto¹¹ (caderno pedagógico digital) por meio de uma proposta de intervenção, um dos pilares do programa.

Com a ferramenta *google acadêmico*¹², encontrei algumas pesquisas que trazem o olhar para as tiras e, em especial, para seus protagonistas como Mafalda¹³ e Calvin¹⁴, no tocante às análises dos aspectos discursivos, identidade, ideologia e representação na tentativa de desconstruir os muros criados ao classificar que o texto é só para crianças. Este escrito corrobora a ideia de Ramos (2017, p. 54) “[...] nem tudo o que se produz em quadrinhos é para crianças.” e por isso a busca por pontes, ou seja, pelos elementos discursivos que unam leitor e texto.



Beck (2014a, p. 75)

¹⁰ Marinho (2020) – *As tirinhas de Armandinho na ampliação do repertório literário-artístico do jovem leitor nos anos finais do Ensino Fundamental*.

¹¹ Marinho (2020) – Ver: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/11981/7/joseignacioribeimarinho.pdf>

¹² Ferramenta desenvolvida pelo Google com o objetivo de simplificar o acesso aos conteúdos produzidos nas universidades: artigos científicos, dissertações, teses e livros técnicos. Ver: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt> - Acesso em 23/07/2023.

¹³ Ver: Medeiros (2007) – *Mafalda: uma análise textual*; Antas (2009) – *A mulher nas tirinhas de Mafalda: uma análise discursiva da construção do humor*; Oliveira (2011) – *Mafalda na aula de História: a crítica aos elementos característicos da sociedade burguesa e a construção coletiva de sentidos contra-hegemônicos*; Silva (2011) – *Palavra, voz e imagem: a representação feminina em Mafalda, de Quino*; Silva (2015) – *As tiras de Mafalda no Brasil: traduções e tradutores*.

¹⁴ Ver: Ribeiro Junior (2011) – *Calvin e Hobbes contra o mundo*; Silva (2016) – *O mundo como provocação: uma poética dos elementos materiais em Calvin e Haroldo*; Rodrigues (2018) – *A escola pela ótica de Calvin, Mafalda e Chico Bento*.

Em concordância com a ideia de que as produções em quadrinhos não são somente para crianças, a *ponte* (meio) trazida por Armandinho na **tira interativa 02** deslocando a ideia de *muro* (barreira), trazida pela personagem Fê, é compatível com alguns trabalhos elencados por meio de pesquisa realizada no *google* acadêmico, que possuem como objeto as tiras de Armandinho e funcionam como pontes para o conhecimento.

Primeiro, pelo viés da crítica social¹⁵ - Santos, Arantes e Gomes (2013), no Artigo Científico: *Crítica social nas tirinhas de Armandinho, de Alexandre Beck, para usar em sala de aula*, publicado na *Revista Philologus*, compreendem que as tiras são um rico material para se levar para a sala de aula, porque acreditam que com ele pode-se trabalhar a reflexão crítica com os alunos; pela análise de conteúdo¹⁶ - Cardoso (2014), no TCC: *Armandinho: o menino das redes e dos movimentos sociais*, aborda a presença do personagem de tiras *Armandinho* na rede social *online facebook* durante os protestos de 2013 e pelo viés da análise da oralidade¹⁷ - Silva e Gomes (2014), no Artigo Científico: *Uma análise da oralidade nas webcomics do Armandinho*, consideram as tirinhas virtuais do personagem *Armandinho*, observando as variantes da norma culta/popular presentes nas histórias e a representação da oralidade.

Ainda, por meio da plataforma *google* acadêmico, pelo olhar da tradução intersemiótica¹⁸ - Corbari e Niederauer (2017), no Artigo Científico: *As tirinhas de Armandinho como espelho expressivo para textos literários: uma provocação intersemiótica*, tratam como um produto cultural que produz/reproduz a transfiguração de uma obra originalmente composta em uma determinada linguagem, para um novo suporte que a induz a ser expressa em outra linguagem; pelo viés da literatura e tecnologia¹⁹ - Almeida Junior *et al* (2019), no Artigo Científico: *As tirinhas de Armandinho: uma relação de amor e ódio entre lovers e haters, através da fanpage homônima*, objetivam uma observação reflexiva de comentários entre *lovers* e *haters* frente às tirinhas publicadas em espaço virtual e pela análise de imagens em sua relação com conhecimento histórico²⁰ - Araujo (2019) no TCC: *Armandinho e suas armações (2010-2018): uma história de um Brasil narrada por um pequeno*, analisa a possibilidade de utilização do personagem *Armandinho* criado por Alexandre Beck, nas tirinhas, para compreensão do contexto brasileiro nas primeiras décadas do século XXI.

¹⁵ Santos, Arantes e Gomes (2013) – *Crítica social nas tirinhas de Armandinho, de Alexandre Beck, para usar em sala de aula*.

¹⁶ Cardoso (2014) – *Armandinho: o menino das redes e dos movimentos sociais*.

¹⁷ Silva e Gomes (2014) – *Uma análise da oralidade nas webcomics do Armandinho*.

¹⁸ Corbari e Niederauer (2017) – *As tirinhas de Armandinho como espelho expressivo para textos literários: uma provocação intersemiótica*.

¹⁹ Almeida Junior et al (2019) – *As tirinhas de Armandinho: uma relação de amor e ódio entre lovers e haters, através da fanpage homônima*;

²⁰ Araujo (2019) – *Armandinho e suas armações (2010-2018): uma história de um Brasil narrada por um pequeno*.

Também por meio da plataforma *google* acadêmico, pelo programa do PROFLETRAS-IFES, Peçanha (2020), a partir da teoria do dialogismo²¹, na Dissertação: *As tirinhas de Armandinho na sala de aula: caminhos para a formação do leitor crítico*, pontua como as práticas de leitura e produção de texto, a partir da análise das tirinhas do personagem *Armandinho*, de Alexandre Beck, podem servir como estratégias para atrair o interesse dos alunos pela leitura. Por fim, em 2021, há um trabalho monográfico intitulado *Uma proposta de leitura para as tiras de Armandinho*, em que Testa (2021) propõe questões a respeito da compreensão de leitura do gênero textual tira no ensino básico, tendo por base princípios da Sociossemiótica e estudos referentes à leitura e aos gêneros textuais²².

Já, ao acompanhar a *fanpage* de *Armandinho* no *facebook*, vi o *post* de um jornalista agradecendo Beck e *Armandinho* e falando sobre sua pesquisa de Mestrado. Trata-se de Corbari (2020), por meio da Dissertação de Mestrado: *Mafalda e Armandinho de mãos dadas: considerações a partir da análise do discurso*, visa dar atenção em especial para o caráter discursivo expresso através de duas personagens (*Mafalda* e *Armandinho*) que atuaram como intérpretes ao período histórico-social que lhes é contemporâneo, colocando em estudo as instâncias de interpretação através do já-dito e do não-dito empreendidos por personagens e autores que assumem o papel de sujeitos discursivos, enquanto as tiras que protagonizam tornam-se sequências discursivos-imagéticas de referência²³.

Saliento que tive acesso na íntegra a todos os trabalhos mencionados. Já os dois próximos, ainda não estão disponíveis nos repositórios de suas respectivas instituições de ensino. Logo, o primeiro (Rosa, 2021) trouxe o resumo a partir de interpelações feitas a autora e o segundo (Souza, 2021) participei, de forma remota, da Banca de Defesa.

Ao conhecer o NuPeQ da UEMS/Campo Grande e o programa de Mestrado PPGLetras/UEMS, tive contato com Rosa (2021) que, em sua Dissertação pelo programa intitulada *A divulgação científica nos quadrinhos digitais do personagem Armandinho: a cultura da participação e a inteligência coletiva nos comentários do facebook*, traz a análise das tiras de *Armandinho* e dos comentários na *fanpage* do *facebook* sobre divulgação científica por meio das teorias de Estudos dos Quadrinhos²⁴. Saliento que o trabalho de Rosa (2021), integrante do NuPeQ, foi o ganhador do II Prêmio Talentos em Pós-graduação – UEMS-2022 (TAL-PG)²⁵, premiação que

²¹ Peçanha (2020) – *As tirinhas de Armandinho na sala de aula: caminhos para a formação do leitor crítico*

²² Testa (2021) – *Uma proposta de leitura para as tiras de Armandinho*

²³ Corbari (2020) – *Mafalda e Armandinho de mãos dadas: considerações a partir da análise do discurso*

²⁴ Rosa (2021) – *A divulgação científica nos quadrinhos digitais do personagem Armandinho: a cultura da participação e a inteligência coletiva nos comentários do facebook*

²⁵ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=zXMpblH4y8> – Acesso em 25 de julho de 2023.

visou reconhecer as melhores dissertações e teses inscritas e defendidas em 2021 em Programas *stricto sensu* da UEMS.



Por fim, em 2022, pelo PROFLETRAS-UPE, Souza (2021), em sua Dissertação *Multimodalidade e desenvolvimento da compreensão leitora: uma proposta de intervenção com as tirinhas de Armandinho*, mostrou uma proposta de intervenção com as tiras de Armandinho a partir de uma análise multimodal²⁶ a fim de desenvolvimento da compreensão leitora.

Como pôde constatar, leitor(a), até o momento não encontrei nas três plataformas de buscas (Domínio Público, BDTD e *Google Acadêmico*) Tese(s) que trata(m) como objeto as tiras do Armandinho pelo viés discursivo, porém, a Dissertação de Antas (2009), cujo título é: *A mulher nas tirinhas de Mafalda: uma análise discursiva da construção de humor*, ao trabalhar com *Mafalda* utiliza o viés discursivo, mas em consonância com a concepção de discurso de Mainguenu (1997, 2008), pelo conceito de gênero discursivo de Bakhtin (2011) e a reflexão sobre as identidades femininas como uma construção por meio de Hall (2012), diferente das abordagens tangenciadas por esta Tese.

Saliento, ainda, que a Dissertação de Corbari (2020) provoca o diálogo entre *Mafalda* e *Armandinho* a partir do campo da Literatura Comparada e dos Estudos Culturais, utilizando o viés interpretativo da ADF a partir das noções de já-dito, não-dito e sujeito discursivo. Bem próxima a minha pesquisa, contudo a base dela é ADF e transdisciplinar Coracini (2010) são mobilizadas de acordo com o gesto interpretativo e efeitos de sentidos possíveis.

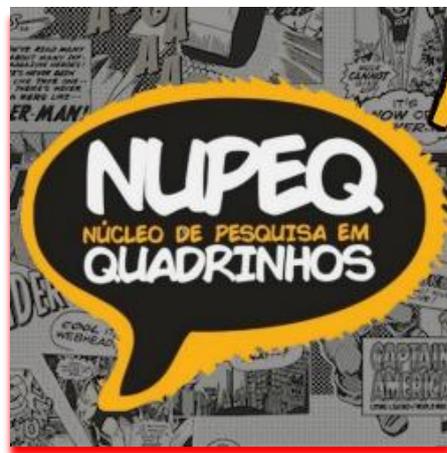
Enfim, essas produções elencadas justificam, pois, a relevância acadêmica do tema desta Tese, no intuito de o objeto de análise suscitar olhares outros a partir do arcabouço da ADF em interface com os Estudos dos Quadrinhos, a Semiótica Discursiva, os Estudos Culturais e Decoloniais. Como tentativa de agrupar e difundir as pesquisas cujo objeto são as tiras de Armandinho, criei em julho de 2021, um grupo no aplicativo de conversas instantâneas *Whatsapp* denominado “Armandinho Pesquisas” do qual fazem parte alguns dos pesquisadores citados anteriormente, sendo: Marinho (2020), Corbari (2020), Rosa (2021) e Souza (2021).

²⁶ Souza (2022) – *Multimodalidade e desenvolvimento da compreensão leitora: uma proposta de intervenção com as tirinhas de Armandinho*

No estado de São Paulo, há o Observatório de Histórias em Quadrinhos – USP²⁷, o qual é utilizado como instrumento de comunicação e informação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) destinado à divulgação de pesquisas, publicações, eventos e produção acadêmica relacionada com história em quadrinhos e áreas correlatas. É também responsável pelo evento acadêmico-científico “Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos”, iniciado em 2017.



Já no estado de Mato Grosso do Sul, há o NuPeQ (Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos)²⁸ ligado à UEMS (Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul – Campo Grande) e organizado desde 2012 pelo Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes e a liderança dividida com o Prof. Dr. Daniel Abrão. O NuPeQ realiza encontros frequentes para discussão e debate teórico, além de palestras para escolas de todo o Brasil. Ainda, visa discutir a importância dos quadrinhos e sua interface com o ensino, com o cinema, com a religião, com a leitura de clássicos, com a Análise do Discurso, interesse dessa pesquisa, com a Semiótica, interface desse estudo, com a Comunicação de Massa e outros temas.



Em relação a minha escolha pelas tiras de Armandinho, partiu de uma provocação da professora-orientadora em uma das reuniões de orientação, após meu ingresso no programa. Em nossa conversa, disse-lhe que as tiras eram textos que me incomodavam muito no processo de ensino e aprendizagem, mesmo sendo um dos primeiros textos apresentados para as crianças, pensando nas Histórias em Quadrinhos tão presentes na infância e que não fora diferente comigo, amplio este aspecto no Memorial Descritivo.

Como no Mestrado, estudei o gênero Artigo de Opinião pelo viés da Linguística Textual e do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), optei em me debruçar sobre as Tiras, agora no processo de Doutorado, pelo viés discursivo, a fim de trazer as problematizações que este referencial teórico-metodológico pode ecoar.

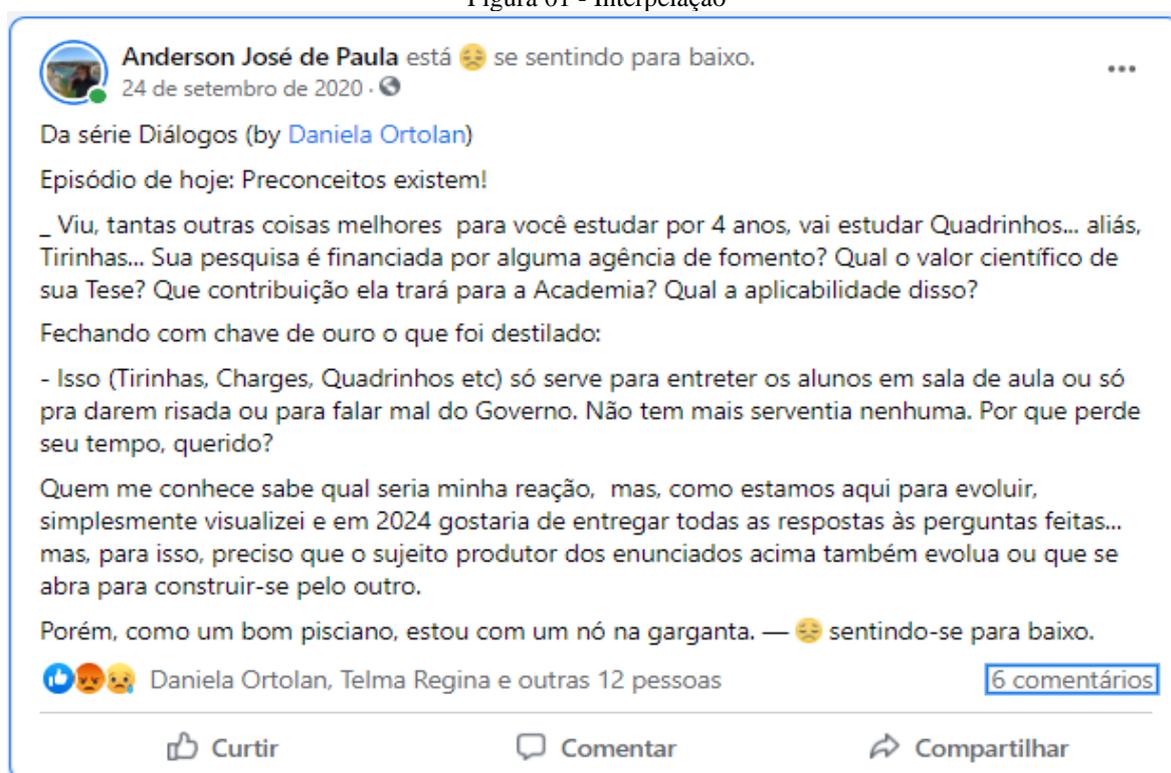
²⁷ Ver: <https://observatoriodehistoriasemquadrinhos.blogspot.com/>

²⁸ Ver: <https://www.youtube.com/c/NuPeQN%C3%BAcleodePesquisaemQuadrinhosUEMS>



Nicolau (2020) surpreende-se ao deparar que apesar da popularidade das tiras e de seu rico repertório de personagens, raros pesquisadores tenham se dedicado a estudar o fenômeno. No meu caso, durante um dos congressos em que participei no ano de 2020, os quais informo no Memorial Descritivo, ao apresentar meu objeto de análise e algumas proposições a partir das leituras iniciais, em uma sessão de comunicação, fui interpelado por um participante. Assim, usei minha conta na rede social *facebook* para (re)produzir sua fala:

Figura 01 - Interpelação



Disponível em:

<https://www.facebook.com/search/top?q=da%20s%C3%A9rie%20di%C3%A1logos%20voc%C3%AA%20pesquisa%20isso%3F>

Trago, então, esta situação como mote para esta pesquisa, em consonância com a **tira interativa 01**, no início do estado do conhecimento/arte, no intuito de desconstruir estereótipos dentro da Academia e (re)construir noções e conceitos a partir de desestabilizações, (des)(re)construções e provocações suscitadas, (re)afirmando que as tiras não são textos apenas para crianças ou puro entretenimento e que se fazem necessárias como objetos de estudo de dissertações e teses, pois podem ser mote de processos de ensino e aprendizagem em todas as fases formativas e condensam em verbo-visualidades excelentes críticas sociais.

Saliento ainda que, ao finalizar esse texto, consigo responder à interpelação feita: mesmo que ainda haja certo preconceito por conta de trazer o universo dos quadrinhos como objeto de estudo em nível de pós-graduação *stricto sensu*, há muitas pesquisas que se debruçaram sobre esse universo, mesmo em áreas que, pelo senso comum, estariam distantes desse objeto. Assim refuto veementemente a afirmação “Isso (Tirinhas, Charges, Quadrinhos) só serve para entreter os alunos em sala de aula ou só pra darem risada ou para falar mal do Governo.” já que com essa Tese mobilizo um universo muito mais amplo que as restrições impostas nesse comentário.

Acrescento que, tanto pelo viés discursivo quanto pelo viés da história cultural, a história não se manifesta apenas em documentos oficiais, mas também em elementos da cultura *pop*, em como eles refletem o momento sócio-histórico-político-ideológico. Daí, pois, o caráter onipresente desse objeto e suas implicações mais amplas àquelas restritas e estigmatizadas trazidas pela figura 01.

Cumpro refletir, ainda, que a visão conservadora sobre os textos quadrinizados humorísticos precisa ser combatida, haja vista que a história, com suas contradições, requer uma posição humorada, aberta ao equívoco e ao disparate, já que a língua é capaz de humor e de poesia, defendem Gadet e Pêcheux (2004), citando Bertold Brecht “difícil aderir ao Grande Método (a dialética) quando não se tem humor”. Os autores também problematizam a ideia de que o humor é fruto de uma mera brincadeira, que não requer um exercício intelectual. Para eles, o humor e a poesia não são “não são o domingo do pensamento, mas pertencem às competências fundamentais da inteligência política e teórica”

Logo, a organização final desta tese é dividida em três partes e cinco capítulos. Na primeira parte o intuito é apresentar um breve panorama acerca dos quadrinhos e das tiras abarcar as condições de produção da constituição das tiras de Armandinho, descortinando meu objeto de estudo, desde o processo de gestação até o acontecimento discursivo Pandemia da COVID-19. Para isso, divido-a em dois capítulos: no primeiro trago o pioneirismo dos quadrinhos e um olhar apurado para as tiras. Após isso, mobilizo as sequências discursivas por meio de tiras que vão do estágio embrionário delas até a sequência discursiva sobre a escolha do animal de estimação; já no segundo capítulo, continuo com as condições de produção, mas parto da descrição do Armandinho, perpassando pelo criador de *Armandinho* por meio da coletânea²⁹ e de três *transmissões ao vivo*³⁰ com o autor até a criação da

²⁹ Livros cujo título é *Armandinho* e vai do zero ao quatorze publicados entre 2013 e 2019 reunindo as tiras produzidas e publicadas na *fanpage* homônima no *facebook* entre 2010 e 2018 a partir da premissa de que a atitude da leitura é antes de tudo democrática.

³⁰ Faço a opção, neste momento, em não entrevistar o autor e sim recorrer a três *lives* em plataformas de domínio público as quais assisti durante o percurso de escrita dessa Tese e abordam a constituição do autor como cartunista. Porém não descarto a hipótese de poder conhecer o lugar em que as tiras são produzidos e poder bater um papo com o autor.

fanpage na rede social *facebook* e as implicações de atingir um público bem maior que os leitores dos jornais, além das publicações instauradas pelo acontecimento discurso da Pandemia.

Na segunda parte, apresento a fundamentação teórica com base na ADF a fim de promover gestos de leituras e mobilizar efeitos de sentido. No capítulo dessa parte, o terceiro, trago os pressupostos teóricos encontrados no arcabouço elencado a fim de abarcar a hipótese e as perguntas dessa pesquisa. Além disso, postulo um quarto capítulo para o percurso metodológico a partir da arqueogenealogia foucaultiana.

Por fim, a terceira e última parte sugere o percurso analítico, fundamentado na ADF, aspectos da teoria discursivo-desconstrutivista, dos Estudos dos Quadrinhos e a contribuição dos Estudos Culturalistas e Decoloniais e da Linguagem e Semiótica, lançando o olhar para/sobre as tiras de Armandinho desde a instauração do acontecimento discursivo Pandemia a fim de (na tentativa de) aproximar a tira à crônica imagético-discursiva e à ironia pelo viés discursivo-desconstrutivista, implicando, pois, no quinto capítulo desta Tese.

Para tanto, durante o período de seis meses (março a setembro/2020), foram produzidas e publicadas na *fanpage* homônima no *facebook* 181 tiras levantadas por mim. A maior parte inscreve-se no arquivo da Pandemia e aciona interdiscursos, formações e memórias discursivas outras que atestam a materialidade imagético-discursiva presente na tira, constituindo o *corpora* dessa pesquisa. Elenco, pois, para o gesto analítico, dois recortes discursivos, por meio das temáticas político-social e racial (e suas manifestações) e político-pandêmica (e suas implicações) as quais uso para agrupar dez tiras, criando meu *corpus* de análise, e intentar o Brasil em seis meses de publicações no intuito de verificar as acepções de efêmero e perene suscitadas pelos/nos recortes.

Em relação ao uso da acepção “tira” e “tirinha”, faço a opção, em consonância com o caminho de escolha longo (Ramos, 2017), em usar a expressão “tira”, mas mantenho o outro uso nos espaços em que fora usado por seus enunciadores.

É a partir do (in)dizível, da falha que entro na cadeia significativa para escrever esta Tese em que devo exercitar uma autoria, sustentada por uma leitura discursiva e por gestos simbólicos, da qual me será cobrada coesão, coerência, não contradição, continuidade, unicidade, responsabilidade pelo dito, mesmo sabendo que ele se construiu em relação ao não-dito e ao já-dito histórico presentes pela ausência, pela opacidade.



A cada degrau vou desestabilizar e (des)(re)construir conceitos, noções, interpretações, representações, a fim de lhe mostrar o quão diverso é cada terreno no qual pisamos, tal como os ditos de Camilo que deslocam os enunciados de Armandinho na **tira interativa 03** abaixo:

Tira interativa 03: Deslocamentos



Disponível em: <https://www.tumblr.com/tirasarmandinho/159507579324/tirinha-original> – Acesso em 27 de julho de 2024

Dada a materialidade linguística por meio da conjunção coordenativa “ou”, Camilo contesta as indagações de Armandinho a fim de promover o deslocamento do olhar cristalizado. Com esse diálogo (des)construtivo, busco o efeito de sentido de que, nesta tese, o diálogo das personagens e a troca de posição da fala/escuta nas tiras de Armandinho possibilitam escamotear não-ditos e já-ditos que podem engendrar pelo (inter)discurso irrupções singulares no lugar e momento de sua produção (Foucault, 2008).

Inicialmente, apresento um breve panorama dos quadrinhos a fim de apontar o espaço ocupado pelas tiras, além de imergir nas condições de produção que estabelecem a constituição das tiras de Armandinho, enquanto texto verbo-visual, a qual apresento a materialidade linguística (verbal e não-verbal) desde a criação da personagem Armandinho e suas implicações a partir do contexto sócio-histórico-político-ideológico-cultural.

Parte I: Condições de produção dos quadrinhos e das tiras: do processo gestacional de Armandinho ao acontecimento discursivo Pandemia da COVID-19

A primeira parte dessa Tese debruça sobre um histórico do lugar que as tiras ocupa nos Estudos dos Quadrinhos. Após isso, mobilizo o processo gestacional de Armandinho até ao acontecimento discursivo Pandemia da COVID-19.

Abaixo, disponho a **figura remissiva 01**³¹ com a capa do primeiro livro da coletânea que fora publicado em novembro de 2013, reunindo as tiras produzidas de 2010 até início de 2011:

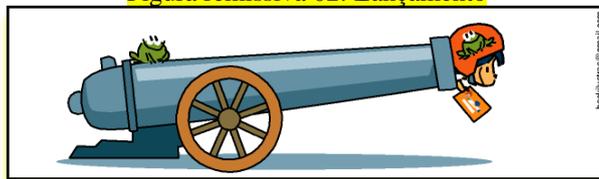


Beck (2013)

³¹ Como anunciado, recomeça a enumeração, pois há uma nova denominação para a apresentação das figuras que compõem a Tese.

Capítulo 1 – Dos quadrinhos às tiras: estágio embrionário e nascimento de Armandinho³²

Figura remissiva 02: Lançamento



O capítulo inicia com um panorama sobre os Estudos dos Quadrinhos, instaurando as Tiras como objeto desta Tese. Para isso, mobilizo um repertório breve sobre os quadrinhos e sobre as tiras, dentro do contexto estadunidense, francês e brasileiro, focando, logo após, na escavação da constituição de uma tira genuinamente brasileira, lançada, conforme **figura remissiva 02**, por meio de um processo de transição, em 2009, primeiramente como tira diária em jornais impressos e depois como tira virtual em redes sociais: *blog, facebook e instagan*.

1.1. Os quadrinhos

Tira remissiva 02: Passado, presente e futuro



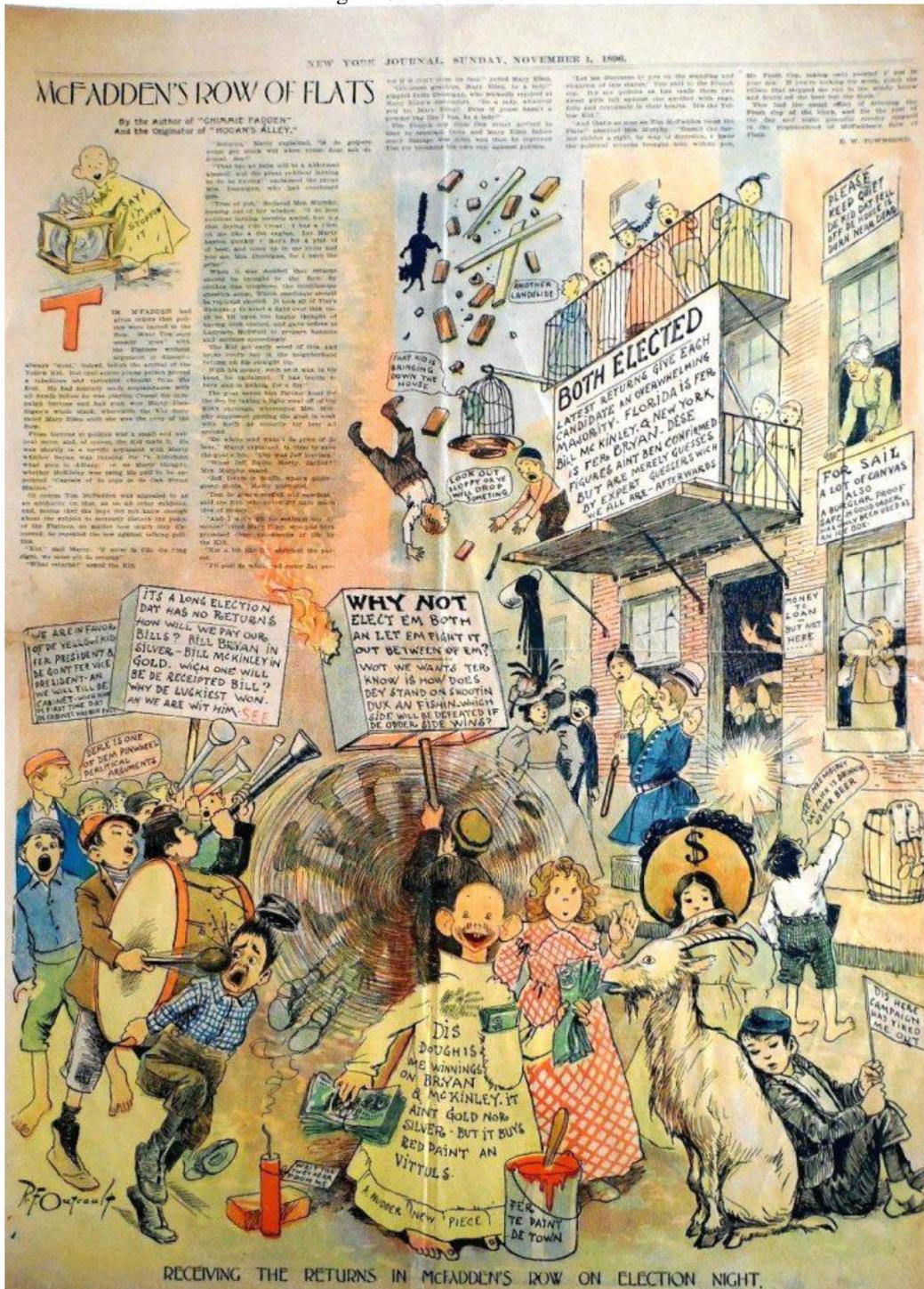
Disponível: <https://www.tumblr.com/tirasarmandinho/131046752584/tirinha-original>

A **tira remissiva 02** me impulsionou a descortinar o início das Histórias em Quadrinhos no mundo e no Brasil. Para isso, pautei-me em Moya (1993) o qual aponta o surgimento de “A linguagem das HQs, com a adoção de um personagem fixo, ação fragmentada em quadros e balões de texto” (p. 18), com a publicação da primeira história em quadrinhos moderna nos jornais sensacionalistas de Nova Iorque, conforme é mostrado na figura 02.

³² Condições de produção também levantadas a partir dos prefácios das coletâneas da série de 2013 a 2019.

Mesmo o pioneirismo recaindo sobre Richard Felton Outcault em seu trabalho “Yellow Kid, de 1896, ressalto que no âmago do formato dessa HQ encontro rastros das pinturas rupestres que contavam as caçadas dos homens pré-históricos

Figura 02: Pioneirismo mundial



Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/as-aventuras-de-nho-quim-sao-marco-historico-dos-quadrinhos-no-brasil-e-no-mundo/> - Acesso em 13/06/2024

Já em contexto brasileiro, as primeiras Histórias em Quadrinhos, doravante HQ, foram datadas de 1869, a partir da publicação da primeira edição de “As aventuras de Nhô-Quim” (ou “Impressões de uma viagem à Corte”), no periódico “Vida Fluminense”, em 30 de janeiro daquele ano, escritas e desenhadas pelo italiano Ângelo Agostini a fim de se posicionar criticamente diante dos graves problemas (sociais, culturais e políticos) contidos nos centros urbanos brasileiros. Tornou-se, pois, a primeira HQ genuinamente brasileira. Conforme a Figura 03, apresentou-se a representação do caipira (personagem interiorano, ingênuo e desastrado), o qual tornara um dos símbolos da cidade de Piracicaba, interior de São Paulo.

Figura 03: Pioneirismo brasileiro

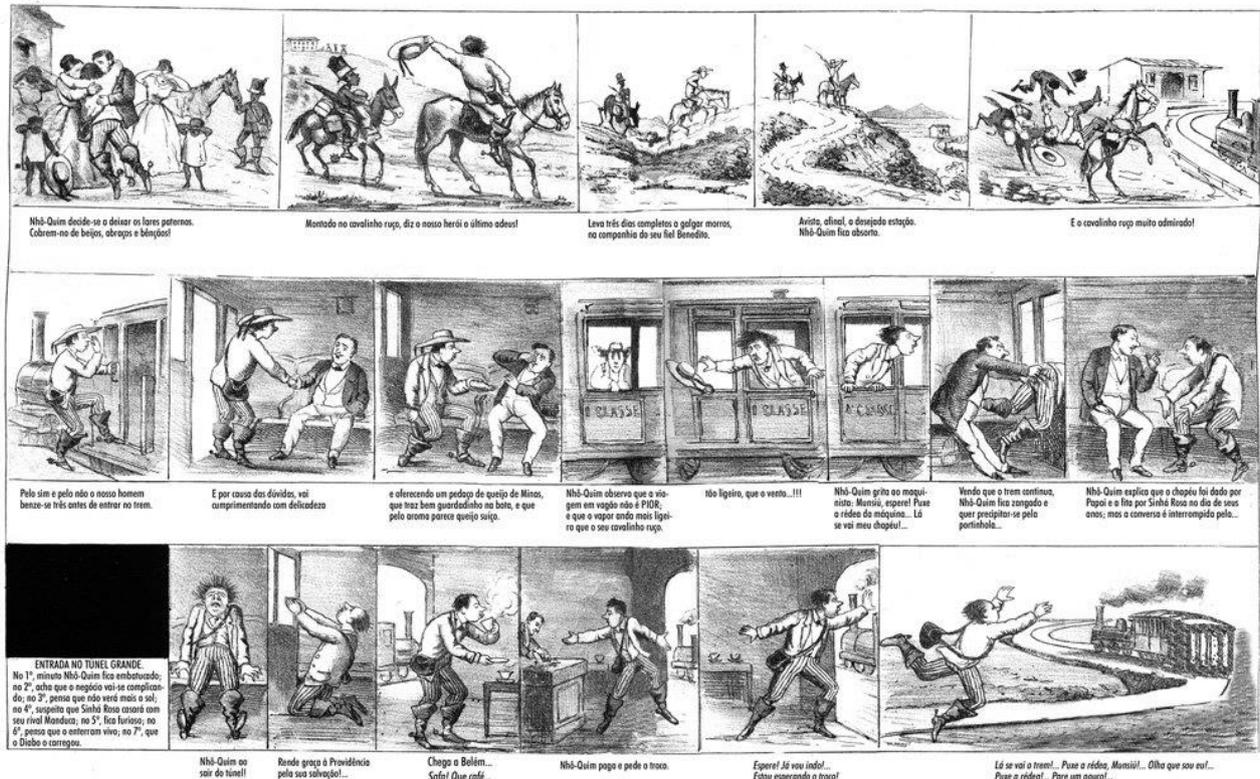
**As Aventuras de "Nhô-Quim",
ou impressões de uma viagem à corte**

Ângelo Agostini (30 de janeiro de 1869 - Jornal Vida Fluminense)

História em muitos capítulos
(De Minas ao Rio de Janeiro)

Nhô-Quim, jovem de 20 anos, filho único de gente rica porém honrada, enamorara-se de Sinhá Rosa, moça virtuosa, mas que... de louça nem um pires. O velho Quim, tendo só em vista a felicidade do pequeno, entende que mulher sem dinheiro é asneira; e por isso em lugar de mandar o filho plantar batatas (o que seria muito proveitoso na roça), resolve dar-lhe um passeio à Corte para distraí-lo.

Capítulo I



Disponível em: <https://universohq.com/noticias/quadrinho-nacional-comemora-145-anos-hoje/> - Acesso em 13/06/2024

Saliento que o formato brasileiro pautou-se por histórias contínuas, comicidade e crítica política. Além disso, o dia 30/01 tornou-se o “Dia do Quadrinho Nacional” (ou Dia Nacional das Histórias em Quadrinhos) em alusão à primeira HQ publicada no Brasil. Por fim, uma novidade fora incorporada com tal publicação: histórias com um personagem fixo.

Pela perspectiva semiótica, Cirne (2000) faz uma possível definição de os quadrinhos como “narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes estes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas” (p. 23-24)

As histórias em quadrinhos designam textos compostos, basicamente por um sistema narrativo com a presença da linguagem não verbal e da linguagem verbal, que interagem de modo a produzir sentido (Ramos, 2007)

Na tentativa de caracterizar os quadrinhos, pelo modelo teórico dos gêneros textuais, Mendonça (2010) trata-os como “gênero icônico ou icônico-verbal narrativo, cuja progressão temporal se organiza quadro a quadro”. Ainda, a autora enumera os elementos típicos das histórias em quadrinhos: “desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas, onde é inserido o texto verbal” (p. 215). Mendonça (2010) assevera, ainda, que “no século XX, consolidaram-se os jornais, o veículo ideal para a expansão do alcance das HQs e de sua diversificação” (p. 210).

Por conta de a HQ já ter o *status* de arte – 9ª arte, segundo os franceses, as tiras diárias humorísticas ainda são vistas como entretenimento, colocadas ao lado de passatempos que amenizam a sobriedade de jornais. Com o advento da internet, as tiras aparecem no suporte virtual, sendo salutar reconhecer seu aspecto linguístico-visual-discursivo como o empreendido nas tiras de Armandinho presentes nesta Tese.

1.2. As tiras



Disponível: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1253846957993941/?type=3>

Surgida de a necessidade dos jornais diversificarem seu conteúdo diário, devido a mídia impressa nos EUA, em fins do século XIX, ter sido massificada, as tiras eram narrativas que utilizavam balões contendo as falas das personagens. No Brasil, algo similar acontece no século XX a fim de diversificar os conteúdos publicados pelos meios jornalísticos impressos com vistas a atingir a massa. Recupero para esta Tese que a presença do humor foi bastante marcante nesse período com a finalidade de crítica aos costumes e à moral da época.

Mesmo que transite entre charge e cartum, a tira humorística, de acordo com Nicolau (2020) “tem caráter atual e intemporal, haja vista que carrega um conteúdo quente, de crítica política e de costumes, retratando com aguçada ironia os paradoxos de nossa sociedade” (p. 6).

Consoante a **tira remissiva 03**, composicionalmente, a tira mais comum tem uma faixa horizontal retangular (ou vertical) com três quadrinhos. Há outras formas, não tão populares quanto essa, que também são conhecidas: tira com dois quadrinhos, quadrado adaptado e tira de dois andares.

No contexto educacional, as tiras são “gêneros consagrados pela escola” (BNCC, p. 69) a partir das seguintes possibilidades didático-pedagógicas: fruição leitora, apreciação estética, letramento, reflexão crítica, competência escritora, problematizações e produção de sentidos.

Tira cômica é definida por Ramos (2010, 2011 e 2014) como um texto em quadrinhos, curto, tendencialmente narrativo e com desfecho inesperado, fonte de humor, tal qual ocorre numa anedota, hoje, circulada em mais de um ambiente: páginas impressas de jornais e virtualmente em sites, blogs e redes sociais.

Ramos (2015) mostra que “as tiras cômicas têm como marcas genéricas a apresentação de um desfecho surpreendente, elemento que causa o humor, assim como ocorre em piadas”. Além disso, o autor corrobora o modo comercial de circulação criado nos jornais norte-americano, no início do século XX, nos quais surgem as tiras cômicas “A sequência predominante indicada costuma ser narrativa, curta por conta da economia de espaço imposta pelo formato da tira” (Idem). Por fim, Magalhães (2006) descortina que as criações nacionais reproduziram o molde físico e o modo comercial de circulação criados pelos estadunidenses: cria-se uma mesma história com tamanho predefinido a fim de ser reproduzida em mais de um jornal. Logo, o fator econômico implicado em que se ganha mais com o mesmo produto.

Em relação às tiras, a autora afirma que são um subgrupo de HQ, mais curtas (de até 4 quadrinhos) de caráter sintético, podendo ser *sequenciais* (partes de narrativas maiores) ou *fechadas* (um episódio por dia). Quanto às temáticas, algumas tiras também satirizam aspectos econômicos e

políticos do país, embora não sejam tão “datadas” quanto a charge (Mendonça, 2010). Ainda Mendonça (2010, p. 214) divide as tiras fechadas em dois subtipos:

I – Tiras piada, em que o humor é obtido por meio das estratégias discursivas utilizadas nas piadas de um modo geral, como a possibilidade de dupla interpretação, sendo selecionada pelo autor a menos provável;

Tira interativa 04: Raiva



Disponível em: <https://vitrinecatarina.wordpress.com/2013/11/12/tirinhas-do-armandinho/>

II – Tiras episódio, nas quais o humor é baseado especificamente no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens.

Tira interativa 05: Arrumando...



Beck (2014, p. 64)

Nesta Tese, de acordo com meu olhar sobre o objeto de análise, suscitaram as tiras fechadas, variando em tira piada e episódio. Para isso, destaco as informações acerca do gênero escolhido como objeto e sua relevância, especialmente, por conta de o humor ser o elemento desencadeador dos

efeitos de sentidos e do viés crítico-reflexivo das tiras de Armandinho, como nos exemplos das **tiras interativas 04 e 05** ilustradas anteriormente.

O capítulo finaliza com a missão de mostrar as condições de produção em que fora gerado o objeto dessa tese a partir de uma imersão na coletânea a qual traz o lançamento de Armandinho, além de seu processo de constituição e identidade (Coracini, 2007).

Tira interativa 06: Lançamento



Disponível: <https://br.pinterest.com/pin/352617845807076327/>

“Talvez fosse melhor dizer que houve planejamento, mas o Armandinho nasceu mesmo por acaso” (Beck, 2013, p. 3). A partir deste parágrafo inicial do primeiro livro da coletânea, resolvi escavar os elementos que compuseram o nascimento do personagem, desde o processo gestacional, pois é necessário mobilizar em que circunstâncias ocorreu o “acaso” citado pelo autor e o motivo pelo qual seria melhor ter dito que fora planejado, já que Pêcheux e Fuchs (1997) afirmam que o sujeito é afetado por dois tipos de esquecimento: o esquecimento nº 1 é aquele cujo sujeito acredita ser origem de tudo que enuncia e o esquecimento nº 2 em que o sujeito tem a ilusão de que o que diz tem apenas um significado.

1.2.1 Tiras de a República

Nas buscas feitas por informações iniciais do autor, constatei que no ano de 2009 ele desenhava tira para o jornal Diário Catarinense a qual abordava assuntos relacionados ao meio estudantil, haja vista que o título era *República*, conforme **tira remissiva 04**, d(n)a qual faço a escavação agora a partir da caixa de ferramentas³³ empreendidas nesta pesquisa.

³³ Metáfora emprestada de Foucault (2008) a fim de problematizar as tiras como prática discursiva.

Tira remissiva 04: Personagens de a República



Fonte: Beck (2013, p. 5)

As páginas iniciais do livro *Armandinho zero* (Beck, 2013) foram destinadas a apresentar um pouco sobre as tiras que são produzidas por Alexandre Beck e inspiradas nos amigos que fizera no curso de jornalismo. Segue a **sequência 01**³⁴ trazida no livro:

Sequência 01: Tiras de a república



³⁴ Como anunciado, recomeça a enumeração, pois há uma nova denominação para a apresentação das tiras que compõem a Tese.



Fonte: Beck (2013, p. 5-7)

Mobilizo, aqui, o atravessamento que as tiras possuem com a posição-autor (Foucault, 2008; Orlandi, 2004), ao abordar como era seu cotidiano com a turma de jornalismo e trazer em suas publicações. Assim como sujeito em ADF não é o sujeito empírico, mas a posição sujeito projetada no discurso, não é o sujeito físico que funciona no discurso, mas a posição sujeito discursiva, e, se temos um no discurso, no texto o que temos é um autor. Como afirma Orlandi (1996):

[...] se a noção de sujeito recobre não uma forma de subjetividade, mas um lugar, uma posição discursiva (marcada pela descontinuidade nas dissensões múltiplas do texto) a noção de autor é já uma função da noção de sujeito, responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto, produzindo o efeito de continuidade do sujeito (Orlandi, 1996, p. 68).

A autora refletiu que a função autor é o trabalho discursivo do sujeito-autor que organiza e gera um efeito de unidade ao discurso produzindo sentidos. Ainda, o sujeito-autor pode ser entendido como um lugar social que o sujeito assume como produtor de linguagem e ser mais afetado pela exterioridade e pelas exigências de coerência, de não contradição e de reponsabilidade.

Por fim, a autora procura estabelecer a autoria como função enunciativa do sujeito, distinta de enunciador e de locutor. A função autor, para Orlandi (1996), não se limita como em Foucault (2002), a um quadro restrito e privilegiado de produtores originais de linguagem, mas se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não contradição e fim.

Diante do exposto, a tira-apresentação trouxe os cinco moradores da república retratando a região praiana do sul onde se localiza o jornal e é marca do Estado ser banhado pelo Oceano Atlântico.

O personagem denominado *Urso* aparece de forma central nesta tira e também ocupa espaço em todas as cinco tiras escolhidas para o livro.

Pela palavra permitir equívoco, o não-dito das tiras apresentadas aqui fundamenta outro sentido possível para República (com R maiúsculo) tratando-se do país, já que vivemos na República Federativa do Brasil.

Por mais que a circulação do jornal tenha como foco a cidade de Florianópolis, a temática discutida nas tiras abrangia outras realidades sociais, isto é, as vozes representadas nas tiras ecoavam problemas micros, mas que também são macros (e mais uma vez o jogo entre república – moradia, micro e República – país, macro) e com o advento da internet o acesso às tiras foi possibilitado.

No mesmo ano, surge um convite do jornal para que o autor ilustrasse uma matéria de economia sobre a relação pais e filhos com um prazo bem curto. Como os personagens de a república vistos anteriormente fugiam ao perfil requerido, era necessário pensar algo que atendesse à demanda. Para a matéria, o autor relata³⁵ que leu a reportagem, pensou alguns roteiros, mas era necessária a matéria-prima a qual começa seu estágio embrionário.

1.3 Estágio embrionário

Na tentativa de controlar o dizer sob a ilusão da transparência dos sentidos (Pêcheux, 2006) e (Althier-Revuz, 2004), Beck (2013) explica “Usei o desenho de um menino que fiz para outro trabalho e desenhei dois pares de pernas para representar seus pais” (Beck, 2013, p. 3).

A presença desta metonímia dita pelo autor na constituição dos pais presentes na tira “dois pares de pernas” vem de um recurso denominado decupagem e é de outra arte: a sétima arte, o cinema. Esse termo vem do francês *decupage* e significa cortar. Ao realizar o corte, aproxima e também distancia. Produz um efeito de sentido paradoxal, assim como a relação ocorrida na cena enunciativa **tira remissiva 05** e **sequência 02**: parece haver uma relação de forças na microcapilaridade (Foucault, 1979) e, ao mesmo tempo, o atravessamento de um conflito possibilitado pela personalidade em construção do, até então, garotinho em gesto de resistência (Foucault, 1999, 2008). Eis as tiras do estágio embrionário de Armandinho:

³⁵ Alexandre Beck explica o processo para criação do *Armandinho* para o NuPeQ – Núcleo de Pesquisas em Quadrinhos da UEMS – Campo Grande. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=ODfPM2MODTE> – Acesso em 25 de julho de 2023

Tira remissiva 05: Guto



Fonte: Beck (2013, p. 9)

A publicação das tiras ocorreu em nove de outubro de 2009 e é apresentada na **sequência 02**:

Sequência 02: Tiras embrionárias



Fonte: Beck (2013, p. 8-9)

Em 2009, o Brasil iniciava uma recuperação devido aos reflexos e implicações da crise econômica internacional de 2008³⁶ e o Estado de Santa Catarina teve o terceiro maior crescimento de arrecadação de ICMS do país de janeiro a outubro de 2009 sobre igual período de 2008, porém o jornal alertava para a economia doméstica e a sequência de tiras retratou isso.

A primeira tira da sequência traz apenas o garoto e é formada por quatro vinhetas ou quadrinhos, definidos por Vergueiro como “[...] representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a

³⁶ Ver: <http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2011/09/entenda-como-crise-de-2008-influenciou-vida-dos-brasileiros.html> - Acesso em 05/12/2020

compreensão de uma determinada ação ou acontecimento.” (2012, p. 35). Postema (2018) vai denominar segmentos sequenciados.

As tiras apresentadas nesta **sequência 02** trazem a borda ou signo de contorno, como postula Ramos (2010) e tem como função dupla “marcar graficamente a área da narrativa e indicar o momento em que se passa aquele trecho da história” (2010, p. 98). Ao comparar com a sequência anterior, constatei que há ausência de linha demarcatória em algumas vinhetas, porém isso não dificulta a leitura, pois é imaginado pelo leitor o contorno não marcado. Além disso, em ambas as produções, há alguns quadrinhos em que a moldura é extrapolada pelas falas das personagens.

Apoiado em Vergueiro (2012, p. 56) “O balão é a intersecção entre imagem e palavra”, ao comparar as tiras de a República com as do garoto, constato que o autor abandona o uso do balão, porém mantém o rabicho, que segundo Vergueiro é “um prolongamento ligado ao balão” (2012, p. 57), oferecendo ao leitor o alerta para os turnos de fala.

Além disso, o autor mantém em ambas as produções a disposição para indicar a ordem dos falantes nos quadrinhos conforme aponta Vergueiro “balões [ou o imaginário de] colocados na parte superior esquerda do quadrinho devem ser lidos antes daqueles colocados à direita e abaixo.” (*Idem*, *acréscimo meu*).

Em relação ao conteúdo apresentado na **sequência 02**, duas vinhetas reproduzem, mesmo que sem balão e rabicho, a fala do pai do garoto a partir da leitura da matéria para qual as tiras foram produzidas. O pai está ausente do enquadre inicial e só temos a informação deste interlocutor na última vinheta com o vocativo usado pelo garoto. Ele ouve atentamente e entre a segunda e quarta vinhetas há a ação feita pelo menino legitimada por sua fisionomia no último quadrinho. A onomatopeia apresentada no terceiro segmento sequenciado corrobora a ideia de extrapolar a linha demarcatória acrescentando o susto do pai por conta das letras maiúsculas e em negrito e as reticências. Logo, o efeito de sentido da temática da economia e a relação pai e filho é compreendida pelo último quadrinho que sugere por meio de uma indagação uma advertência do filho para o pai em relação ao que é executado.

A segunda tira dessa sequência é formada por dois segmentos sequenciados e que atestam o que o autor mencionou a respeito de como foram criados os pais do garoto, da cintura para baixo, marcados pelos estereótipos do imaginário social: calça para o pai e saia/vestido para a mãe. Acrescento aqui a partir a microcapilaridade das relações de saber-poder (Foucault, 1979) que essa verticalidade em relação ao tamanho do Armandinho (criança) e os pais (adultos) as relações microfísicas de poder, que são constantemente desestabilizadas e desconstruídas pela criança que não

aceita as condições impostas pelos adultos e estando sempre em gestos de resistências (Foucault, 1999, 2008).

De acordo com o ângulo em que as personagens se posicionam, há a possibilidade de entender uma relação vertical entre eles, pois o ângulo dos pais é de visão superior em relação ao filho e o ângulo do filho em relação aos pais é de visão inferior. Além disso, o corte ocorrido na cena enunciativa com os pais reforça a ideia da relação assimétrica a partir de um conflito instaurado. Ambas as tiras da **sequência 02** utilizam o ângulo de visão médio e os planos mais utilizados são o geral, total ou de conjunto e médio ou aproximado (Vergueiro, 2012).

Ainda, o texto verbal está apoiado na expectativa do recebimento da primeira mesada pelo garoto, a qual é quebrada pela recategorização dele do referente “mesada” para “mixaria”. Assevero aqui expectativas diferentes em relação ao tema de economia doméstica, ainda mais pelo contexto da época enfatizar que começava uma recuperação econômica e a excelente posição catarinense no *ranking* de retomada. Mobilizo, pois, a noção de formação discursiva a partir dos efeitos de sentido da palavra “mesada”, haja vista que para o garoto há um sentido e para os pais, outro. Para “Guto”, é possível perceber que não foi o suficiente ou nem próximo do que imaginou como recompensa, já que sua escolha lexical “mixaria” denota isso. Já para os pais, foi o que conseguiram diante da situação de recuperação econômica na qual se encontravam e puderam garantir a recompensa, pois na escolha lexical do pai era “um grande dia” e da mãe a expectativa em “ver a carinha dele”.

A última tira desta sequência embrionária traz três vinhetas para formá-la e tem a ausência do pai. O efeito de sentido dessa ausência é asseverado pela temática discutida. A mãe interpela o garoto, que é apresentado como “Guto” sobre o dinheiro da babá. Logo, esta conversa corrobora mais uma vez a formação discursiva (Foucault, 2008) do imaginário social que assuntos relacionados aos cuidados com crianças e de casa são das mães/mulheres no âmbito familiar e ao pai é direcionado o assunto de trabalho e tecnologia.

Ramos (2017), ao discorrer sobre o processo de construção dos sentidos, mostra que:

Esse processo, que leva ao sentido, não é dado, mas construído. Parece mesmo um quebra-cabeça. A pessoa tem de colocar uma peça por vez, pensando onde ela se encaixaria melhor, até ter a cena toda revelada à sua frente. No caso das tiras cômicas, trata-se de um texto peculiar: elas trazem uma leitura específica que, se não desvendada pelo leitor, não leva ao sentido humorístico. (Ramos, 2017, p. 79)

“Continuei a desenhar a República, mas comecei a pensar em um futuro para o pequeno personagem criado no **susto**” (Beck, 2013, p. 3, destaque meu). Isso ocorreu pela boa aceitação que tiveram as tiras com os leitores haja vista que criar uma criança para refletir um assunto denso como

economia de uma forma leve e prazerosa gerou uma empatia dos leitores, corroborando o que fez Monteiro Lobato, ao criar a personagem Emília em plena Ditadura³⁷.

Ao refletir isso, percebo que as tiras do Armandinho são passíveis de mobilizar sentidos por meio do jogo multimodal, elementos não-verbais associados ao texto verbal, anunciado: as formas de representação do som (onomatopeias), as formas de apresentação do quadrinho, o contorno ou não dos quadros, as metáforas visuais, a expressão facial/corporal dos personagens e as figuras cinéticas.

Eis, então, que nascem as tiras de Armandinho a partir de um processo de transição por meio de uma tira a qual denomino tira-híbrida (o primeiro enquadre traz as personagens de a República e as outras duas vinhetas, Armandinho), sobre a qual discorro no próximo item.

1.3.1 Tira de transição: o nascimento

“No dia 17 de maio de 2010 foi publicada aquela que seria a última tirinha da República e a primeira de um menino de cabelo azul, ainda sem nome” (Beck, 2013, p. 3):



Fonte: Beck (2013, p. 9)

Após os sete meses de gestação, o menino de cabelo azul e sua relação com os pais, *a priori*, nasciam. Um parto prematuro e mostra que a transição ocorreu tanto na forma como no conteúdo. Analisando as produções de a República (sequência de tiras 01) e as tiras encomendadas (sequência de tiras 02), constatei que os elementos que marcaram as duas produções são apresentados aqui: inexistência do contorno, mas que o leitor imagina a vinheta e a ausência dos balões e presença do rabicho e a demarcação do segmento sequenciado.



³⁷ RAIMUNDO (2019, p. 26-34) – ver:

<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/9398/5/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Ana%20Lu%20c3%adsa%20Macedo%20Raimundo%20-%202019.pdf> – Acesso em 17 de maio de 2020

Postema (2018) apresenta o conceito de *layout* o qual “institui as condições para a leitura [e é regido] pela maneira como os quadros são dispostos na página, pela forma dos quadros e das molduras, e pela aparência da sarjeta” (2018, p. 58, acréscimos meu). Com isso a autora mostra que quadros “[...] podem conter imagens, texto, uma combinação dos dois, ou podem até ser vazios [com significância]” (*Idem*, acréscimos meus). Logo, o quadro “[...] é o espaço restrito pela moldura ... há espaço fora dos quadros, que também são delineados por molduras” (*Idem*).

Postema (2018, p. 83) define sarjeta como “os espaços em branco entre os quadros”, ou seja, uma lacuna entre os momentos fragmentados. Esse espaço é, então, preenchido pelo quadro seguinte e pelos novos processos de significação, isto é, ele sinaliza a sequencialidade da imagem e torna-se visível no processo de leitura. É sobre esse olhar discursivo que a sarjeta ganha a função de significar sequencialidade, ao criar um movimento contínuo em direção ao próximo quadro e as condições de (re)negociar o sentido baseado em informação nova comparada ao que já foi previamente estabelecido. Por isso que Postema assevera que “[...] sarjetas e imagens são elementos paratextuais dos quadrinhos, criando condições materiais para os texto [das tiras], mas ao mesmo tempo também significam por elas mesmas.” (*Idem*, acréscimo meu)

Ao tentar definir Quadrinhos por meio de uma análise composicional, Cirne (2000) apresenta os cortes:

Quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivo cortes, cortes estes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas. O lugar significativo do corte – que chamaremos corte gráfico – será sempre o lugar de um **corte espaço-temporal, a ser preenchido pela imaginação do leitor**. Eis aqui sua especificidade: o espaço de uma narrativa gráfica que se alimenta de cortes igualmente gráficos (Cirne, 2000, p. 23, destaques meus)

Assim, Vieira (2017) anuncia os cortes, segundo Cirne (2000) a fim de mostrar que o resultante da passagem ou salto de uma imagem para outra é a narratividade que os quadrinhos possuem. Porém, fica impossibilitado retratar todos os momentos dessa passagem quadro a quadro, emerge a elipse (Cirne, 2000) marcada pela linha ou espaço em que se divide cada quadro ou vinheta.

Logo, tanto a sarjeta (Postema 2018) quando a elipse (Cirne, 2000) são recursos composicionais dos textos em quadrinhos, que neste trabalho, implica no viés discursivo e suscita a ironia e o processo (des)(re)construtivista acerca da quebra de expectativa e sentidos outros propostos nas tiras das sequências discursivas elencadas até então.

Com isso, problematizo que as tiras de a República apresentavam um *layout* simples, formado por uma moldura retangular expressa ou imaginária. No caso da tira híbrida acima, o quadro em que os personagens de a República aparecem está com moldura imaginária demarcando a vinheta e o

layout também é híbrido nesta sequência segmentada, pois nos quadros em que aparece Armandinho a moldura está expressa e de forma retangular.

Ainda convém lembrar que Cagnin (1975) denominou funções narrativas implícitas o mecanismo narrativo específico das tiras e arrolou três momentos: uma situação inicial; um elemento disjuntor e a disjunção responsável pela quebra de expectativa e pelo efeito de humor.

Em relação às falas, o quadro que remete à República é marcado pelos balões e com o rabicho indicando de quem é a fala com leitura sequencial da esquerda para a direita. Já o último quadro em que aparece Armandinho há a ausência dos balões e a fala é marcada pelo rabicho. Estas alterações anunciavam o novo formato que o autor passa a adotar para novos personagens, novas temáticas e mantendo ou não alguns recursos dos quadrinhos.

Em relação ao conteúdo linguístico-visual da tira de nascimento, tem-se a despedida da República, marcada pela ida das personagens para uma festa tradicional do sul realizada no mês de maio com os elementos visuais que representam viagem: bolsas, mochilas. A expressão do garoto de cabelo azul, no segundo quadro, a partir do pedido de um dos integrantes da República para que cuidasse bem daquilo ali, mostra que ele não entendeu o pedido. Corrobora essa ideia a fala dele, ao interpelar o pai no último quadrinho.

Como anunciado pelo autor no início dessa seção, era a última tira de a República e a primeira de um menino de cabelo azul, ainda sem nome, e que ocupou o espaço no jornal Diário Catarinense para trazer a voz de uma criança atravessada pela posição-sujeito (Foucault, 2009) do autor a fim de refletir/contestar alguns aspectos da relação pais e filhos, *a priori* e que futuramente esse escopo seria ampliado e o garoto questionador começaria a denunciar, criticar, problematizar por meio de seus já-ditos e não-ditos nas cenas enunciativas de suas trias inúmeras situações sociais e suas mazelas, além de que, quando atingisse o universo virtual, funcionaria, também, como reação aos acontecimentos do cotidiano, passando do efêmero ao perene e se aproximando da crônica imagético-discursiva.

Com isso, a próxima sequência discursiva de tiras traz as regularidades discursivas sobre a escolha do nome da personagem desestabilizando quatro páginas da coletânea.

1.3.2 Sequência de tiras: a escolha do nome

A sequência abaixo traz as oito tiras produzidas para contar a história do “batismo”, enquanto processo identitário. A **tira remissiva 07** traz uma indignação da personagem de cabelo azul a partir de um dado conhecimento partilhado culturalmente de que o nome representa a identidade. E ainda

questiona as relações microcapilares (Foucault, 1979) de saber-poder (Foucault, 1999, 2008) entre ele e o pai ao questionar e usar somente pai como interlocução.

Tira remissiva 07: Questionador



Fonte: Beck (2013, p. 63)

Eis a sequência 03:

Sequência 03: Escolha do nome





Fonte: Beck (2013, p. 63-66)

Na primeira tira da **sequência 03**, há a ausência do garoto, pois o diálogo recai sobre os pais, a partir de o pai endossar a percepção anterior do filho em relação a não possuir uma marca de identidade pela qual possa ser chamado e alega que isso possa traumatizá-lo. A mãe deixa escapar (Coracini, 2003, 2007) e (Lacan, 1998) que o nome do pai não é comum, mesmo que não saibamos qual é. Este não-dito presente nesta tira foi possibilitado por meio do substantivo “trauma”, uma vez que a mãe com seu instinto protetor não quer que seu filho se traumatize com um nome incomum. O pai incisivo rebate com veemência o não trauma diante de seu nome. Porém, tal nome não é enunciado

nas tiras de Armandinho, pois é sempre “pai” e “mãe” para o casal, como uma forma de não pessoalizar, mas representar essa categoria familiar.

Na tira 02 da **sequência 03**, o garoto então quer assumir o papel de escolha de seu nome e o pai apresenta algumas possibilidades de nomes de garotos. Ele não gostou de nenhum e de acordo com a sua formação imaginária (Foucault, 1999, 2008) infantil sugere nomes de personagens de desenhos infantis como “Bob esponja” e “Tarzan”. Possivelmente, são os desenhos aos que ele teve acesso em sua infância e que são nomes que fogem aos normais apresentados pelo pai e julgados pelo garoto como “sem graça”. Para o garotinho, o nome é uma escolha e que possibilita ter uma explicação e não continuar sendo o mais do mesmo.

A terceira tira da sequência apresenta uma resolução para o problema: o batismo, a partir de uma formação discursiva cristã. Os pais do garoto explicam-lhe como será feito e ele indaga sobre “leitor” e sobre “jornal” já que a escolha do nome dar-se-ia por meio do jornal. Com essa indagação e com o uso da metalinguagem, o garoto de cabelo azul descobre, na tira quatro, que diariamente faz parte de um jornal e é produzido em forma de tira.

A quinta tira da sequência traz a mudança fisionômica do garoto com a felicidade de ter um nome. Fazendo uma interlocução com a primeira tira da sequência, esta reação validaria a ideia da identidade tão enfatizada por ele, porém sua felicidade encontra-se em “aparecer na lista de chamadas da classe”. Por fim, não sabe qual a vantagem de isso ocorrer.

A sexta tira traz o nome que foi escolhido: Armandinho. Ele não gostou nada da escolha realizada. O batismo ocorreu e o último quadrinho desta tira endossa as ações dele e seu nome, já que o garoto sempre está “armando” algo. Logo, tem-se aqui a pluralidade de efeitos de sentidos carregados pela palavra *Armandinho*.

A última tira da sequência mostra a forma como (achou que) tomou consciência de seu nome, como enfatizado na sexta tira, a utilização da chamada escolar foi um exemplo prático de que seu nome estava ganhando um uso social.

Dessa forma, nas sequências apresentadas até aqui, há jogos de sentidos nas narrativas (textual e visual), pois na fala, nos gestos e na imagem, seja expressa uma suposta inocência, Ainda, uma linguagem infantil representada, pensada e articulada por um adulto, em posição-sujeito autor, que dá voz e sentido a pensamentos e ideias, a partir do personagem criança com o compromisso em tratar de temas relacionados a questões sociais e políticas, como a preservação do meio ambiente e a igualdade social e, especialmente, de cuidado com os animais de estimação. No item que segue mostro como isso se dá ao mobilizar cinco páginas da coletânea para tratar sobre o animal de

estimação, *a priori*, bem inusitado, corroborando com a constituição de Armandinho pelo que fora descortinado até aqui.

1.3.3 Sequência de tiras: o animal de estimação

Ainda no livro *Armandinho Zero*, é apresentada em 09 tiras a escolha pelo animal de estimação. Ao iniciar, na **tira remissiva 08**, Armandinho reivindica um espaço para ele por meio de um questionamento acerca de possuir um animal de estimação, estendendo isso a todas as pessoas. Seu pai o interpela, dizendo-lhe que nem todos têm. Logo, ele se coloca na posição de um animal de estimação de seus pais, reforçando o imaginário social de que os animais de estimação assim como os filhos requerem cuidados e atenção:

Tira remissiva 08: Animal de estimação



Fonte: Beck (2013, p. 31)

Ao fazer isso, o efeito de sentido possibilitado recai sobre a busca de seu espaço perante sua família um gesto de resistir a parti de um já-dito que indaga na materialidade verbo-visual por meio de uma reação corporal de Armandinho (cabeça inclinada, boca bem aberta e mão em posição de incredulidade), reagindo à negativa de seu pai que não o percebe como alguém com quem deva ter estima, envolvendo, pois, diferentes acepções de cada personagem para a locução adjetiva “de estimação”.

Continuando o imbróglio sobre o animal de estimação, a **sequência 04** problematiza:

Sequência 04: Escolha do animal de estimação





Fonte: Beck (2013, p. 31-35)

A primeira tira da **sequência 04** traz a lista dos animais de estimação que Armandinho gostaria de ter e pela reação do pai, em sua fala, são todos animais de grande porte e que não entram no leque de animais possíveis de serem de estimação, pois pressupõe que a criação é em espaços menores e que podem ser ocupados pelos denominados "PETs". O garoto de cabelo azul justifica que o "tigre" é "pequeno" em relação ao "rinoceronte" e, com isso, contempla o mote da discussão imposto pelo

pai ao categorizar o substantivo “bicho” como “pequeno”. Mobilizo, aqui, a partir de um não-dito elementos para mais uma vez associar Armandinho ao *Calvin*, de *Bill Watterson*, como influência de construção da personagem, pois o animal de estimação dele é um tigre, denominado *Haroldo*.

Na segunda tira, Armandinho justifica para sua mãe os motivos que o faz querer ter um animal de estimação “eu vou me tornar mais responsável e organizado”, justamente por ser o que a mãe espera que ele se torne, a partir da relação microcapilar (Foucault, 1979) de saber-poder (Foucault, 1999, 2008) entre mãe e filho. É nesse jogo entre “responsabilidade” e “responsabilidade” que a cena enunciativa se desenvolve a fim de que ele consiga justificar sua insistência pelo animal de estimação. Logo, ele quer convencê-la a partir da premissa de sua mudança atitudinal como gesto de resistência (Foucault, 1999). Ele é interpelado pela mãe e na próxima tira, a terceira, a mãe consegue com que ele abra a caixa, onde possivelmente estaria o animal. Para a surpresa dele, a caixa está vazia.

Como a mãe ainda não poderia saber sobre o animal, Armandinho solicita ajuda de seu pai na quarta tira da sequência. Constato aqui uma referência à **sequência 03**, especificamente, à quarta tira, a partir do elemento linguístico “batizei”, pois vê-se a reflexão do pai em cima do ter o nome e cobrar isso do Armandinho e ele alegar que ainda não tinha batizado, ratificando a formação discursiva religiosa.

Na quinta tira, então, Armandinho, atendendo ao pedido de seu pai, descreve o animal que procura e pondera ser melhor encontrá-lo antes de sua mãe. Com isso, a sexta tira traz a advertência do garoto para sua mãe, que acaba desobedecendo, e ele reflete na última vinheta outra formação imaginária acerca do exemplo que precisa ser dado para que haja a obediência dentro das relações de poder entre mãe e filho. Ainda, a sétima tira desta sequência, Armandinho adota novamente outro elemento para se desvencilhar das relações de força que o perpassa, utilizando um recuso de negociação dos adultos como mais um gesto de resistência.

É no plano verbo-visual da sétima tira que o caráter contestador de Armandinho suscita o jogo entre ele e seu pai, principalmente. A mãe continua desmaiada por conta da reação ao encontrar o sapo e o pai dialoga com o filho. A interpelação do pai recai sobre o verbo “pedir” a fim de marcar a posição de controle que o adulto tem em relação à criança e que o pai de forma ilusória acha que a tem. Logo, lançando mão da expressão “tática de adultos” e adentrando à formação discursiva do discurso do adulto, funcionou para Armandinho burlar o não empreendido pelos pais desde o início.

Por fim, a última tira da **sequência 04**, a oitava, traz a brecha encontrada pelo garoto para poder ficar com seu animal de estimação inusitado: a promessa foi não levá-lo, mas ele poderia ir pulando, logo, o garoto não quebraria sua promessa. Os elementos visuais do segundo e terceiro quadros

dessa tira intensificam a ideia desta quebra de expectativa que a personagem busca para resolver o problema.



Algumas possibilidades de sentidos pela utilização do sapo emergem e marcam a primeira formação do autor que é Agronomia, além de possibilitar o sentido de o sapo ter o aspecto de transformação e prosperidade, consoante a formação discursiva de superstição.

As tiras trazidas nas **sequências 03 e 04** requerem um processo de ressignificação retroativa, em que se deve voltar continuamente para (re)considerar significados e construir novos sentidos conforme se avança no texto. Assim, ao separar e definir unidades individuais (vinhetas), as sarjetas permitem que esses quadros articulem sentido em contraste e em resposta, um ao outro, criando as condições para uma interreferencialidade entre os quadros (Postema, 2018), isto é, estabelecimento de relações quadro para outro quadro; quadro com outro quadro e quadro entre quadros.

Além disso, de acordo com Ramos (2017), em consonância com a ADF, a interpretação [os efeitos de sentidos] é [são] feita [os] por meio das pistas linguísticas e visuais [materialidade linguística] presente[s] [ou não] no texto. Além disso, é preciso considerar o contexto e situações [as condições de produção] em que ela está inserida, bem como os conhecimentos prévios [a formação discursiva e o interdiscurso] que o leitor deve ter para que [n]o texto seja[m] compreendido [mobilizados efeitos de sentidos outros].

Cumpro salientar que recorro à noção-conceito de interpretação a partir do que Sousa (2021) engendra em que a interpretação é o sentido, pensando-se o co-texto e o contexto imediato, ou seja, no tocante à interpretação, uma parte é de responsabilidade do analista e a outra deriva, segundo os preceitos da ADF, da sua sustentação no rigor do método e no alcance teórico do arcabouço. Ao tratar da interpretação como dispositivo de análise, a autora considera que existem dois momentos dessa análise: no primeiro, a interpretação faz parte do objeto da análise e, no segundo, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação – o próprio analista está envolvido na interpretação.

Por fim, Ramos (2017, p. 36) problematiza a questão de nomenclatura *tiras* ou *tirinhas* e propõe dois caminhos de escolha “[...] um curto e outro longo. O curto: tanto faz, as duas palavras são de uso corrente no país para se referir a essa forma de produção de história em quadrinhos.” Já em relação ao longo, o autor elenca que “[...] há bem mais a se dizer a respeito do assunto, principalmente sobre os valores de sentido que o termo *tirinha* pode sugerir.” (*Idem*, destaque do autor). Ainda, este sufixo que acompanha a palavra tende a se referir apenas às produções cômicas, porém há outras, não

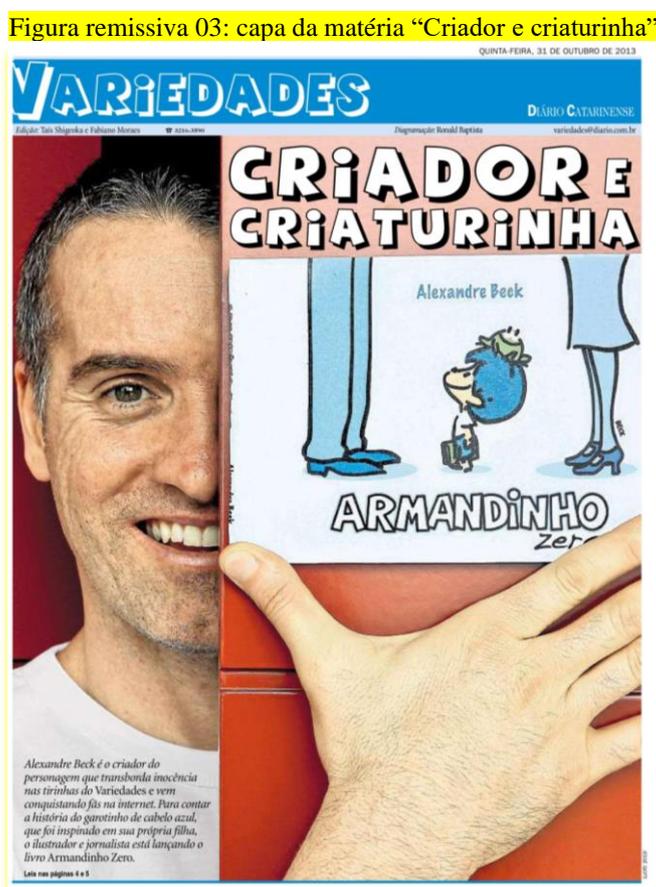
humorísticas. Logo, neste escrito, a preferência foi pelo termo tira e seus detalhamentos com foco nas produções, conforme aponta Ramos (2017).

No próximo capítulo desta primeira parte, continuo com as condições de produção, mas parto da apresentação do menino de cabelo azul, além seu criador por meio da *coletânea* e de três *transmissões ao vivo* com o autor até a criação da *fanpage* na rede social *facebook* e as implicações de atingir um público bem maior que os leitores dos jornais, além das publicações instauradas pelo acontecimento discurso da Pandemia.



Capítulo 2 – De Armandinho³⁸ ao seu criador: o acontecimento discursivo Pandemia da COVID-19

Ainda rastreando as condições de produção de meu objeto de pesquisa, na véspera do lançamento do primeiro livro da coletânea foi publicada a matéria “Criador e criaturinha”, na seção em que são utilizadas as tiras do Armandinho para ilustrar. A **figura remissiva 03** segue para demonstrar o momento:



Fonte: Macário (2013)

Aqui, ao longo da matéria fica explicitado que, embora a personagem tenha nascido por acaso ou no susto, há a utilização de recursos e elementos linguísticos que apontam que a filha do autor foi sua inspiração que, na época, ela tinha 10 anos.

Eis a continuação da matéria com “Amor em tirinhas”:

³⁸ Condições de produção também levantadas a partir dos prefácios das coletâneas da série de 2013 a 2019.

Figura 04: matéria jornalística “Amor em tirinhas”

4
Variedades
QUINTA-FEIRA, 31/10/2013 | DIÁRIO CATARINENSE
5




Consulte a programação: www.arcoriscinemas.com.br

Capa




Fernanda, 10 anos, filha caçula de Beck, foi sua inspiração para criar Armandinho

AMOR EM TIRINHAS

CAROL MACÁRIO

Alexandre Beck lança Armandinho Zero, livro com as primeiras tiras do personagem mais puro e ingênuo dos quadrinhos

— Um dia me pediram para ilustrar uma reportagem de economia. O tema era ligado a pais e filhos. Sem tempo para criar, fiz somente o garotinho e as pernas grandes dos pais — conta.

O formato deu certo, e o recém-nascido Armandinho conquistou fãs. Ainda nem tinha nome, mas já carregava a essência de pureza e ingenuidade que tanto cativa leitores no jornal e hoje também na internet. Do seu pequeno universo infantil, de questiona a lógica dos adultos, tão ocupados consigo mesmos e com preocupações por vezes mesquinhas.

— Não podemos perder essa fase dos porquês. Poderíamos descobrir coisas até hoje — comenta ele, que se inspirou na filha caçula, Fernanda, 10 anos, para criar o personagem.

Idealista por essência

Alexandre Beck começou a fazer tirinhas por hobby. Formado em Agronomia, entrou para faculdade de Comunicação em 1997 para dar vazão à sua veia artística. Ele ainda exerce a profissão de engenheiro combinada ao trabalho de ilustrador e jornalista.

Beck é um idealista por natureza e usa a aptidão de desenhar e contar histórias para convidar as pessoas a refletirem sobre o mundo em que vivem:

— Gosto que parem para pensar. Não tento orientar ninguém, apenas levanto algumas questões.

E por isso que criador e criatura, de certa forma, se confundem. Se hoje ele é um pai atento às dúvidas dos filhos é porque tem consciência de que são as mesmas que um dia ele próprio teve. Por outro lado, suas indignações com alguns absurdos da sociedade contemporânea se refletem nas questões levantadas pelo personagem.

Nessa linha, Beck é categórico ao rebater as comparações de Armandinho com Matilda, a famosa menina que odeia sopa criada pelo argentino Quino. Para ele, o seu garotinho é muito mais otimista.

— Ah, sim. A resposta de Armandinho para a questão do que é essencial ao homem e começa com a letra “a” é amor.

caroline.macario@diario.com.br

— PÔE A CALÇA EM CIMA DO PIJAMA!

— A JAPONA SOBRE AS BLUSAS!

— O CACHÊCOL, O GORRO E AS LUVAS!

— O QUE ESTÁ SENTINDO AGORA?

— VONTADE DE FAZER XIXI!





Fonte: Macário (2013)

Pela imagem divulgada na matéria contida na figura 04, pode-se notar que a personagem é visualmente diferente da apresentada na **sequência 01**, por isso, possivelmente, a não continuação com o nome Guto, pois para criar o menino de cabelo azul, Armandinho, o autor precisou se inspirar nas tiras produzidas em outubro de 2009 e no comportamento de sua filha aos dez anos de idade.

Beck reverbera que com as tiras não quer fazer humor, mas suscitar reflexões e discussões de assuntos relevantes e atuais. Como controlar os sentidos é ilusório, a noção-conceito de humor, empreendida nesta tese, busca mostrar que a quebra de expectativa, o riso gerado na relação entre os quadros, o não-dito preenchido nas sarjetas da tiras são elementos do fio humorístico que suscitam reagir ao contexto sócio-histórico-ideológico como bem Armandinho faz em suas tiras a fim de denunciar, criticar, problematizar, questionar, ou seja, um pensamento crítico de constante reação ao contexto de transformações econômicas, políticas, sociais, culturais e pandêmica.

Deste modo, ao levantar o conteúdo das histórias de Armandinho, instauro que as tiras transitam entre questões sociais, de forma [nem sempre] leve e [tampouco] despretensiosa, utilizando-se da linguagem de uma criança que desperta e provoca humor, bem-estar, e análise crítica e reflexiva aos seus leitores. Este meu gesto interpretativo encontra eco ao proposto pelo jornal na continuação da matéria acima “Amor em tirinhas”, quando o veículo de comunicação coloca no olho da notícia “Alexandre Beck lança *Armandinho Zero*, livro com as primeiras tiras do personagem **mais puro e ingênuo** dos quadrinhos” (Beck in *Diário Catarinense*, 2013, destaques meus). Embora estes dois destaques tragam as características vinculadas à fase da infância, cumpro realçar que o tom humorístico de Beck em seu já-dito possibilita um efeito de sentido irônico a partir das palavras de Orlandi (1983) em que a ironia é concebida como um processo de desconstrução do sentido, que desestabiliza o institucionalizado.

Mais uma vez recorro aos esquecimentos 1 e 2 (Pêcheux e Fuchs, 1997), apresentados no item 1.2 desta tese, a fim de mobilizar que é ilusório achar que a intenção pensada é que a de fato vai ocorrer, mesmo por que a língua é opaca e não transparente, passa pelo inconsciente e um sujeito clivado, cindido.

Agora, procuro caracterizar Alexandre Beck como pai de *Armandinho* e trazer a noção de autoria, ao colocá-lo em posição-sujeito pela “voz” que é constitutiva do já-dito de Armandinho e sua turma, além de apresentar o protagonista desta tese: um garoto de cabelo azul. Aliás, a **tira interativa 07** apresenta o conceito de seu cabelo ter essa cor:



Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=5800898016622123&set=a.488361671209144>

2.1 Armando... Armandinho... Dinho...

O gesto interpretativo do processo gestacional de Armandinho ocorrido no capítulo 1 possibilitou inferir que ele é um garoto que vive questionando os adultos (seus pais) – dos quais aparecem apenas as pernas e o discurso. Ele possui um animal de estimação, um pouco inusitado, um sapo e alguns amigos: Pudim, Camilo, Moacir, Fê, Etiene e os irmãos Theo e Marcos e seu nome foi escolhido com o auxílio de leitores e é um trocadilho com a ideia de que o menino está sempre *armando algo*³⁹.

Figura remissiva 04: ArmanD(inh)o



Disponível: <https://vitrinecatarina.wordpress.com/2013/11/12/tirinhas-do-armandinho/>

O aposematismo⁴⁰ ou coloração de advertência apresentado na **tira interativa 07** é um conceito da área das Ciências da Natureza e que extrapola os conceitos de camuflagem e mimetismo também trazidos na tira em questão. Ao usar um termo tão específico, Armandinho mostra seu lado pesquisador e defensor das ciências.

Cabe salientar que, ao criar essa espécie de defesa para Armandinho, Beck postula novamente semelhanças com Quino (Mafalda), Bill Watterson (Calvin) e Monteiro Lobato (Emília), haja vista que são crianças cujo discurso é perpassado por um autor em posição-sujeito e podem questionar a partir de inúmeras formações discursivas. O aspecto peculiar de Armandinho é seu cabelo azul e ter

³⁹ Ver: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/06/criador-de-tirinha-de-sucesso-plantava-morangos-organicos-nos-anos-1990.htm> - Acesso em 23 de abril de 2020

⁴⁰ Ver: <https://www.minasbioconsultoria.com/post/camuflagem-aposematismo-e-mimetismo> - Acesso em 30 de junho de 2024

um sapo como animal de estimação, assim como Mafalda com seus cabelos pretos e odiar sopa; Calvin que tem como companheiro um tigre e não gosta de tomar banho e nem da escola; Emília, uma boneca de pano, interesseira, egoísta e falante. Logo, a semelhança está em por serem crianças escapam das sanções sociais e até judiciais impostas aos adultos.

Ao pontuar as semelhanças anteriores, certifico que, apesar de ser uma possível estratégia de seus autores, é a voz construída para as personagens e sua atuação que dão forma ao dizer. São personagens que têm “vida própria” dentro do discurso e possibilita um alcance maior que se fosse o autor físico dizendo. Ao possibilitar essa voz que enuncia, o autor dá força para cada personagem. Nesta tese, o capítulo analítico vai centrar na voz a partir do já-dito e não-dito nos recortes.

Armandinho, a partir de seu caráter contestador, problematiza questões sociais que surgem na mídia no cotidiano: um tema ecoa na sociedade, ganha espaço nos veículos de comunicação e há uma tira virtual sendo publicada ou recuperada das coletâneas e trazida à baila novamente para compor o arquivo do tema em questão por meio da rede social *facebook* e que traz a questão em debate com um posicionamento sobre ela que mantém a linha de esquerda, favorável à luta das minorias, desconstruindo estereótipos, apontando responsáveis, procurando soluções, sempre com o tom humorístico a partir da quebra de expectativa.

Eis, então, a aproximação das tiras de Armandinho com a noção de crônica imagético-discursiva: a partir da definição de gênero textual curto, escrito em prosa, geralmente produzido para meios de comunicação e possuidor de “vida curta”, isto é, trata de acontecimentos corriqueiros do cotidiano, assemelha-se aos aspectos contemplados nas análises das tiras de Armandinho mobilizadas até este momento da escrita. Esta semelhança possibilita incutir uma das hipóteses desta pesquisa a ser detalhada no capítulo analítico.

Além disso, outra hipótese desta tese é salutar nesse momento, pois o humor/ironia estão muito presentes nas tiras mostradas até aqui e que caracterizam o Armandinho. Logo, a quebra de expectativa trazida no último quadrinho, mas possibilitada pelos demais, e o não-dito tangenciam a noção de humor e de ironia pelo viés discursivo. Dessa forma, o humor entendido nesta tese encontra acepções em Possenti (2023) e Ramos (2007) e ironia é reverberada pelo já-dito e não-dito a partir dos estudos de Pêcheux (2008) e Foucault (2007) em que as palavras adquirem seu efeito de sentido a partir de formações discursivas em que se inscrevem. Cumpro lembrar que no capítulo analítico essas acepções serão detalhadas e aproximadas às tiras de Armandinho, objeto desta tese.

Como mencionado na justificativa de escolha, na introdução desta tese, eu conheci as tiras de Armandinho nos livros didáticos dos anos finais do Ensino Fundamental que usara no estado de Minas Gerais, no período em que ministrei aulas de Língua Portuguesa, chamando minha atenção por uma



criança carregar uma reflexão tão profunda de temas tão caros aos adultos e se parecer muito com a Mafalda. Nessa época eu cursava uma especialização em “Metodologias para o Ensino de Línguas e

Literatura” em uma universidade privada e adquiri o livro “Toda Mafalda”, de Quino, para um trabalho de uma das disciplinas do curso. Com isso, fiz um paralelo entre os dois e prometi que um dia voltaria a encontrar com as tiras de Armandinho em um contexto acadêmico. Logo, cá estou eu, leitor(a), problematizando-o para uma Tese de Doutorado. Dinho, você é gigante!



2.2 Alexandre Beck: pai de Armandinho e autor das tiras

Figura remissiva 05: criador



Fonte: Macário (2013)

[...] Eu sou um homem, branco, do sul do país, classe média, descendente de europeus. Isso me coloca em um lugar diferenciado na sociedade brasileira, lugar de privilégios, na qual o homem ainda tem mais privilégio que a mulher. O fato de ser branco ter mais privilégio na sociedade. O *Armandinho* faz a ponte de quem lê para mim e com os outros leitores que nunca pararam para pensar no assunto (Beck *in* Live, 2020).

A enunciação que abre este item está presente na *#Live01*, a ser apresentada no item 2.3, vem ao encontro da reflexão feita pelo autor e o papel que tem *Armandinho* nessa trajetória, fazendo essa

ligação com assuntos que o(s) lugar(es) de privilégio(s) de Beck possa(m) ser desestabilizado(s) na confluência da tira discursiva 03 “Pontes” na introdução deste trabalho.

Alexandre Cechetto Beck, nascido em 1972, na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, é um ilustrador e cartunista brasileiro. Bacharel em Agronomia pela 29ª turma (1993) da UFSC e em Comunicação Social pela UNISUL (1997-2000). Começou a carreira em 2000, no Jornal Diário Catarinense no qual fez ilustrações até 2005 e publicou a tira cômica República (apresentada nas condições de produção, na primeira parte, capítulo I) de 2005 a 2010, quando começou a publicar as tiras de Armandinho (também descortinada na primeira parte desse escrito). Pai de Armandinho e criador da *fanpage* homônima no *facebook*: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho>⁴¹

Durante uma Palestra na UNICAMP⁴², Beck frisou “Eu não quero que meu trabalho seja visto como entretenimento, porque as tirinhas não são um fim. Elas são o meio para conscientizar as pessoas sobre questões que importam” (destaques meus).

Novamente, recorro aos esquecimentos nº 01 e 02 (Pêcheux e Fuchs, 1997) no sentido de que, por mais que o autor queira isso, escapa ao controle dele e encontra efeitos de sentidos outros nas condições de produção que forem inseridas as tiras de Armandinho, por exemplo.

A **tira interativa 08** abaixo, de forma metalinguística, desestabiliza a noção de fazer tira a partir da formação discursiva sobre tira e os assuntos contemplados por elas:



Disponível: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144.113963.488356901209621/1617546564957310/?type=3&theater>

A **tira interativa 08**, por meio da metalinguagem, marca como se constitui um quadrinho, especialmente, uma tira: o suporte textual em que geralmente se veiculam tiras, jornal, presente nas mãos do Camilo, enunciador; e o tema, interpelado por Armandinho, firmado na reação do sapo e já

⁴¹ Contato: e-mail: beckilustras@gmail.com

⁴² Ver: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/03/22/alexandre-beck-criador-do-armandinho-fala-sobre-sua-arte-e-direitos-humanos> - Acesso em 29 de julho de 2023

reiterado pelo próprio menino de cabelo azul em poder ser um texto que pode retratar muitos assuntos outros e possibilitar que discursos sejam atravessados e mobilizados em gestos interpretativos.

Ainda na Palestra, Beck enfatiza “[...] É bacana que o Armandinho consegue conversar com todo mundo, e que talvez não acontecesse se fosse um personagem adulto, por exemplo”. Esse enunciado fortalece a ideia de criar uma personagem criança que consegue ter abertura pretendida com uma posição-autor atravessada no intuito de deslocar discursos e se constituir no já-dito. Vale ressaltar o que o argentino Quino fez ao criar a Mafalda com a finalidade de se constituir no já-dito dela para burlar o sistema político da época para denunciar o que ocorria. Porém, mesmo assim, Beck não acabou fugindo de sanções, como apresento a partir da **tira interativa 09**.

As quatro tiras discursivas abaixo trouxeram problemas para Alexandre Beck, enquanto sujeito-autor e constitutivo do já dito de suas personagens. Primeiramente, a **tira interativa 09**:



Disponível: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/2226549250723702/>

Beck foi vítima de uma onda de ódio via redes, ao ser repreendido por nota de repúdio pública⁴³, emitida pela Brigada Militar (força policial do Rio Grande do Sul), que faz alusão à data comemorativa de 181 anos da corporação e ironiza a tira chamando de “presente de mau gosto, que desrespeitou todos os policiais militares” e destaca a autoria de Alexandre, sendo contrária ao argumento dito pela personagem negra Camilo na tira “pra mim não é seguro”, associado à aposta proposta por Armandinho no primeiro quadro e a negativa de não poder correr naquele momento, intensificado pelo que está no imaginário social de muitas pessoas negras sobre correr próximo à polícia.

Por conta de uma tira que retrata uma situação de racismo estrutural, real, Alexandre Beck não escapou à tentativa de censura (Orlandi, 2007) e foi criticado, ofendido e até ameaçado por

⁴³ Ver: <https://ponte.org/me-senti-intimidado-diz-alexandre-beck-autor-de-tirinha-que-incomodou-a-pm/> - Acesso em 29 de julho de 2023

pessoas que se entenderam ofendidas e, via manifestação do comando da BM, sentiram-se legitimados para reagir à publicação. Ademais, Orlandi (2007), sob a égide de Courtine (1983), assevera que “a censura não é um fato da constituição (vertical, interdiscurso), mas de sua formulação (horizontal, intradiscurso)” (p. 105), ou seja, “são sentidos historicamente dizíveis, mas proibidos” (*Idem*). A autora ainda pontua, pois, que na relação com a interdição (Foucault, 1996) a censura “é o traço do que é formulável, mas proibido, em certas condições” Orlandi (2007, p. 106). Por fim, ela postula que para que a censura funcione, ela joga com o princípio do autor (Foucault, 2009), ao remeter à responsabilidade do sujeito (autor) quanto ao que é dito por ele. Logo, “a censura intervém assim na relação do indivíduo com sua identidade social e com o Estado” Orlandi (2007, p. 107).

Ao levantar a questão de que a população negra é que a mais morre nas mãos da polícia, as tiras de Armandinho sofrem a tentativa de censura e o autor, Beck, que constitui o já-dito delas, também é responsabilizado pelo não-dito. Portanto, o fato de ter sido rechaçado só reforça o quanto dizer o que destoava do enaltecimento da Segurança Pública é algo ainda muito censurado, isto é, as tiras possibilitam que não se entre na ordem do discurso, mas, ao fazê-lo, é assumida uma responsabilidade e todas as consequências dela, seja positiva ou negativa.

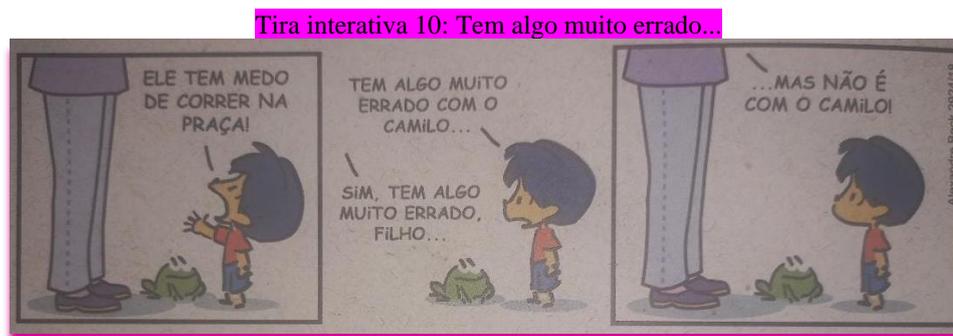
Diante do exposto, o tema ali colocado em voga, amparado por reportagens contemporâneas à publicação⁴⁴, despertou o que há de pior em um público que, de alguma forma, poderia buscar o caminho inverso na linha dos efeitos de sentidos a partir de formações discursivas que levam à memória discursiva e ao interdiscurso, a partir de seu caráter de denúncia e posição crítica, escancarando as feridas abertas pelo racismo em nossa sociedade.

Trazendo para um interdiscurso há o caso de George Perry Floyd Jr., um afroamericano assassinado em Minneapolis, EUA, no dia 25 de maio de 2020, estrangulado pelo policial branco Derek Chauvin que ajoelhou em seu pescoço durante uma abordagem por supostamente usar uma nota falsificada de vinte dólares em um supermercado. Casos como esse acontecem com frequência no Brasil e no mundo todo, infelizmente, o que evidencia sistemas ainda muito racistas e segregatórios. Dessa forma, as # (#VidasNegras e #VidasNegrasImportam) ganham força e se instauram como acontecimento discursivo, consolidando ao que assistimos pela televisão e pelas redes sociais, que causou comoção mundial.

Já a **tira interativa 10** retoma o ocorrido na **tira interativa 09**, por meio da materialidade linguística e das acepções do dito e não-dito (Orlandi, 2007), a partir da fala da mãe em atribuir que

⁴⁴ Ver: <https://www.tjsc.jus.br/web/imprensa/-/santa-catarina-e-o-estado-brasileiro-recordista-em-registro-de-casos-de-injuria-racial> - Acesso em 29 de julho de 2023; Ver: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas> - Acesso em 29 de julho de 2023; Ver: <https://unaid.org.br/2018/01/vidasnegras-politicas-para-reduzir-vulnerabilidades-em-saude-precisam-dados-de-melhor-qualidade/> - Acesso em 29 de julho de 2023.

há algo muito errado e interpelar o filho, Armandinho, que o erro não está com Camilo, provoca um interdiscurso com a tira anterior em que foi mobilizado o racismo estrutural diante da insegurança sentida pela personagem negra a partir do interdiscurso com a palavra “medo” nesta tira:



Beck (2019a, p. 78)

Convoco novamente Orlandi (2007) para tangenciar a respeito do silêncio, já que, em suas palavras, ele “não fala, ele significa” (p. 102) e sua compreensão ocorre por métodos discursivos de observação. Ainda, ao dividir as formas de silêncio em fundador e política de silêncio, para esta tese, faço a opção pela segunda, que remete às “cisões entre o dizer e o não-dizer” (*Idem*). Já nas subdivisões que a autora faz na política de silêncio em constitutivo e local, utilizo das duas nesta tese, uma vez que ambas validam os efeitos de sentido das tiras de Armandinho a partir de sua materialidade verbo-visual: todo dizer cala algum sentido necessariamente (constitutivo) e censura (local).

A **tira interativa 11** atesta o que destaca a analista do discurso que “as palavras vêm carregadas de silêncio(s)” Orlandi (2007, p. 102), quando na cena enunciativa há o dito de Armandinho no segundo quadro “tem algo errado com o Camilo”, sendo logo corrigido pela mãe, no terceiro quadro, com a inserção da conjunção coordenativa “mas”, permitindo o seguinte gesto interpretativo: o silêncio como constitutivo ou censura desestabiliza e irrompe uma ação habitual de uma criança “correr na praça”, marcado pelo substantivo “medo”, deixando para o não-dito os efeitos possíveis, visto que, alertado por Orlandi (2007, p. 102) “fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam coisas que podem causar rupturas significativas) na relação de sentidos”.

Isso demonstra a formação discursiva do racismo e traz à memória discursiva os inúmeros casos de racismo velado (ou não) ocorridos em um país tão plural como no Brasil, mas que são subnotificados, como observo na manchete abaixo:

Figura 05: Dados do racismo

Dados da segurança pública mostram urgência para debate do racismo no Brasil

O “Anuário Brasileiro de Segurança Pública” mostra uma subnotificação dos registros criminais e as controvérsias das leis aplicadas sobre discriminação e injúria racial

Atualidades / Jornal da USP no Ar / Rádio USP - <https://jornal.usp.br/?p=446454>

19/08/2021 - Publicado há 2 anos

Por Wallace de Jesus

Fonte: <https://jornal.usp.br/atualidades/dados-da-seguranca-publica-mostram-urgencia-sobre-debate-do-racismo-no-brasil/>

A **tira interativa 11** traz outra polêmica envolvendo a publicação e o efeito de sentido mobilizado. Eis a tira:



Beck (2019a, p. 78)

Dias depois, outra tira criticou ao fim da presença cubana no programa “Mais Médicos” e provocou reações de médicos gaúchos: “É um ataque sem qualquer fundamento, que ignora a realidade que cerca o trabalho médico, assim como foram denegridos os policiais militares recentemente”, declarou a nota de repúdio do Conselho de Medicina do Rio Grande do Sul. “E eles ainda citam a brigada usando a palavra racista ‘denegrado’, cara...”, comenta Beck, balançando negativamente a cabeça, em entrevista.

Como gesto de resistência (Foucault, 1999) e silenciamento (Orlandi, 2007), a **tira interativa 12** traz Armandinho com uma obstrução em sua boca. Por ter como um dos objetivos desta pesquisa é o trabalho com os aspectos imagético-discursivos, por mais que Armandinho tenha sido silenciado imagetivamente, as palavras do negacionista Pudim reforçam o efeito de sentido de gesto de resistência à **tira interativa 11** na polêmica do “Mais Médicos”, haja vista a materialidade linguística

apresentar “Recomendação médica!” e o imagético ter uma risada no sentido de deboche da personagem Pudim, para ironizar o ocorrido:



Beck (2019a, p. 79)

Logo, desestabilizo o substantivo “recomendação” a fim de fundamentar as condições de produção em que a tira é produzida: é preciso deslocar o sentido. Não é o sentido de relação médico x paciente em que é vinculada uma orientação, sugestão, prescrição médica mediante uma doença. Nesta tira, a recomendação ratifica a nota de repúdio do Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul, em consonância com a nota de repúdio da Brigada Militar do mesmo Estado, as quais são formas de censurar o dito e silenciá-lo, de acordo com o que deslocou Orlandi (2007) por meio da proibição de certos sentidos porque “se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições” (p. 104). Com isso, “a censura intervém a cada vez que se impede o sujeito de circular em certas regiões determinadas pelas suas diferentes posições” (*Idem*).

Dessa forma, mesmo estando amordaçado imageticamente, a **tira interativa 12** é uma reação à (tentativa de) censura pela qual as tiras de Armandinho passaram à época de publicação delas, mediante o contexto político-social em que se inscreveram.

Há um trabalho de Ramos e Carmelino (2022) que abordam a polêmica ocorrida com Alexandre Beck a partir das **tiras interativas 09 e 10**, tendo como base o texto multimodal (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014) para a discussão do conceito de intencionalidade (Favero e Koch, 1998; Marcuschi, 2012) a partir de abordagens contemporâneas da Linguística Textual brasileira (Koch 2004; Marcuschi, 2008, 2012). Esta tese diverge do arcabouço selecionado neste meu escrito, porém o caminho que uso para mobilizar os efeitos de sentidos que fora lido por você, leitor, sobre o criador de Armandinho intensifica a ideia trazida pelos autores “[...] o texto multimodal em questão teve **diferentes leituras** a partir de uma mesma produção, a tira cômica em si, que para o autor não tinha a intenção de ser ofensiva, apenas crítica [...]” (Ramos e Carmelino, 2022, p. 257, destaque meu).

Minha busca não é mostrar origem e muito menos intenções e sim problematizar e oferecer caminhos para que gestos de leituras sejam analisados e efeitos de sentidos possam ser mobilizados. Sem únicas verdades e sim vontades de verdade (Foucault, 2010a, 2010b).

A partir de 16 de janeiro de 2019, Beck deixa de publicar as tiras de Armandinho que ilustravam as páginas da imprensa catarinense desde 2010. Logo, em 15 de janeiro daquele ano rodaram as últimas tiras nos quatro jornais de Santa Catarina. Em uma matéria para a revista *Trip*⁴⁵, Beck lembra “Não foi surpresa o fim, justificado por corte de custos e reestruturação da empresa. Surpresa foi ter acontecido logo depois de um grande embate...” (Beck in Sayuri, 2019) além de marcar o momento em uma publicação em sua *fanpage* na rede social no *facebook*:



Figura 06: despedida



(<https://www.facebook.com/search/top/?q=armandinho%20di%C3%A1rio%20catarinense>)

Tomo emprestado o conceito de debreagem enunciativa⁴⁶ para trazer o já-dito do autor Alexandre Beck em um *post* intitulado “uma notícia ruim e uma boa / Ou uma boa e uma ruim” apresentado na figura 06, principalmente, no tocante ao anúncio que dentre outras a **tira remissiva 10** desta tese estaria em livros didáticos e o racismo estrutural, possivelmente, ganharia discussão em salas de aula. Na linha de análise proposta nesta tese, ancoo essa atitude como gesto de resistência permeado pelas relações de saber-poder, uma vez que os sentidos estão sempre em movimento.

⁴⁵ Ver: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-pai-do-armandinho-o-menino-de-cabelo-azul-que-reflete-sobre-arte-a-politica-e-direitos-humanos> - Acesso em 29 de julho de 2023

⁴⁶ é a operação em que a instância de enunciação disjunge de si e projeta para fora de si, no momento da discursivização, certos termos ligados a sua estrutura de base com vistas à constituição dos elementos fundadores do enunciado, isto é, pessoa, espaço e tempo (Greimas e Courtés, 1979: 79).

Embora tenha passado pelos processos de silenciamento(s), de censura, problematizados outrora, os sentidos são voláteis e a História, enquanto luta de classes, não é aritmética e sim lugar de produção de sentidos outros, possibilitando que as tiras assumam espaço em obras didáticas e adentrem à formação discursiva escolar/pedagógica. Esse processo de deslocamentos possibilitará que se conte a História não só sob a ótica de quem “bate”, mas também de quem “apanha”.

Ainda sobre a “demissão” de Armandinho, a Associação de Quadrinhistas e Cartunistas do Estado de São Paulo (AQC) emitiu comunicado via *facebook* em 29 de dezembro de 2018:

Figura 07: comunicado



(<https://www.facebook.com/search/top/?q=armandinho%20di%C3%A1rio%20catarinense>)

Acompanhado ao comunicado, há uma charge do encontro entre *Mafalda* (do argentino Quino) e *Armandinho* (do brasileiro Alexandre Beck). Este “encontro” também fora problematizado na Dissertação de Corbari (2020), haja vista que ela, no contexto argentino e ele no contexto brasileiro problematizam questões sérias pelo olhar de uma criança com um sujeito-autor atravessando discursos. Dessa forma, retomarei esta afirmação “... crianças perigosas e subversivas” e o ódio sobre elas no capítulo analítico e nas (in)conclusões.

Beck morou de 2012 a 2016 em Santa Maria, Rio Grande do Sul, por conta de trabalho da esposa, Profa. Dra. Janyne Sattler, na UFSM. Em 2016, retornam para Santa Catarina, Florianópolis, por conta da transferência da esposa para a UFSC. Possui uma agroflorestal em sua propriedade rural e posta em sua rede social⁴⁷ as atividades que faz nela.

Ao navegar pela *fanpage*, busquei encontrar alguma tira em que Beck se representasse nela. Eis que em 14 de setembro de 2017, publica a sequência de três tiras abaixo com um convite:

Figura 08: Representação



Fonte: https://www.facebook.com/tirasarmandinho/posts/1679462968765669/?locale=hi_IN

Ao analisar o funcionamento discursivo implicando na materialidade verbo-visual à luz da ADF, mobilizo os efeitos de sentido do respeito pelas crianças, última tira da sequência trazida na

⁴⁷ Lopes (2004) recupera o conceito de monumento a partir de Foucault (2008) como “a postura arqueológica em relação aos discursos. Se o pesquisador fará o papel de um arqueólogo do saber sobre os discursos – se ele vai procurar em seu subsolo, no não-dito, no ignorado e no sagrado, as unidades profundas que possam desconstruir os chamados efeitos de superfície; numa inversão direta de denominações, os discursos, os documentos, serão tomados enquanto monumentos.” (LOPES, 2004, p. 141)

figura 06, e suscito a formação discursiva do respeito aos menores, demonstrada também pela mesma última tira. Tomo, pois, a ação feita pela representação de Alexandre Beck no primeiro quadro e a terceira tira da sequência e apresento o gesto interpretativo do já-dito e não dito.

Quando ele enuncia a palavra “educação”, a personagem que representa o autor abaixa-se até o nível da criança, de forma menos vertical, deslizando o poder e trazendo a criança para participar dessa relação saber-poder, pois ela é o assunto, como presente na materialidade linguística indagada por Armandinho: “vai falar de mim?” em consentimento com as palavras “quadrinho”, “tira” e “cartunista”. Além disso, é usada a metalinguagem nesse jogo discursivo sobre a linguagem dos quadrinhos. Por fim, Armandinho, quebra a expectativa ao enunciar ser “falta de educação” falar dele, mostrando advertência, ao levantar seu dedo indicador e apontá-lo para a representação do autor. O sapo valida as ações de Armandinho, pois fica alerta a cada movimento feito pelo seu cuidador.

Após alguns ditos do autor constituírem esta tese, fui em busca de uma aproximação. Com o acontecimento discursivo Pandemia, as transmissões ao vivo, *Lives*, ganharam força e “aproximaram” as pessoas a partir de 2020, a fim de que adentrássemos à formação discursiva do “novo normal”. Para esse momento, trago três *Lives* sobre as tiras de Armandinho a partir do que é enunciado pelo seu autor, porém não descarto a hipótese de conhecer o local onde as tiras são produzidas e bater um papo pessoalmente com o autor, após esse escrito.

2.3 Transmissões ao vivo, *Lives*, com o ilustrador e cartunista Alexandre Beck

Ocorridas em 2020, as *Lives* são atividades de domínio público em plataformas de acesso irrestrito. Com o arquivo Pandemia, surgiram como forma de se inscrever na formação discursiva do “novo normal” a fim de continuar com atividades acadêmico-científicas como Palestras, Bate-papos, Congressos, Seminários etc. O aspecto de alcance foi exponencial, em virtude de serem feitas *on-line* (remota) de forma síncrona ou assíncrona, em plataformas que podem ser acessadas novamente em virtude de ficarem salvas para compartilhamento, instaurando o que Foucault (2008) denomina monumento⁴⁸.

⁴⁸ Contato: *facebook*: <https://www.facebook.com/alexandre.beck.98>

Figura remissiva 06 - #Lives



Não obstante, o monumento formado pelas três transmissões ao vivo foi muito relevante para a construção das condições de produção deste estudo, pois a primeira *live* traz a importância dele ter retornado à escola que estudara e palestrar e também homenagear e ser homenageado pelo dia do escritor; já na segunda consegui ser respondido com questionamento que contribuiu para a construção da tese e na terceira estabeleci contato via *e-mail* e, posteriormente, pelo *WhatsApp* de forma a ter um vínculo de troca de informações pertinentes ao presente estudo diretamente com o autor.

#Live01: *Tiras do Armandinho – Alexandre Beck*

Essa *Live* usou a plataforma *Instagram* para bater-papo com Alexandre Beck. O intuito foi homenagear os escritores pelo dia (25/07) do escritor, por meio da transmissão em 03 de agosto. Nesta data ainda vigorava o distanciamento social e o Educandário Imaculada Conceição (EIC), de Florianópolis, utilizou o canal do *Insta* para a *Live* e “aproximar” as pessoas interessadas no assunto.

Figura 09: Divulgação - #Live01



Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CDcOrgNAsj4/?igshid=11s0jxtwzactg>

Mediada pela Bibliotecária Sra. Mônica da biblioteca Madre Paulina do EIC, a Live trouxe a trajetória de Beck até chegar ao *Armandinho*. Destaco, em uma das enunciações de Beck, a que ele enuncia ter tido o privilégio de ter crescido em uma casa com livros “[...] toda sexta-feira meu pai comprava um gibi na banca. Com os livros se estendeu o processo de leitura” (Beck *in* Live, 2020).

Do bate-papo, destaco outra enunciação que me permite dialogar com o autor e com a percepção dele a partir da voz da personagem que interage com o público:

O *Armandinho* reflete muitas coisas que eu penso, que eu vivo, que eu vejo, mas, por outro lado, o *Armandinho* me ensina muito. A quantidade de coisas que eu aprendo com *Armandinho* é impressionante, porque o *Armandinho* me cria pontes com outras pessoas, com realidades que eram distantes e que muitas ainda são (Beck *in* Live, 2020).

Quando Beck fala das ligações que *Armandinho* propicia-lhe, incorro que o autor constitui e é constituído pelas tiras de *Armandinho* a fim de denunciar, criticar pelo humor e/ou ironia temas polêmicos e complexos, a fim de provocar reflexões e desenvolver o senso crítico. É nesse diálogo com o o(O)utro diferente, com a alteridade, na maioria das vezes, é um processo de (des)(re)construção das (ilusões de) verdades cristalizadas por meio da(s) personagem(ns) e nos leitores, impondo-lhes o olhar crítico-reflexivo e autorreflexivo.

#Live02: *As tiras de Armandinho na Educação Ambiental*

Nessa #Live02 o foco do bate-papo foi a Educação Ambiental no tocante à conscientização ambiental haja vista que a primeira formação de Beck é Agronomia, como visto nas condições de produção do início desse capítulo.



Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3-4r4O8-N20&ab_channel=UniCerrado

Durante o percurso da *Live*, Beck comentou como as questões relacionadas ao meio ambiente perpassam as tiras de Armandinho.

Ao cursar Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, Beck relata o quanto foi incômodo aprender a despertar o desejo de compra da pessoa, mas houve o despertar para a ilustração no jornal que criara durante o curso e, depois, no jornal em Santa Catarina, deu início como Ilustrador.

O percurso nas tiras nasce a partir de *A República* (moradia de estudantes, apresentada no capítulo 1 dessa Tese), em 2002, discutindo temas como espécies exóticas invasoras até o ano de 2005, quando deixa o jornal para se dedicar a um novo projeto: quadrinhos educativos. Um deles é uma cartilha justamente de conscientização ambiental.

Uma frase mencionada na *#Live02* vem ao encontro dessa Tese “Os adultos deveriam crescer sem parar de questionar o mundo” (Beck, 2020a) a partir da experiência de ter se colocado no ponto de vista de uma criança.

A mediadora da *Live* aponta que as publicações das Tiras de Armandinho são rápidas e perspicazes a partir do surgimento de temas polêmicos na mídia e, para trazer para a temática ambiental, solicitou a reprodução de tiras cuja temática ambiental fosse retratada.

Beck aborda o assunto dizendo serem factuais as tiras em virtude das implicações que um texto como a tira pode afetar as pessoas ou atrair o olhar delas para o tema em um texto menor e verbo-visual a fim de trazer a complexidade das relações.

Continuando a *Live*, o criador de Armandinho apresenta uma sequência de tiras com a temática ambiental para mostrar, ao meu ver, que os efeitos de sentidos das tiras são mobilizados por meio não de “a pureza das respostas das crianças”, mas a pureza dos questionamentos das crianças.

#Live03: Bate-papo com Alexandre Beck, o criador das tiras do Armandinho.

Por fim, na *#Live03* Beck inicia com sua apresentação e retoma o que já fora mencionado nos outros percursos desse Capítulo: sua relação com as tiras e surgimento do Armandinho.

Figura 11: Divulgação - #Live03



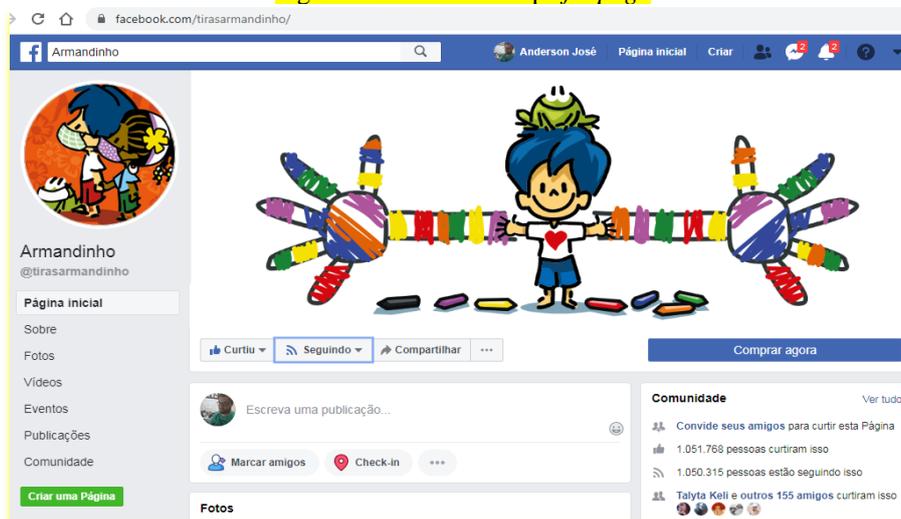
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tGjUi7IOrbQ&ab_channel=ProjetoConheSerUFV-CRP

Muitos dos participantes da *Live*, utilizando o *chat*, solicitaram a transição da tira para desenho animado e Beck enfatizou que não o fará em virtude de não perder a essência de sua criação, pois ele quer deixar para o imaginário das pessoas como seria a voz do Armandinho, por exemplo, e não dependê-la pelo leitor.

2.4. A fanpage na rede social facebook: *tirasarmandinho*

A capa da *fanpage*, em 2020, quando estava no 1º semestre do curso de Doutorado e a professora-orientadora fez-me um desafio sobre o objeto em questão e comecei a levantar dados sobre ele, era assim:

Figura remissiva 07: Capa *fanpage*



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>

Destaco que a página em questão, criada em 2012, possuía até a data de acesso, 19 de abril de 2020, 1.050.315 (um milhão, cinquenta mil e trezentos e quinze) seguidores, um número bem expressivo no campo de abrangência de uma rede social. Além disso, ela serve de suporte para a veiculação das tiras produzidas pelo ilustrador e cartunista Alexandre Beck e protagonizadas pelo menino Dinho (Armandinho), além de, graças à *web 2.0*, também é utilizada para interação entre os seguidores e as publicações por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos.

2.4.1 Criação

Figura remissiva 08: abraço



<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488374071207904/2659510217427601/?type=3>

No prefácio da coletânea *Armandinho Dois* (2014) Alexandre Beck enuncia que, em virtude de sua mudança física de Florianópolis – SC para Santa Maria – RS, em 2012, começou a usar o espaço da rede social *facebook* em sua conta pessoal com maior frequência para manter o contato com as pessoas próximas a ele e que agora estavam distantes. Além disso, disponibilizou as tiras do *Armadinho* a fim de que os amigos pudessem emitir opiniões, antes de ele enviar para o jornal. Porém, “[...] Com o tempo, pessoas que eu não conhecia passaram a tentar me adicionar na internet, para ler as tiras.” (Beck, 2014, p. 03). Então, para dissociar sua vida pessoal com a do personagem, resolveu criar uma *fanpage* no *facebook* para a publicação das tiras.

Em 29 de novembro de 2012 a *fanpage* é criada e a primeira tira publicada, trazendo o tema mais visto até então nas produções: a relação entre o menino e seus pais, filiando-se à formação discursiva de relacionamento familiar.

Tira interativa 13 – Primeira tira publicada na fanpage no facebook



Disponível: <https://www.facebook.com/tirasarmadinho/photos/a.488361671209144.113963.488356901209621/694929837218992>

A cena enunciativa presente na **tira interativa 13** trabalha com o jogo de responsabilização dos pais por dar notícias difíceis aos filhos, perpassado pelo humor a partir da quebra de expectativa do já-dito da mãe no segundo quadro por meio do aspecto visual presente no último quadro com o Armandinho já estando “com a roupa de ir”, reagindo à promessa feita pela mãe no primeiro quadro. O jogo ocorre justamente pelo ato de prometer algo para a criança e não cumprir, tal como no enunciado seguinte ecoado no imaginário social: “na volta eu compro”.

Já a tira que projeta Armandinho é:

Tira interativa 14 – Tira impacto



Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmadinho/photos/a.488361671209144/517615124950465>

Segundo maior incêndio do Brasil em número de vítimas, terceiro maior desastre em casas noturnas do mundo e a maior tragédia do Rio Grande do Sul. Foram 242 vidas ceifadas e 636 feridos. Todos jovens e a maioria universitário. Eis o incêndio da boate Kiss⁴⁹, em Santa Maria, que completou 10 anos em 2023⁵⁰ e teve uma Série lançada pela Plataforma de *Streaming Netflix* denominada “Toda noite a mesma noite”, após reviravoltas no caso, como anulação de júri pela justiça do Rio Grande do

⁴⁹ Ver: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/01/27/boate-kiss-tragedia-completa-10-anos-relembre-incendio-e-veja-lista-de-vitimas.ghtml> - Acesso em 27 de julho de 2023.

⁵⁰ Ver: <https://www.netflix.com/br/title/81218409> - Acesso em 15 de julho de 2024.

Sul. Além disso, foi lançado, no ano de 2023, um documentário intitulado “Boate Kiss: a tragédia de Santa Maria”.

O efeito de sentido imagético-discursivo presente na **tira interativa 14** potencializa a comoção das pessoas a partir da tragédia ocorrida: ficar intacto diante da situação, com o sentimento de impotência perante o ocorrido.



Armandinho está na mesma posição nas duas vinhetas que compõem a tira. Tanto durante o dia, quanto durante a noite, do domingo, 27 de janeiro de 2013, noite em que a tira fora publicada, a criança demonstra a sua reação em uma sequência de duas vinhetas que representam o dia inteiro com a ação de guardar, vigiar, zelar a partir da parte verbal da tira que incorre o efeito de sentido com o verbo no gerúndio “velando” e pelo substantivo e adjetivo “dia triste”, acentuado pelo advérbio de intensidade “mais”. Também a informação fora dos enunciados da tira, filiando-se à formação discursiva jornalística “direto de Santa Maria” a fim de que a tira mobilizasse não só a notícia da tragédia, mas fosse uma crônica imagético-discursiva a partir do acontecimento, haja vista que os elementos verbo-visuais elencados aqui propiciam tal efeito e possibilidade de aproximação.

Para tanto, engendro a ideia de Vergueiro e Ramos (2020) ao mobilizarem que as histórias em quadrinhos, no caso desta tese, as tiras, no Brasil, gradativamente passaram a ser entendidas, pela sociedade, como uma forma (não só) de entretenimento e (mas também) de saber(es) para diversos públicos e faixas etárias e não mais como uma leitura, exclusiva de (ou para) crianças.

Não é só no Brasil que as tiras de *Armandinho* fazem suas andanças. No país da banda desenhada, como são chamados os quadrinhos em Portugal, houve tradução e apresentação, como mostro a seguir.

2.4.2 Internacionalização, andanças das tiras de *Armandinho* e outros acontecimentos

Figura 12: Cartaz de divulgação



<https://www.facebook.com/events/1429691290675997/>



A livraria FNAC Colombo de Lisboa, Portugal, promoveu em dezoito de maio de dois mil e quinze, o lançamento da versão portuguesa das tiras de Armandinho. Importante parte para o processo de internacionalização de um quadrinho genuinamente brasileiro o qual mostra um personagem e total (des)(re)construção de noções e conceitos que o atravessa. Ainda convém lembrar que no cartaz de divulgação trazido na figura 13 a materialidade discursiva da fala de Armandinho a partir de seu já-dito reforça um não-dito sobre as diferenças morfossintáticas do português de Portugal com o do Brasil, além da boina como acessório e um livro de quadrinhos nas mãos.

A fim de contextualizar os participantes convidados pela página do evento no *facebook*, Alexandre Beck fez a seguinte publicação:

Figura 13: Contextualização



<https://www.facebook.com/search/top/?q=armandinho%20di%C3%A1rio%20catarinense>

A rede social (Ruiz, 2011) é responsável pelo compartilhamento de ideias e/ou valores entre pessoas que possuem interesses e objetivos em comum. Possui(u) este alcance por muito tempo o *facebook*, após o *Orkut*⁵¹ (site de relacionamentos, isto é, comunidade virtual ligada ao *Google* cujo objetivo era auxiliar os membros a buscar novas amizades e manter relacionamentos, iniciada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014), ocupou esta função de alcance em

⁵¹ Ver: RUIZ (2011) Escrita de si no *Orkut*.

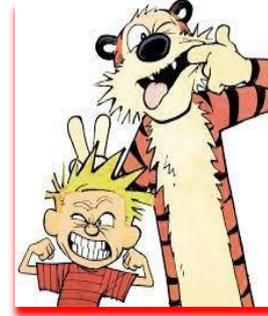
grande escala. Saliento que as tiras de Armandinho também estão em outra rede social, no *Instagram*⁵².

Na publicação, figura 14, emerge o dito do autor a fim de mostrar o processo ocorrido com as tiras que saíram da circulação apenas escrita nos jornais e foram para uma *fanpage* com o intuito de abarcar um número maior de pessoas por meio das reflexões propostas.

Já mencionada nesta tese a aproximação dos processos de autoria de Beck com Armandinho aos de Quino pela Mafalda, aos de Monteiro Lobato com Emília e aos de Bill Watterson por Calvin, desloco este para a seguinte problematização: há uma lembrança do ponto de vista verbo-visual das tiras de Armandinho com as tiras de Calvin & Haroldo, no norte-americano Bill Watterson, a partir das cores e do tipo de desenho, bem como o conteúdo temático reagido ao contexto sociocultural e político de suas épocas.



Mesmo que inicialmente foram voltadas para a ilustração e entretenimento, logo as tiras de Armandinho passaram a expressar preocupações de seu autor quanto às questões sociais, políticas e filosóficas pertinentes aos fatos e aos tempos concomitantes em sua publicação. Essas características possibilitaram aproximar o menino de cabelo azul ao menino de cabelo amarelo por meio de uma relação (inter)discursiva



entre os dois cartunistas, em suas produções, que contam a história do mundo pelo ponto de vista de uma criança, assim como Corbari (2020) descortinou paralelos entre Armandinho e Mafalda.

Desestabilizo o seguinte enunciado da figura 14 “Muita gente passou a conhecer o Armandinho a partir dela”, pois Beck, em seu dito, como autor, mantém a ilusão de ser a origem de seu dizer, criando uma realidade ilusória (Pêcheux, 2008), necessária a sua constituição, mas que pode escapar pela materialidade linguística por meio de lapsos, equívocos, contradições (Lacan, 1998) e pela heterogeneidade constitutiva (Authier-Revuz, 1998, 2004), já que é possível aventar que uma página em um rede social possibilita um alcance maior, porém as pessoas também podem utilizar outros meios para conhecê-lo já que os sentidos são voláteis e elas podem estar presentes no jornal impresso, no livro didático, em revistas, em provas/exames.

2.5. Tiras produzidas e publicadas a partir do arquivo Pandemia da COVID-19⁵³

⁵² Ver: <https://www.instagram.com/tirinhadearmandinho/> - Acesso em 19 de julho de 2024.

⁵³ Ver: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/qual-e-a-origem-do-novo-coronavirus.ghtml> - Acesso em 18 de julho de 2023

O ano de 2020 ficou inscrito na história como o ano de grandes mudanças e reviravoltas sociais. Nesse cenário foi preciso (res)significar as formas de vida em razão do surgimento de um vírus aparentemente desconhecido e bastante letal, o SARS-CoV-2, que causa a Covid-19. Segundo informações que circularam em vários veículos de comunicação na época do início do surto, o vírus teria surgido na cidade de *Wuhan*, na China, na qual foram registrados os primeiros casos de infecção no final de 2019, com as primeiras mortes no início de 2020, indicando uma doença altamente contagiosa e letal para a qual não se mostraram eficientes os remédios conhecidos pela medicina.

Em 28 de abril de 2020, após os anúncios dos protocolos da Organização Mundial de Saúde (OMS), houve a publicação e a troca da capa da *fanpage* como forma de marcar o período vivido por conta da Pandemia com o elemento máscara, que é um item obrigatório do protocolo para que as pessoas possam circular e fazer suas interações, gerando uma segurança para todos por conta do bloqueio que ela causa.

Figura remissiva 09: Mudança na capa *fanpage*



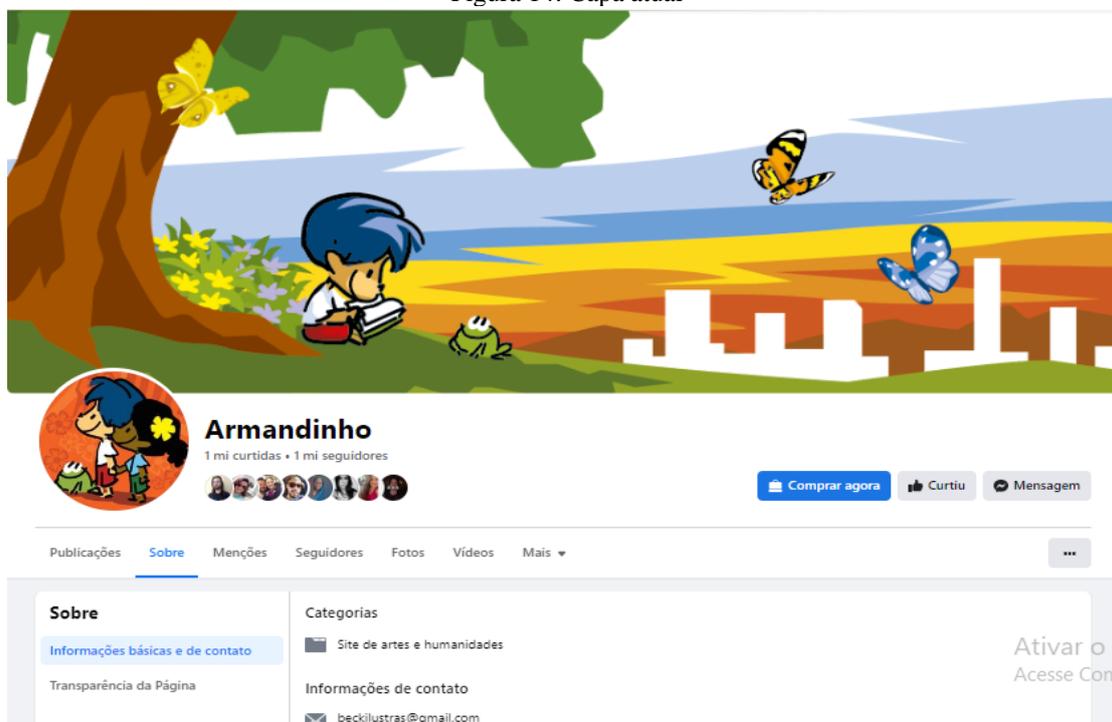
Disponível: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488374071207904/3237303019648315>

Ao incorporar este elemento, tanto no personagem quanto em seu animal de estimação, à capa da *fanpage*, tem-se o efeito de sentido de que o Armandinho apoia os protocolos indicados e como uma personagem que tem uma página com mais de 1 milhão de seguidores possa influenciar as pessoas ou, ao menos, gerar uma reflexão dada a circunstância sanitária mundial.

Em 2023, com atualizações e reformulações da rede social (com a atualização do *layout* do *facebook* não há mais a quantidade exata de seguidores, como era em 2020) e com o fim da emergência global da COVID-19 emitido pela OMS⁵⁴ a capa está, atualmente, assim:

⁵⁴ Ver: [OMS declara o fim da emergência global de Covid | Jornal Nacional | G1 \(globo.com\)](#) - Acesso em 18 de julho de 2023

Figura 14: Capa atual



(Fonte: [Armandinho | Facebook](#))

Após conhecer como as tiras de Armandinho se constituíram, desde a coletânea até a *fanpage* e como se tornou objeto dessa tese, passo para o arcabouço teórico e metodológico a contento neste momento e que possibilitou o gesto analítico interpretativo, a (trans)disciplinaridade e as aproximações propostas.

Parte II – Percurso teórico-metodológico

A **tira remissiva 09** abaixo desloca meu olhar sobre este escrito: as “certezas absolutas” que precisam ser contestadas. Um desses caminhos é “olhar por outros lados”, como assevera o pai de Armandinho, representado em suas tiras desde o início pelas pernas, atrelando à formação discursiva do relacionamento familiar e mobilizando o efeito de sentido de verticalização nessa relação, desestabilizado sempre que Armandinho quebra a expectativa seja pela ironia ou pelo humor.



Disponível: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/np.1428512969583415.100005065987619/955787877799852>

O escopo teórico-metodológico transdisciplinar (Coracini, 2010) foi o responsável por criar o percurso metodológico da tese. É nele e por ele que os discursos foram desestabilizados, a partir de já-ditos e não-ditos presentes no campo verbo-visual das tiras de Armandinho. Essa irrupção potencializa de forma paradoxal as certezas emergentes nos três primeiros quadros da **tira remissiva 09**.

A trama mobilizada nesta tese foi elaborada com a finalidade de poder compreender o objeto, haja vista que, nas palavras de Saussure (2006), “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (p. 15). Portanto, concatenar a ADF aos Estudos dos Quadrinhos, à Teoria Discursivo-Desconstrutivista e as Epistemologias do Sul possibilitou deslocar efeitos de sentido outros que ecoam nas tiras de Armandinho. Isso foi possível, desde as interativas, passando pelas remissivas e pelas sequências, até deparar-se com as tiras dos recortes analíticos. Para tanto, todo o gesto analítico empreendido nesta tese mobilizou a trama (trans)disciplinar (Coracini, 2010) para problematizar as cenas enunciativas com as quais fui me deparando ao longo da escrita.

Dessa forma, concebido fora da dicotomia saussureana, como um terceiro elemento, o discurso – nas palavras de Cardoso (1999) “é o fruto do reconhecimento de que a linguagem tem uma

dualidade constitutiva e que a compreensão do fenômeno da linguagem deve ser buscada fora do polo dicotômico: língua e fala” (1999, p. 21). Nesse limiar, Pêcheux (1975, p. 81) problematiza as noções de o contexto linguístico e o discursivo, trazendo-os para a de base linguística e a de processo discursivo-ideológico, respectivamente:

o sistema da *língua* é o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para o que dispõe de um conhecimento dado e para o que não dispõe. Isso não resulta que eles terão o mesmo *discurso*: a língua aparece como base comum de processos discursivos diferenciados. (*apud* Brandão, 2004, p. 41, *itálico* meu).

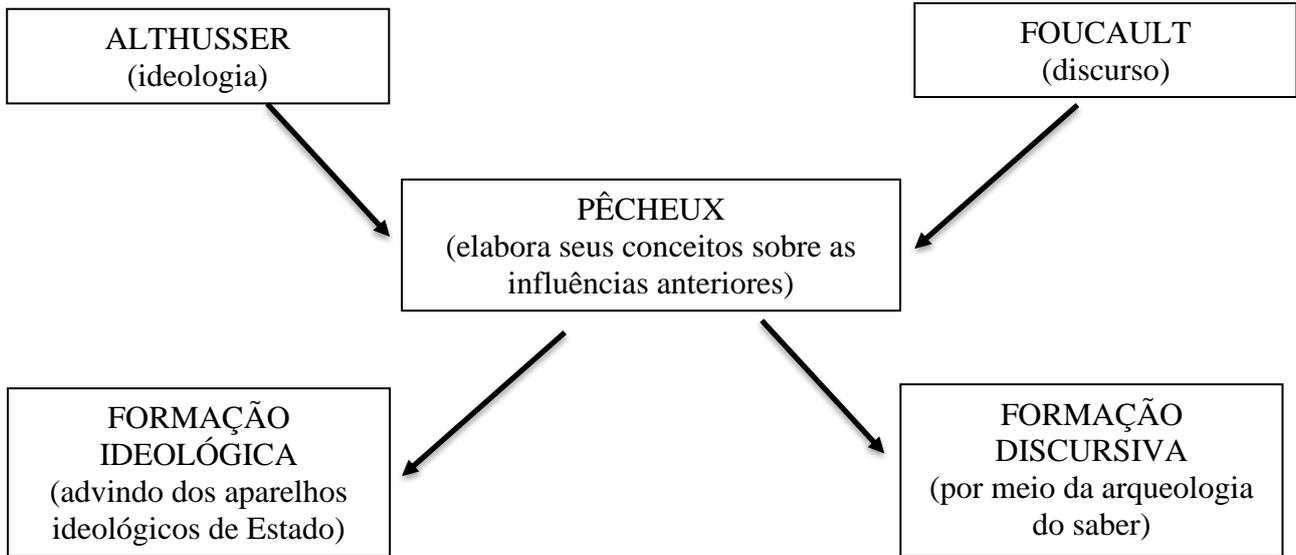
Coracini (2007) reforça a ideia anterior ao mencionar que “... seja qual for a forma linguística, haverá traços que apontam para a singularidade do sujeito enunciador que se revela no e pelo dizer, ainda que, conscientemente, creia apenas dizer” (2007, p. 97 – destaque meu). Dessa forma, a linguagem caracteriza-se por ser uma entidade formal, constituindo um sistema, atravessada por entradas subjetivas e sociais. Logo, o discurso qualifica-se como um lugar de investimentos sócio-histórico-ideológicos, psíquicos, com sujeitos interagindo em situações concretas. Por fim, retomo as palavras de Brandão (2004) “o ponto de articulação dos processos ideológicos e de fenômenos linguísticos é, portanto, o discurso” (p. 11).

A fim de compreender como o objeto simbólico observado na ADF produz sentidos, saliento que essa corrente teórico-metodológica vai além da interpretação, como enfatiza Orlandi (2009):

A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico [...] Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender (Orlandi, 2009, p.26).

Com isso, Lagazzi-Rodrigues (2007) afirma que “filiar-se a uma teoria é reconhecer-se frente a determinadas possibilidades de perguntas e de práticas científicas, em determinadas condições de produção” (p. 13). Para tanto, o quadro teórico da AD deve aliar do linguístico ao sócio histórico, ou seja, duas noções-conceito se tornam núcleos: discurso e ideologia, conforme figura abaixo:

Figura 15 – Quadro ADF



Fonte: (minha autoria)



Assim, o levantamento que proponho, neste capítulo três, vem ao encontro de situar as noções-conceitos que essa tese mobiliza, a fim de seguir o rigor científico de uma pesquisa acadêmica. Para isso, constituo-me de muitas vezes outras que também filiaram suas pesquisas neste arcabouço e elenco as acepções de cada noção-conceito: memória discursiva, interdiscurso, formações discursivas, posição-sujeito, autoria, regime de verdade, subjetividade, acontecimento discursivo e arquivo, que podem ser acessadas no capítulo que segue.

Capítulo 3: Noções-conceito: de memória discursiva a arquivo

Tira remissiva 10: Certezas



Este arcabouço teórico reivindica, pois, a prerrogativa de dizer o discurso no embate com o social, o histórico, o político e o ideológico, a fim de desestabilizar as certezas cristalizadas, como as ancoradas por Pudim, personagem negacionista das tiras de Armandinho, em nossas práticas discursivas. Muitas vezes, é preferível ancorar-se em certezas a se permitir outros olhares, como deslocado na **tira remissiva 10**.

O termo negacionista atrelado a Pudim, nesta tese, encontra eco no sentido de ele ser aquele que simplesmente não aceita uma ideia, juízo ou fato apresentado por uma comunidade científica, acadêmica ou filosófica como algo provado cientificamente. Não importa o nível de validade científica ou a profundidade da argumentação apresentada, a mente negacionista simplesmente se recusa a aceitar como verdadeiros os fatos científicos.

Nessa tese, a aproximação do negacionismo de Pudim nas tiras com as atitudes negacionistas do então Presidente da República Jair Messias Bolsonaro no tratamento dado à Pandemia no Brasil, como chefe de Estado e sempre se posicionando contra a Ciência em defesa da Economia, mostrado no capítulo analítico, no tópico Político-Pandêmico.

Entro, agora, nas noções-conceitos destacadas nesta tese sobre memória discursiva, interdiscurso, formações discursivas, regime de verdade, subjetividade, posição-sujeito, autoria, acontecimento discursivo e arquivo, conforme discorro do item 3.1 ao 3.9.

3.1 Memória discursiva

Para a ADF, a memória é (res)significada é entendida como interdiscurso, como aquilo que fala antes, em outro lugar, é portanto, memória discursiva. Assim, o dizer, como afirma Orlandi (2001), não é uma propriedade individual ou particular, mas de todos, coletivo, uma vez que as

palavras significam pela história e pela língua. O sujeito não possui controle sobre o seu dizer, sobre os sentidos do que diz.

Assim, quando o sujeito enuncia, o faz pela repetição, pensando ser a origem, arrolado pelos esquecimentos 1 e 2. O sujeito produz seu discurso pelo funcionamento dos esquecimentos que Pêcheux (2009) propõe chamar esquecimento número 1 – que é a ilusão de que o sujeito é origem de seu dizer - e esquecimento número 2 – que consiste na ilusão de que há uma relação direta entre pensamento/linguagem/mundo e, dessa maneira, só podemos dizer algo com as palavras que utilizamos e não com outras diferentes (Orlandi, 2001, p. 35)

Para tanto, cabe à memória discursiva ser uma prática social e não psicologizante ou cognitiva, já que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux 2008, p. 53).

Pêcheux (1997, p. 52) aponta que “memória discursiva é [...] aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem estabelecer os implícitos de que sua leitura necessita: a condição de legível em relação ao próprio legível”. E acrescenta que a memória Discursiva é, igualmente, “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularizações... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos” (Pêcheux, 1997, p. 56).



A **tira remissiva 11** intensifica a noção-conceito aqui apresentada, pois a personagem Pudim não consegue ou não quer (já que se apresenta como a personagem negacionista das tiras) ver além do que está visível, ou seja, a personagem Fê explica, com base na ciência, as funcionalidades de uma árvore a partir das implicações de sua existência e como contribui para o meio ambiente. Ela acessa essa memória discursiva sobre meio ambiente, para apoiar sua explicação ao passo que a reação dele é ficar no nível do que é visto.

Ainda, cumpro estabelecer a relação masculino x feminino, pois, como Pudim é o negacionista, carrega as características advindas desse atributo e, nesta cena enunciativa, há o efeito de sentido de uma relação de misoginia, pois é possível perceber que o já-dito da personagem Fê encontra eco na memória discursiva dos estudos científicos acerca das árvores, enquanto a ideia reducionista dele implica silenciá-la. Ele nega a ciência, mas também nega que uma pessoa do sexo feminino possa fornecer tais acepções.

Orlandi (2002, p. 31), ao disseminar a compreensão do que foi postulado por Pêcheux (2008), aponta que “a memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso.” Por esse viés, adentro ao interdiscurso, pois “[...] a memória discursiva é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (Orlandi, 2001, p. 29).

Para o próximo item, o (inter)discurso ganha peso nesta Tese, em virtude de como as tiras de Armandinho exploram essa noção a partir de relações interdiscursivas mostradas ou não-mostradas.

3.2 Interdiscurso

A interdiscursividade caracteriza-se como uma relação de um discurso com outros discursos; vozes discursivas outras que se manifestam em um dado discurso e interferem no seu sentido, isto é, ela é própria de todo discurso e é consequência do princípio do dialogismo que caracteriza a linguagem humana. Para Fernandes (2008), trata-se de um “entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais”. (2008, p. 37)

O interdiscurso tem lugar privilegiado nos estudos do discurso: ao tomá-lo como objeto, procura-se apreender não uma formação discursiva, mas a interação entre formações discursivas diferentes. Assim, dizer que ela é constitutiva de todo discurso é dizer que todo discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos. Eis a **tira remissiva 12** abaixo repleta de interdiscursos:



Pelo traço verbo-visual, a cena enunciativa esboça uma ação de despedida, pois, culturalmente, no Brasil, há uma recíproca de proteção divina como forma de cuidado. Assim, o primeiro quadro três das quatro personagens realizam o que é costumeiro, de acordo com suas religiões e crenças, trazendo seus interdiscursos: Fê, a garota branca, é cristã e se refere no seu já-dito como “Deus”; Camilo, um garoto negro, cita “Olodumaré”, divindade de matriz afro-brasileira; o garoto indígena, Moacir, faz referência a “Ñanderu”, ou Nhanderu, um deus guarani; menos Armandinho, que significa pelo silêncio (Orlandi 2007). Provavelmente, o garoto de cabelo azul não professe uma crença ou religião, logo fica de fora da ordem do discurso e não consegue trazer seu dito, neste quadro.

Porém, no segundo quadro, após uma pausa, lacuna, vazio, que poderia ter o efeito de sentido de desatenção ou despreocupação com o diálogo dos amigos, Armandinho faz a referência “leve um casaquinho”, um dito que o coloca de volta na ordem do discurso, pois é a recomendação, o cuidado que ele conhece lá da formação discursiva do relacionamento familiar. Logo, se ele não professa fé ou crença, não teria meios de calcar seu dito em algum representante divino, como fora feito pelos amigos, todavia isso não o impediu de expressar cuidado e afeto para a alteridade.

No movimento dos efeitos de sentidos empreendidos aqui, é possível uma reflexão de que não é necessário que não se perpetue a ideia de que ateu é desumano, ou pessoa monstruosa, mas, que, tem empatia com o próximo e consegue expressar cuidado, sem calcar seu dito no divino, mesmo porque toda a cena enunciativa suscita possíveis interdiscursos, uma vez que o escopo verbo-visual atesta uma diversidade étnica e de pluralidade de crenças.

Compreendido pelo conjunto das formações discursivas e inscrito no nível da constituição do discurso, o interdiscurso determina materialmente o efeito de encadeamento e articulação de tal modo que aparece como o puro *já-dito*. Além disso, determina os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva, na medida em que trabalha com a resignificação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível.

As características apresentadas estão ligadas, portanto, à noção de heterogeneidade discursiva, de formação discursiva e de pré-construído. Nesse próximo item, o foco foi dado por mim à segunda noção.

3.3 Formações discursivas

Fernandes (2008) reflete que uma formação discursiva nunca é homogênea, pois é sempre constituída por diferentes discursos e é caracterizada pela existência de um conjunto semelhante de objetos e enunciados que os descrevem, pela possibilidade de explicitar como cada objeto do discurso tem, nela, o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que a engendram derivam de um mesmo jogo de relações. Eis a **tira remissiva 13** e seus movimentos de sentido:



A trama envolvida na cena enunciativa proposta pela tira a partir do aspecto visual engendra um drama emergido no segundo e terceiro quadro e que precisa de uma tomada de decisão que possibilite contemplar as duas ações, sem que um fique no prejuízo. Ao deslizar o efeito de sentido pelo terceiro quadro, a imaginação de Armandinho traz a dispersão do discurso de proteção ao animal de estimação, se ele retirar a flor para entregar à mãe. A alternativa adotada e apresentada no quarto quadro estabelece a regularidade dos elementos que compõem as formas de agradar ambos: a mãe tem a retribuição de o filho mostrar-lhe uma flor e o sapo não fica sem o elemento que o possibilitará proteger-se do sol. Além disso, flores podem possibilitar a vinda de insetos que é o alimento prioritário de sapos. Nem sempre é dito que se quer e como se quer dentro de uma formação discursiva, assim como o agrado de um, implicará em um desagradado para outro, mesmo que partilhem do mesmo elemento discursivo.

O processo de questionamento das unidades discursivas suscita, ao menos, um primeiro momento de análise e, para tal, o caminho proposto por Foucault (2008) é a descrição da dispersão e da repartição desses enunciados, a fim de detectar uma regularidade discursiva. Detectada a regularidade discursiva, há, então, uma formação discursiva. Nas palavras de Foucault (2008):

No caso em que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem,

correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva [...] (Foucault, 2008, p. 47)

Em virtude de as formações discursivas funcionarem como lugar de articulação entre a língua e o discurso, nesta tese, trago quatro subdivisões que contribuem para a cadência dos fios teórico-metodológicos: discursiva, ideológica, imaginária e social.

3.3.1 Formação Discursiva (FDi)

Fernandes (2008) – grosso modo – identifica a Formação Discursiva como “o que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar de realização a partir das condições de produção específicas e historicamente definidas.” (2008, p. 48). Ela determina o que pode e deve ser dito, a partir de um lugar social e historicamente determinado. Um mesmo texto pode aparecer em FDi(s) diferentes, logo, variações de sentido.

Faz-se necessário acrescentar que uma FDi não é homogênea em virtude do caráter dialógico da linguagem, já que uma FDi tem dentro de si outras FDi(s) com as quais dialoga, quer para contestar ou para um unir, quer para estabelecer relações de conflito ou de aliança.



A tira é centrada na formação discursiva da sociedade patriarcal ou patriarcalismo. Mesmo que, por ironia, Armandinho incorpora tal concepção, já que, no primeiro quadro, mostra-se atento e curioso para problematizar sobre “machismo” com seu pai, a partir de sua indagação. Como a resposta ao seu questionamento é dada pela sua amiga Fê, Armandinho assume as práticas machistas e reage no terceiro quadro.

Tal reação legítima que a mulher, representada pela personagem Fê, não pode dizer dentro do contexto patriarcal e, quando o faz, é silenciada, descredibilizada, pela voz masculina, representada

pela personagem Armandinho. Para tanto, a **tira remissiva 14** cumpre o papel de mostrar o caráter do dizer em formações discursivas. Agora, deslizo os efeitos de sentido para as formações ideológicas.

3.3.2 Formação Ideológica (FI_d)

Pêcheux & Fuchs (1990, p. 166) – caracterizam formação ideológica como:

Conjunto complexo de atividades e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflitos uma com as outras. (*apud* Fernandes, 2008, p. 48, aspas do autor)

Com isso, segundo as posições inscritas pelos sujeitos, os sentidos se manifestam a fim de ser elemento suscetível de intervir como força em embate com outras forças na conjuntura ideológica.

As palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. (Pêcheux, 2014, p. 146-147, itálicos do autor).

Dessa maneira, esse conjunto de atitudes e representações, que os falantes têm sobre si mesmos e sobre o interlocutor e o assunto em pauta, estão relacionadas com a posição social de onde falam ou escrevem, com as relações de poder (muitas vezes contraditórias ou conflituosas) estabelecidas. Eis a **tira remissiva 15** e seus efeitos de sentido:



A formação ideológica perpassa o corpo negro, representado por Camilo, na cena enunciativa da **tira remissiva 15**, que, atento ao diálogo, indigna-se, ao perceber que o policial, representado pela vestimenta militar e um carro, no último quadro, oferece carona a moça a fim de que a protegesse dele, negro. Esta constituição e construção é vivenciada por Camilo, que, no não-dito da cena, mostra

sua vivência cotidiana carregada de preconceito e discriminação por conta de sua cor de pele. Esta reação visual de Camilo frente ao já-dito da cena enunciativa projeta o seu lugar de fala e a formação ideológica imbricada em seu processo constitutivo.

O embate de forças em certo espaço histórico atesta a formação ideológica e contribui para os efeitos de sentido da tira em evidência: a segurança pública, que deveria proteger todos, segrega. Para além disso, há um não-dito na cena enunciativa e, após deslizar os sentidos, coaduno os enunciados “não ofereceu nenhuma resistência física, nem pediu ajuda ou socorro” e “a vítima poderia, sim ter resistido à prática do fato libidinoso, mas não o fez” formando o dito nos autos do juiz Ronaldo Roth, da 1ª Auditoria Militar, ao inocentar dois policiais de Praia Grande, São Paulo, do crime de estupro. O caso ocorreu em 2019, como ação estava em segredo de justiça, veio a público em junho de 2021.

De acordo com o relato da acusação, a mulher, então com 19 anos, desembarcou de um ônibus em frente a um shopping em Praia Grande (SP) e pediu orientações aos policiais por ter perdido o ponto em que deveria ter descido. Ainda segundo a acusação, ao ouvir o relato da jovem, os homens tiveram uma breve conversa entre si e, em seguida, ofereceram a jovem uma carona na viatura policial até o terminal rodoviário.

Diante do deslocamento trazido para o efeito de sentido, a cena enunciativa legitima o viés ideológico de a segurança pública exercer seu papel de segurança por mostrar a personagem negra e a polícia solícita, porém a ideologia foi encapsulada por dois seres que de nada foram humanos com a jovem, mas que receberam proteção do magistrado, mesmo com provas substanciais⁵⁵.

Nessa perspectiva, reforçada pela visão de Orlandi (2001), a linguagem está materializada na ideologia e, como a ideologia se manifesta na língua, tem-se a ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, isto é, a ideologia contida no homem durante sua formação social é materializada por meio do discurso.

No próximo item, o foco foi dado à questão do imaginário resultante de formações imaginárias e de já-ditos.

3.3.3 Formação Imaginária (FIIm)

A partir do conceito laciano de imaginário, Pêcheux (2008) define que as formações imaginárias sempre resultam de processos discursivos anteriores. Nessa direção, as formações imaginárias manifestam-se, no processo discursivo, através da antecipação, das relações de força e

⁵⁵ Ver: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2021/06/justica-militar-inocenta-pms-de-estupro-vitima-poderia-ter-resistido.html> - Acesso em 18 de julho de 2024.

de sentido. Na antecipação, o emissor projeta uma representação imaginária do receptor e, a partir dela, estabelece suas estratégias discursivas.

Logo, o lugar de onde fala o sujeito determina as relações de força no discurso, enquanto as relações de sentido pressupõem que não há discurso que não se relacione com outros. O que ocorre é um jogo de imagens: dos sujeitos entre si, dos sujeitos com os lugares que ocupam na formação social e dos discursos já-ditos com os possíveis e imaginados. As formações imaginárias, enquanto mecanismos de funcionamento discursivo, não dizem respeito a sujeitos físicos ou lugares empíricos, mas às imagens resultantes de suas projeções.

A **tira remissiva 16** aborda tal temática:



Armandinho manifesta toda sua felicidade nos dois primeiros quadros, estando em uma loja e experimentando um chapéu novo, atestado pelos elementos visuais da tira que marcam o espaço em que se encontram e a etiqueta do chapéu. A negativa de Camilo perante à solicitação que Armandinho faz no segundo quadro, deixa o garoto de cabelo azul com a fisionomia totalmente diferente no último quadro, ainda mais quando Camilo enuncia que seria melhor para “evitar alguma cena”.

Armandinho projeta em sua formação imaginária que Camilo teria a mesma sensação, ao experimentar o chapéu, porém diante do racismo estrutural e estruturante, a personagem negra acredita que de posse do chapéu novo e fazendo o mesmo processo que a personagem branca fez, haveria uma “cena”. Deslizando os efeitos de sentido, há um não-dito que possibilita entender a imagem resultante da projeção dele usando o chapéu na loja resultaria em mais uma cena de discriminação e preconceito por conta de sua cor de pele e do espaço que a formação imaginária contribui para reforçar que não ele deveria estar ali.

Ao falar de formação social, o próximo item finaliza as formações discursivas com as relações sociais inscritas em processos discursivos.

3.3.4 Formação Social (FSO)

A formação social é caracterizada por um estado determinado de relações entre classes que compõem uma comunidade em determinado momento de sua história e por um espaço a partir do qual se podem prever os efeitos de sentido a serem produzidos. Para a Análise do Discurso, as posições que os sujeitos ocupam em uma dada formação social condicionam as condições de produção discursivas, definindo o lugar por eles ocupado no discurso. Ao funcionamento das formações sociais está articulado o funcionamento da ideologia, relacionado à luta de classes e às suas motivações econômicas.

Logo, essas relações estão assentadas em práticas exigidas pelo modo de produção que domina a (FSO). A essas relações correspondem, também, posições políticas e ideológicas que mantêm entre si laços de aliança, de antagonismo ou de dominação. Eis a **tira remissiva 17**:



A relação verbo-visual da tira aprimora a problematização das questões relacionadas a quem “anda sobre rodas” no Brasil. Partindo dessa metonímia, “sobre rodas”, enquanto parte do todo “veículo” ecoa de forma positiva, a partir do substantivo “prioridade” em que, possivelmente, o usuário de carros, como mostrado nos elementos visuais do primeiro quadro, recebem maior atenção no trânsito. Isso posto, há ecos em outros espaços como os prioritários, mostrando, talvez, o poder aquisitivo e econômico atrelado ao bem em detrimento a outros elementos que possuem rodas e também têm seus usuários, tais como bicicleta e os ciclistas e cadeira de rodas e cadeirante, como os mostrados no segundo e terceiro quadros, respectivamente.

Em relação aos ciclistas, por mais que seja um veículo que tem ganhado espaço no trânsito, ainda é imperativo pensar estratégias para os carros, pois o aumento de usuários em grandes centros é

exponencial⁵⁶. Já em relação ao usuário da cadeira de rodas, na maioria das vezes, não é respeitado seu direito de ir e vir, pois há elementos no trânsito que impedem ou dificultam a passagem, como por exemplo, as guias rebaixadas e rampas mal sinalizadas ou mal feitas⁵⁷.

Ao finalizar as formações discursivas, o regime de verdade ganha relevância ao deslocar os sentidos das vontades de verdade.

3.4 Regime de verdade

De acordo com Foucault (2010a, p. 67), regimes de verdade implicam naquilo “que constrange os indivíduos a um certo número de atos de verdade”, estabelecendo para tais atos, determinadas condições e efeitos específicos. Não se trata, então, de quem ou qual é o lugar de enunciação da verdade, mas do modo como ao dizer, afirma-se um conjunto de relações que sustentam o caráter do que é verdade do que é dito. Assim, os regimes de verdade se tornam formas de produção destas a partir de relações de poder e de saber que os atualizam.

Ainda, um regime da verdade é o campo estratégico no qual a ela é produzida e se torna um elemento tático necessário para o funcionamento de várias relações de poder e saber no interior de uma dada sociedade. Além disso, Foucault (2010b) usa o termo “regimes de verdade”, a fim de afirmar que:

Sob a suavidade ampliada dos castigos, podemos então verificar um deslocamento de seu ponto de aplicação; e através desse deslocamento, todo um campo de objetos recentes, todo um novo regime da verdade e uma quantidade de papéis até então inéditos no exercício da justiça criminal. Um saber, técnicas, discursos “científicos” se formam e se entrelaçam com a prática do poder de punir (Foucault, 2010b, p. 26)

Os efeitos regulamentados de poder são o que conhecemos como verdade, que só existe no e com o saber. Toda sociedade tem em um regime de verdade, mecanismos que possibilitam a distinção entre enunciados verdadeiros e falsos. A verdade está situada na forma do discurso científico e em instituições que produzem esses discursos, é objeto de difusão e de consumo. Existe uma luta pela verdade, que se constitui por regras que determinam o que é verdadeiro do que é falso por meio de efeitos específicos de poder (Foucault, 1979).

⁵⁶ Ver: <https://veja.abril.com.br/economia/venda-de-carros-novos-cresce-113-no-brasil-em-2023> - Acesso em 20 de julho de 2024

⁵⁷ Ver: <https://www.paxbahia.com.br/blog/55-acessibilidade-para-deficientes-f%C3%ADsicos.html> - Acesso em 20 de julho de 2024

A “verdade” é produzida e apoiada por sistemas de poder e reproduzida pelos efeitos desse poder, há um “regime” da verdade. Trata-se de libertar a verdade, que é poder, das formas de hegemonia. Um corpo social surge a partir do exercício de poder sobre o corpo dos indivíduos, não surge a partir de um consenso (Foucault, 1979). Eis a **tira remissiva 18** para problematização:



No escopo verbo-visual da tira, tem-se o sapo em posição de escuta, sentado em um banco, enquanto Armandinho trabalha com orações coordenadas sindéticas alternativas a fim de suggestionar ao sapo uma situação de exclusão dentre ao que propõe ensiná-lo, já que a posição de escuta demonstra que ele está pensou a “ouvir”.

Neste processo, o que está em jogo são palavras que apresentam antíteses necessárias nessa relação de busca que Armandinho inicia no primeiro quadro, com seu olhar em plano inferior, no segundo quadro, plano mediano e no terceiro, plano superior, a fim de possibilitar o efeito de sentido da cadência de situações antitéticas com o gesto de busca feito por ele.

Neste gesto interpretativo engendro o último dizer da tira “quando não se sabe o que é verdade ou mentira”, pois a questão não fica em definir a verdade, mas deslizar que há vontade(s) de verdade, por exemplo, pode ser um desses desejos que se constitui pela falta do sujeito (e/ ou pelo sujeito da falta) que almeja consolidar discursos, legitimá-los, no caso da tira tentar a completude dentro do que é antitético. Trata-se de um desejo pelo poder e o discurso é o poder do qual se quer apoderar (Foucault, 1996), já que o conceito de regime de verdade não está mais atrelado apenas à noção de poder/saber.

Logo, a introdução da dimensão da subjetividade, reorienta um regime de verdade como “aquilo que determina as obrigações dos indivíduos quanto ao procedimento de manifestação do verdadeiro” (Foucault, 1996, p. 93). Assim, desenvolve-se um regime de verdade indexado à subjetividade a qual debruço no próximo item.

3.5 Subjetividade

Na teoria discursiva, na qual esta tese se inscreve, língua e fala são indissociáveis. No feixe discursivo, quando a língua é posta em uso por meio da fala, há a constituição de uma subjetividade. O sujeito fala de algum lugar, tem determinada(s) posição(ões) que pode(m) estar relacionada(s) a outras instituições sociais (políticas, jurídicas, religiosas, etc.), portanto o discurso tem suas condições de produção.

Na constituição da subjetividade, o sujeito é atravessado pela lí(i)ngua(gem), clivado, dividido, barrado, descentrado e, portanto, heterogêneo. No entanto, esse sujeito heterogêneo, que se constitui pelo olhar do (O)outro e pela linguagem, é incompleto, está sempre em busca da sua completude, deseja a homogeneidade e a ação consciente, mas a falta o constitui. As falhas que irrompem no fio do discurso (no imagético-discursivo) possibilitam “o deslocamento” (Orlandi, 2007, p. 14) de sentidos outros, da subjetividade e da alteridade. É nesses aspectos que a **tira remissiva 19** se inscreve:

Tira remissiva 19: Crenças



A cena enunciativa traz um embate possibilitado pelo discurso religioso (da religiosidade) em relação à figura de “Deus”, a partir de uma visão cristã-católica, no caso do aspecto verbo-visual da tira, dada à personagem branca e uma visão de transformação cultural da religiosidade em relação ao sagrado feita pela personagem negra. Ao ser interpelado, Armandinho propõe, com base na palavra “respeito”, entender a subjetividade de cada um e validá-la. Porém, como os sentidos deslizam e estão sempre em movimento, cumpro deslocar o não-dito da cena, visto que a indagação era para que ele se posicionasse em relação à figura de Deus. É possível que Armandinho seja filiado a uma das acepções apresentadas no dito, mas agiu de forma a acolher as duas visões.

Retornando à noção-conceito de sujeito da falta, o aspecto visual potencializa o efeito de sentido de que Armandinho se filia ao discurso cristão católico, haja vista que há um riso e um gesto com o braço, ocorridos no primeiro quadro, ao passo que na visão que protesta, apresentada no segundo quadro, sua fisionomia está fechada e os braços rente ao corpo.

Considerando o sujeito como efeito da Lí(i)ngua(gem), concordo com Coracini (2007) ao afirmar que o sujeito se constrói por múltiplas identificações que, como fios, se entrelaçam a fim de construir uma rede de subjetividade. Ao falar de subjetividade, fala-se de modos de existências, o que quer dizer, modos de agir, de sentir, de dizer o mundo, ou seja, uma subjetividade percebida como processo e produto: “[...] a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo” (Foucault, 2010b, p. 236) e implicação na forma-sujeito (posição-sujeito).

Assim, o discurso, como um lugar de constituição subjetiva, é constitutivo de posições-sujeito para Foucault (2008) e/ou forma-sujeito para Pêcheux (2014) sobre a(s) qual(is) discorro em 3.6.

3.6 Posição-sujeito e/ou forma-sujeito

Segundo Pêcheux (2014), o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia com inserção em uma dada formação discursiva que o domina. Essa formação discursiva é atravessada por outras formações discursivas, ao mesmo tempo, contraditórias, por meio do interdiscurso. De acordo com o autor, quando o interdiscurso tem efeito sobre si mesmo, há um processo de interioridade determinada do exterior chamado de intradiscurso e que tem relação expressa com a forma-sujeito:

[...] diremos que a forma-sujeito (pela qual o “sujeito do discurso” se identifica com a formação discursiva que o constitui) tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, *ela simula o interdiscurso no intradiscurso*, de modo que o interdiscurso aparece como puro “já-dito” do intradiscurso, no qual ele se articula por “correferência”. Parece-nos, nessas condições, que se pode caracterizar a forma-sujeito como realizando a incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso: a unidade (imaginária) do sujeito, sua identidade presente-passada-futura encontra aqui *um de seus fundamentos* (Pêcheux, 2014, p. 155, itálicos do autor).

O sujeito é uma construção discursiva porque se constitui a partir das regras de formação desse discurso, uma vez que o sujeito ocupa lugares no discurso, que o institucionalizam, conferem a este discurso o estatuto de verdade, confere poder ao sujeito que o profere.

Foucault desloca a noção de forma-sujeito empreendida por Pêcheux para intentar um sujeito que assume lugares sociais no discurso.

[...] é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos (Foucault, 2008, p. 105).

Se o sujeito é uma posição, é possível afirmar com Foucault (2008) que são posições de subjetividade, amparadas por lugares institucionais que podem ser ocupados por qualquer sujeito que esteja autorizado a falar, constituindo-o novamente em sujeito. Há diversas posições-sujeito que o sujeito pode ocupar, os papéis, de diferentes sujeitos, que pode assumir. Eis a **tira remissiva 20** para desestabilizar estes aspectos:



A cena enunciativa remete a um matrimônio a partir do dito “...eu vos declaro... marido e mulher!” o qual é empreendido em situações de casamento. Desvelando o machismo contido em tal afirmação, Armandinho sente-se incomodado e indaga “mas ela é mulher só agora?” a fim de irromper com os fios discursivos da herança de uma cultura machista que insiste em perpetuar neste mundo, não devendo ser tolerante a este tipo de ignorância, pois não é a questão da mulher ser posse do homem e sim uma união matrimonial, possibilitando outros dizeres “eu vos declaro casados”, “eu vos declaro marido e esposa” ou “eu vos declaro esposo e esposa”.

Diante do exposto, talvez, deslocaria uma cultura que, muitas vezes, vem de mãe para filha e reverbera por muito tempo que a mulher não era mulher ainda porque não havia se casado. Logo, uma dependência masculina para afirmar o outro e colocá-lo em posição-sujeito ou forma-sujeito dentro dos parâmetros patriarcais, isto é, a existência de um ser determinada por outro ser.

Outro deslocamento possível para o “tornar-se mulher” está na perda da virgindade em que, culturalmente, enuncia-se que a adolescente/jovem tornar-se mulher como se só agora se descobrisse

mulher, só após a influência do homem ela se torna mulher. Isso é para legitimar o discurso patriarcal e de poder microcapilar do homem sobre a mulher como propriedade, ao colocá-la nessa posição.

Como afirma Foucault (2008, p. 66), o discurso “é [...] um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo”. Engendo, pois, a noção-conceito de autoria a partir da visão discursiva.

3.7 Autoria

Para a ADF, a “autoria” é a “posição” que o sujeito assume diante de seu texto. Orlandi (2004) contempla essa posição por meio de formulações históricas. Ou seja, “o sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável” (Orlandi, 2004, p. 70), e se ele “inscreve sua formulação no interdiscurso, ele historiciza seu dizer” (p. 70).



A cena enunciativa emerge uma questão que precisa ser resolvida, como enunciada pela personagem Camilo, no primeiro quadro, apoiada pela instância visual da folha que se encontra na mão da personagem Fê. Para tal resolução, Camilo propõe a “união dos pontos”, ao que no último quadro é acrescido pelo Armandinho “os pontos de vista”. O efeito de sentido produzido ratifica a ideia de autor(ia) empreendida neste escrito, pois cada qual em sua observação sobre a mesma questão pode contribuir com deslocamentos necessários à escrita que irrompe o problema apresentado.

É nesta linha tênue que o autor deve ser compreendido como um modo de existência do discurso, uma figura especificada e habilitada a formular certos enunciados. O autor não se confunde com o sujeito em geral, que não passa, aliás, de uma abstração. Ao invés de um sujeito constante e uma consciência fundadora, Foucault faz o convite a pensar em formas contingentes de subjetivação ou de se tornar sujeito. O autor, nesses termos, é apenas uma especificação da função-sujeito, uma

posição que o indivíduo pode ocupar no discurso e, assim, tornar-se sujeito, tomar a palavra e desempenhar um papel determinado.

Ser autor é uma forma de especificar o ser sujeito, de funcionar como sujeito do discurso. Assim, a função-autor não se confunde com outras posições que o indivíduo pode ocupar no discurso. O nome de autor está atrelado não propriamente a um indivíduo real e exterior que proferiu um discurso, mas a um certo tipo de discursos com estatuto específico, isto é, aqueles cujo modo de ser, numa determinada cultura, torna-os providos de uma atribuição de autoria. O autor é, também, sinalizado e definido pelos próprios textos que, podem remeter, não a um indivíduo singular, mas a uma pluralidade de egos ou a várias posições-sujeitos considerando-se a função-autor como uma particularização possível da função-sujeito, para perguntar não pelo sujeito constituinte, mas pela sua constituição como função do discurso.

Ampliando a noção-conceito de autor, Foucault (2009) afirma que a função autor não é exercida de modo homogêneo, pois em cada sociedade, os variados discursos têm relações diferentes com a função autor e que ela é “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade (p. 274). Ela é o resultado de operações complexas que conferem unidade e coerência a certos discursos, estabelecendo a maneira pelos quais eles circulam em dada sociedade. A função autor, portanto, indica de que maneira determinado texto deve ser recebido e qual estatuto deve adquirir.

Logo, para movimentar a teia discursiva, recorro à noção-conceito de acontecimento discursivo e a problematizo a seguir.

3.8 Acontecimento discursivo

Acontecimento discursivo, que instaura um campo (discursivo) em efervescência, trazendo consigo as características que assim o definem: os enunciados, os atravessamentos, as brechas, as contradições, enfim, todo um universo pertencente ao plano do discurso posto em ação análise do discurso cujo foco encontra-se nos acontecimentos discursivos.

A partir de um esforço de Pêcheux em entender o discurso, enquanto objeto que transita entre estrutura e acontecimento (Pêcheux, 2008), o acontecimento discursivo marca a terceira fase dos desenvolvimentos da AD pelo seu fundador e filósofo francês. Ela elucidada que os sentidos acontecem na dispersão, ou seja, os sentidos são sempre atravessados pela fala do outro, produzidos, pois, no entrelaçamento entre atualidade e memória, implicando uma tensão dialética constitutiva do discurso.

Por fim, Pêcheux demonstra que a linguagem, enquanto discurso, não pode ser compreendida como uma unidade significativa, mas como efeitos de sentido entre os sujeitos que a utilizam, ao conceber o discurso como instância histórica e social.

Logo, o discurso é tanto estrutura quanto acontecimento: este retoma formulações anteriores e abre possibilidades para que outros discursos sejam formulados a partir dele; aquele centra-se na materialidade linguística que possibilita tal encontro. Dessa maneira, há uma estrutura que permite o acontecimento discursivo e que também é responsável pelos efeitos de sentido produzidos.

Para Foucault, é o acontecimento como prática histórica, ou seja, um acontecimento discursivo que se ocupa das regularidades históricas das práticas que dizem, redizem, são ditos, são comentados, movimentando a teia discursiva. Dessa maneira, toda vez que um discurso é retomado, vira um acontecimento:

Eu me dei como objeto uma análise do discurso [...]. O que me interessa no problema do discurso é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Isto é o que eu chamo de acontecimento. Para mim, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições. [...]. O fato de eu considerar o discurso como uma série de acontecimentos nos situa automaticamente na dimensão da história. (Foucault, 2010, p. 255-256).

A partir disso, uma das estudiosas sobre Michel Foucault, Gregolin (2011) menciona que “[...] diferentes temporalidades na história e, assim, os sujeitos não a vivem somente a partir de uma temporalidade de longa duração, mas também em temporalidades que são da instância do acontecimento, que emergem num determinado momento” (Gregolin, 2011, p. 90). E como surge essa emergência? “Essa emergência (seja na longa duração, seja na instância do acontecimento) é materializada no discurso, em palavras e imagens.”

Tira remissiva 22: 08 de março



A cena enunciativa recorre a um acontecimento discursivo a partir do já-dito na placa no terceiro quadro “8M”, que leva a um não-dito “08 de março”, Dia Internacional da Mulher. A esse acontecimento discursivo, atrelou-se, na tira, o substantivo feminino “luta”, imbricado com o artigo definido, no primeiro quadro, para nomear os movimentos que marcam a data e filiam-se aos discursos possibilitados a esse acontecimento, tanto para legitimar quanto para criticar. Com o “há” do verbo haver, no segundo quadro, para marcar a existência de um dia para chamar a atenção da sociedade para as lutas femininas, seja por igualdade, equidade ou respeito. Na contração da preposição “a” com o artigo definido “a” e o acento grave indicativo de crase “à”, no terceiro quadro, atrelada à parte visual do quadro com as mulheres em movimento, atestando que estão em marcha, que foram à luta, possibilitando o efeito de sentido de que a luta é construída também nas resistências cotidianas nas quais as mulheres precisam estar atentas a fim de não permitir nenhuma forma de intimidação, alicerçada nas relações de poder. Enfim, são pelas lutas do passado, do presente e do futuro que seguem.

Portanto, é essa materialidade imagético-discursiva possibilitada pelas tiras de Armandinho a partir do acontecimento discursivo Pandemia da COVID-19 que instaura a noção-conceito de arquivo.

3.9 Arquivo

Arquivo é aquilo que é permitido dizer em um sistema de discursividades, é o que rege o que pode ser dito, rege os enunciados como acontecimentos singulares (Foucault, 2008), por isso, o arquivo atribui sentido ao dizer.

Para Coracini (2007), aos moldes derrideanos, o arquivo vai definir o que (não) pode e o que (não) deve ser dito, ele permite (ou não) a modificação de dizeres ao longo do tempo, garantindo a memória e sendo garantido por ela. Referindo-se à memória como esquecimento, é por ela que se interpreta o que passou e, concomitantemente, se faz presente (Coracini, 2007).

Não se discute o arquivo em sua totalidade, ele acontece por fragmentos, regiões e níveis (Foucault, 2008). É no arquivo que se materializam as práticas discursivas, constituídas por relações de poder, onde o poder se exerce, mas também onde há espaço para resistência do sujeito, que é uma construção social que se elabora e se transforma constantemente (Coracini, 2007). Eis a **tira remissiva 23** que possibilita deslizar efeitos de sentido no arquivo Pandemia:



O uso da máscara pela personagem Armandinho condiciona no viés temporal à época da Pandemia da COVID-19, além dos já-ditos da tira que trazem os reflexos dela no Brasil. Instaure-se, pois, um arquivo para a Pandemia e as condições de produção das tiras de Armandinho, nesse período, inscrevem-se nesse arquivo a fim de mobilizar regularidades verbo-visuais que possibilitaram tal enquadre.

Saliento que o primeiro quadro retrata os boletins diários divulgados, bem como os gráficos que mostravam aumentos exponenciais e, principalmente, vidas se tornando estatísticas.

Auxiliando na compreensão da noção-conceito de arquivo, recorro a Sargentini (2008) que afirma “trabalhar com a noção de arquivo exige do analista que o material em análise receba uma leitura que traga à tona dispositivos e configurações que permitam flagrar o sistema de formação e transformação dos enunciados a partir da diversidade de textos” (Sargentini, 2008, p. 132-133).

Faço, logo, um paralelo com a arqueogenealogia empreendido por Foucault (1979; 1999; 2008) como um produtivo referencial “metodológico” para o desenvolvimento de pesquisas de cunho crítico pautadas em análises de monumentos por meio da “caixa de ferramentas”. Antes de elencar a “metodologia”, o filósofo adverte:

Todos os meus livros [...] podem ser pequenas **caixas de ferramentas**. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder [...] pois bem, tanto melhor (Foucault, 2008, p. 52, destaque meu).

Capítulo 4: Metodologia

Tira remissiva 24: Conhecimento



Neste quarto capítulo, destravo os fios metodológicos no envolvimento da arqueogenealogia (Foucault, 1979; 1999; 2008) e, para além da “metodologia”⁵⁸, a perspectiva da desconstrução, observando o discurso como uma prática social que obedece a regras e se encontra enquanto um conjunto de enunciados apoiados na(s) formação(ões) discursiva(s), que produz efeitos de sentido outros, considerando a vontade de verdade como possibilidade e o arquivo em que se insere, e possui história, vista como descontinuidade (Foucault, 2008).

Ratificando os já-ditos da **tira remissiva 24** com o gesto posto anteriormente, resvala na ampliação e desenvolvimento do conhecimento, pois, ao elencar estes fios metodológicos, cria-se a possibilidade de adentrar aos problemas teóricos e os possíveis (des)caminhos que a pesquisa científica e o conhecimento científico possam ter.

4.1 A arqueologia (do saber) e genealogia (do poder)

Conforme Foucault (2008), o discurso é um produto das relações de força da sociedade e o autor esclarece:

Ele designa o tema geral de uma descrição que interroga o já dito no nível de sua existência; da função enunciativa que nele se exerce, da formação discursiva a que pertence, do sistema geral de arquivo de que faz parte. A **arqueologia** descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo (Foucault, 2008, p. 161, destaque meu)

⁵⁸ O uso das aspas na palavra metodologia corrobora a ideia de que Foucault (2016) não classifica a “Arqueologia do Saber” como um método e sim como “problemas teóricos”, afastando-se de “questões procedimentais”.

Logo, há uma escavação no monumento discursivo para investigar a função enunciativa exercida nele, a qual formação discursiva ele pertence e de qual arquivo faz parte. Sendo assim, o discurso histórico, voltado para esses monumentos, (re)produz a função da arqueologia atualmente, que se dedica “para a descrição intrínseca do monumento” (Foucault, 2008, p. 08).

Eis a **tira remissiva 25** inscrita nas condições de produção do acontecimento discursivo Pandemia, devido à máscara portada pela personagem Camilo, retratando, na cena enunciativa a partir do não-dito a expansão das diferenças sociais, econômicas e sanitárias, ampliando as disparidades de acesso à educação e ao conhecimento, especialmente no contexto da educação pública brasileira. Isso pôde ser atestado pelo espaço narrativo se filiar a um ambiente educacional ou biblioteca, haja vista os aspectos não-verbais livros, estante e mochila, marcam o momento, 2021, em que as escolas retornavam às aulas e atividades presenciais, porém seguindo as orientações e protocolos de segurança:



Camilo, enquanto protagonista desta tira, é um personagem negro, que tem acesso à educação e ao conhecimento, como já fora apresentado em outras tiras desta Tese. Possivelmente, ele entende que o ambiente em que vive é racista e preconceituoso. Com isso, há o efeito de sentido da assimetria de aprendizagem e a ausência de democratização do conhecimento que populações pobres e negras enfrentaram, principalmente, naquele momento pandêmico.

Mais uma vez, uma tira de Armandinho traz “conhecimento” enquanto tema, agora, atrelado ao “poder” a partir da relação de sentidos entre “leitura” e “conhecimento”, trazendo ao nível metafórico tais elementos. Com isso, a **tira remissiva 25** engendra a possibilidade de buscar os efeitos de sentido de arqueologia e genealogia, uma que vez que esta adentra as relações de poder, mesmo que microcapilares, com o já-dito trazido pela indagação, ao ler, corrigida logo após pela mesma personagem, perpassada por sua subjetividade, sendo de “pobres não leem livros?” para “ou não

querem que pobres leiam livro?”, possibilitando deslizar o sentido de que em uma sociedade dividida/estratificada economicamente a leitura pode tirar a pessoa de seu *status quo* e ser resistência.

Ademais, houve uma pesquisa⁵⁹ divulgada em 2020, em sua quinta edição, sobre “Retratos da Leitura no Brasil”, apontando que o brasileiro lê apenas cinco livros por ano, ao passo que a média mundial é de doze livros no mesmo período. Diante disso, a ideia para o poder público seriam ações que fomentassem o aumento no número de livros lidos, mas o (des)governo da época pouco se importou com isso e suas implicações, pelo contrário, usou um novo documento sobre reforma tributária lançado pela Receita Federal para defender o fim da isenção de impostos para livros, justificando que a maior parte dos livros no país é consumida pelos ricos, com renda superior dez salários mínimos.

Com isso, o primeiro quadro da cena enunciativa da **tira remissiva 25**, por meio do uso das aspas na indagação feita pela personagem Camilo, após a leitura de um documento, atestada pela parte visual do quadro, “Pobres não lê livros?”, possibilita deslizar o efeito de sentido, à luz de Authier-Revuz (1998), que esse sinal de pontuação constitui marca explícita de heterogeneidade marcada, tornando novamente presente, na materialidade linguística, por outra voz, que remete o dizer a um já-dito que é (re)lido pela mesma personagem nos segundo quadro, a partir de sua subjetividade como “Ou não querem que pobres leem livros?”, concatenando com o deslocamento do documento da Receita Federal, a partir da inclusão do verbo “querer”, indeterminado, mas possibilitada a determinação a partir dos não-ditos mobilizados aqui.

Dessa forma, não “querem” que as minorias tenham acesso à leitura, pois ela liberta do estado de ignorância. Logo, na cena enunciativa a personagem Camilo levanta indagações sobre o conhecimento como uma forma de poder e como o posicionamento crítico-reflexivo tem sido negado, com certa frequência, aos grupos e comunidades marginalizadas e negras do país, não limitando ao contexto pandêmico tal negação, mas ao longo de suas jornadas. Por fim, enfrentam também a luta e resistência pelo acesso ao conhecimento, uma vez que se encontram inseridos em uma estrutura social hierarquizada, colonizada e subalternizada, reforçando a falta de descentralização no acesso ao conhecimento, aos livros e às práticas de leitura.

Em suma, o já-dito e o dito de Camilo problematizam a sua própria estrutura social e política, na qual pessoas negras e pobres são silenciadas, impedidas de ler livros, com a finalidade de se tornarem letradas, críticas e emancipadas, capazes de produzir, analisar e elaborar suas próprias

⁵⁹ Ver: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/> - Acesso em 20 de julho de 2024..

opiniões, ideias e discursos. Diante do exposto, manter essas classes populacionais dentro de mecanismos de poder dominantes e hegemônicos nega-lhes o processo de consciência autorreflexiva,

Ainda, há uma referência não-verbal, na tira em questão, por meio de um quadro que remete à “Marielle Franco” (1979-2018), dadas as condições da produção da tira. Foi brutalmente assassinada em 14 de março de 2018, era defensora e ativista dos direitos humanos, das mulheres, da comunidade LGBTQIAPN+ e da população negra. Essa morte poderia ter caído no apagamento e silenciamento do povo negro, como tantas outras, porém o enunciado “Marielle, presente!”⁶⁰ tornou-se um símbolo de luta e resistência, transcendendo as relações poder e conhecimento (saber), buscando respostas sobre a democratização do conhecimento como possibilidade de instrumentalizar os sujeitos negros e as populações mais marginalizadas socialmente. O efeito de sentido que fica do uso dessa imagem na cena enunciativa, atrelada à personagem Camilo, aos livros e ao seu questionamento, é da luta pela ocupação dos espaços de conhecimento e valorização dos sujeitos como produtores de conhecimento

A arqueologia de Foucault descreve os discursos não para revelar verdades e continuidades, mas descrever limiares, limites, pontos de cruzamentos, controvérsias e, sobretudo, o que ele classifica de enunciados discursivos. A arqueologia não privilegia a ordem temporal de recorrências e continuidade e a questão normativa, a arqueologia está no nível do saber, na busca as controvérsias, nas práticas e nas discontinuidades.

Em *A Arqueologia do Saber*, Foucault proporciona conceitos, categorias e ideias que possibilitam o caminho e pesquisa pela análise discursiva. O papel da arqueologia é, para Foucault, descrever os discursos como práticas caracterizadas no elemento do arquivo e interrogar o já dito no nível de sua existência.

Já a genealogia, como afirma Foucault (1979), busca investigar os mecanismos e os efeitos das/nas relações de poder, os diversos dispositivos de poder que se exercem na sociedade, questionando as relações entre os processos de dominação e significação, que lutam para estabelecer suas regras subversivas e/ ou instauração de outras. Consequentemente, essas relações se encontram sempre no limite, na tensão entre o poder e a resistência, considerando a relação saber/poder e suas microcapilaridades.

Ainda, Foucault (1979) acrescenta que a noção de genealogia é “uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir

⁶⁰ Ver: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/marielle-presente-o-legado-da-vereadora-e-ativista-negra> - Acesso em 20 de julho de 2024..

a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história” (Foucault, 1979, p.07).

A partir da crítica à história tradicional, em que Foucault (1979), apoiado em Nietzsche, aponta a não consideração da dispersão e das descontinuidades e propõe uma história genealógica: problematiza o passado para falar sobre o presente. Retoma o conceito de genealogia a partir da história como descontinuidade e opõe-se à pesquisa da origem:

é como se aí onde estivéramos habituados a procurar as origens, a percorrer de volta, indefinidamente, a linha dos antecedentes, a reconstituir tradições, a seguir curvas evolutivas, a projetar teleologias, e a recorrer continuamente às metáforas da vida, experimentássemos uma repugnância singular em pensar a diferença, em descrever os afastamentos e as dispersões, em desintegrar a forma tranquilizadora do idêntico (Foucault, 1979, p. 14).

Portanto, entender a história por meio da noção de descontinuidade é buscar compreender os jogos de correlação entre os documentos e o que é seu lugar de dispersão. Por conseguinte, vê-se que a história pode ser contada de várias maneiras, pois é interpretação, tornando o sentido uma montagem inconsciente da história.

Retornando à **tira remissiva 25**, se o conhecimento, enquanto saber, gera poder; logo o poder também gera conhecimento (saber), ao passo que Foucault (2010b) recorda que “... saber e poder estão diretamente implicados; não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não proponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (p. 27)

Com isso, as tiras de Armandinho, objeto desta tese, resulta em um documento que pode ser transformado em monumento e, em seu gesto analítico-interpretativo, descreve o discurso como prática a partir da denominada arqueogenealogia.

4.2 A arqueogenealogia foucaultiana

A arqueogenealogia é a junção do “método” arqueológico (2008) ao “método” genealógico (1979, 1999), suas especificidades são diferentes e, ao mesmo tempo, complementares. Aponto a seguir a especificidade da arqueologia e da genealogia, e em seguida, a necessidade de sua junção.

A arqueologia não tenta definir pensamentos implicados nos discursos, mas mostrar os próprios discursos; não entende o discurso como documento, mas como monumento; seu problema é definir os discursos em suas especificidades; é uma (re)escrita regulada, “é a descrição sistemática de um discurso-objeto” (Foucault, 2008, p. 158). Assim, compreende-se que a arqueologia analisa a

discursividade local a partir de sua descrição; já a genealogia ativa os saberes emergidos desta relação discursiva.

A arqueologia e a genealogia se complementam na constituição da arqueogenealogia, pois uma não cancela a outra, não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência e a “verdade” (Foucault, 1979), mas qual(is) efeito(s) de poder(es) circula(m) entre os acontecimentos, os enunciados e seus regimes de poder interior, como e o porquê em certos momentos eles se modificam de forma global. Eis a **tira remissiva 26** elencando alguns aspectos:

Tira remissiva 26: A versão dos indígenas



A indignação de Armandino, na cena enunciativa, busca provocar uma mudança de perspectiva para o enunciado de George Orwell “A história é escrita pelos vencedores”, a fim de que se deveria ter o outro lado da história sendo ouvido: os vencidos. O poder da fala foi dado a um grupo para perpetuar a hegemonia da história do Brasil, impondo à história sua visão de verdade, suas preferências, suas narrativas, como as que são ensinadas na escola, como enunciado no primeiro quadro da tira. Com o já-dito de Armandinho no último quadro, o grupo de quem “apanhou” pode também trazer o saber e problematizar a memória discursiva do período de colonização brasileiro por aqueles que “bateram”.

Saliento que como sujeito da falta, do lapso, da incompletude, Armandinho desliza no já-dito, pois em sua cobrança, no último quadro, usa uma palavra de acepção eurocêntrica “índio” para referir-se aos povos indígenas/originários. Se o efeito de sentido era subverter aquilo que era-lhe contado, pois pela instância visual da cena enunciativa ele está em uma escola, mais especificamente, sala de aula, por conta da carteira, mochila e a aula expositiva, Armandinho deveria ter se filiado a uma escolha linguística que apoiasse sua indignação, ocorrida no terceiro quadro, tal como “povos indígenas”.

Não obstante, no atual Governo, houve a criação do Ministério dos Povos Indígenas⁶¹, tendo como ministra a indígena Sônia Guajajara da qual trago um interdiscurso⁶² atrelado à cena enunciativa “porque a terra para cada um de nós é muito mais do que um pequeno pedaço de terra negociável... Nós não negociamos direitos territoriais porque a terra, para nós, representa nossa vida. A terra é a mãe e mãe não se vende, não se negocia. Mãe se cuida, mãe se defende, mãe se protege.” (Guajajara, 2013).

Outro efeito de sentido que cabe aqui deslocar é o marco temporal e o indigenato. Este é explicado como uma tradição legislativa que entende que os povos indígenas têm direito à terra como um direito originário, anterior à formação do próprio Estado; ao passo que aquele define que os povos originários só têm direito aos territórios que ocupavam (ou pelos quais lutavam) na data em que foi promulgada a Constituição Federal, em 05 de outubro de 1988. A Câmara dos Deputados aprovou o marco temporal, em maio de 2023, conhecido como PL 490/2007, o qual ficou tramitando na Câmara por 17 longos anos. Em quatro meses tramitando no Senado, em 27 de setembro de 2023, houve a aprovação fixando o marco temporal em 05 de outubro de 1988, mesmo seis dias antes, o Supremo Tribunal Federal (STF) concluindo que a tese era inconstitucional.

Em jogo o poder da bancada ruralista em defender o marco temporal pela segurança jurídica e incentivar produção agropecuária e os opositores, defendendo o indigenato, temendo a proteção aos povos indígenas e ao meio ambiente fique prejudicada. Mais uma vez, a história foi contada pelos “vencedores” assim como Armandinho ouvira na escola, em sua aula.

Os conceitos de arqueologia e genealogia constituem, pois, a perspectiva teórico-metodológica de análise arqueogenealógica, discutida por Foucault (1979; 1999; 2008). Para a análise dos recortes elencados nesta tese, descrevo a discursividade local reescrevendo sistematicamente os discursos descortinados, desestabilizados e deslocados nas tiras de Armandinho sobre Político-Social, relacionando com os saberes dessa discursividade a partir da história arqueogenealógica e do arquivo Pandemia da COVID-19.

4.3 Arquivo Pandemia da COVID-19

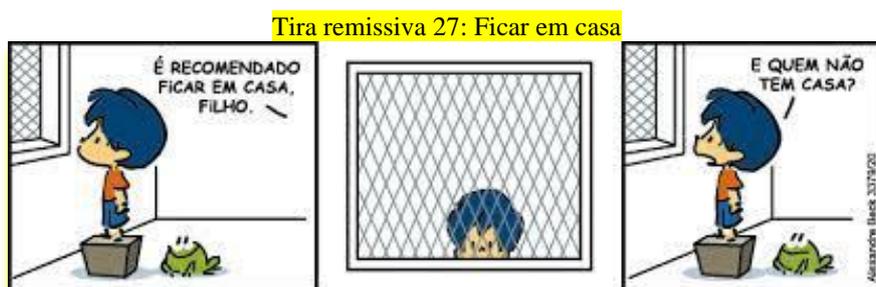
Retomando a noção-conceito de acontecimento discursivo apresentada na fundamentação teórica desta tese, engendro como o arquivo e o monumento atravessam o espaço de escavação desta

⁶¹ Para saber mais, veja: <https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br> - Acesso em 22 de julho de 2024.

⁶² Manifestação oral na sessão de debate da PEC 215 realizada em 13/08/2013 na Comissão de Legislação Participativa da Câmara dos Deputados. À época, a indígena era representante da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil.

tese, pois segundo Foucault (2008), é na irrupção de acontecimentos discursivos que o enunciado é “repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado [...]” (Foucault, 2008, p. 31).

De acordo com Foucault (2008 p. 159), há sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos e coisas, que o autor denomina como arquivo, “[...] o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados”.



Disponível: <https://www.facebook.com/tirasarmadinho/photos/a.488361671209144/3177621392283145/>

Publicada em 02 de abril de 2020 a **tira remissiva 27** faz alusão aos tempos difíceis que viveríamos com o isolamento/distanciamento social, provocado pela COVID-19 e, conforme a OMS (Organização Mundial de Saúde), a única maneira de proteção e barreira de contaminação/propagação da doença até então.

Ainda, de acordo com a **tira remissiva 27**, muitas reflexões suscitam a partir da regularidade discursiva “ficar em casa”, haja vista que no início da Pandemia era um discurso que se apresentou em formações discursivas e imaginárias subvertendo os efeitos que tínhamos antes dessa mesma materialidade linguística.

Saliento que tal regularidade fez parte de um seletivo grupo de classe média e superior que puderam cumprir o que a formação discursiva prescrita propunha. Porém na tira em questão, Armandinho traz um dito que possibilita mobilizar a questão das pessoas em situação de rua que ficariam vulneráveis ao novo vírus, haja vista que seria necessária uma intervenção do poder público em parcerias público-privadas para resolver a situação levantada.

Com isso, instauro o arquivo Pandemia neste escrito e escavo por meio das materialidades linguísticas e imagético-discursivas as práticas discursivas à época.

As manchetes abaixo arrolaram o que ocorria no final de 2019⁶³ e início do ano de 2020 e que possibilitou a emergência de regularidades discursivas a fim de pautar a Pandemia da COVID-19 como acontecimento discursivo. Para tanto, trago as chamadas de notícias que circulavam na mídia acerca do coronavírus, organizando-as em título e linha fina a fim de que o leitor possa acessar sua memória discursiva e adentrá-las para perceber as formações discursivas oriundas do acontecimento em questão:

Figura 16 - Tornou-se Pandemia, 11 de março 2020

OMS declara pandemia de coronavírus

Diretor-geral da OMS disse que declaração não muda o que a Organização e os países devem fazer para 'detectar, proteger, tratar e reduzir a transmissão' do novo coronavírus (Sars-Cov-2), causador da doença Covid-19. Ministro da Saúde brasileiro também afirmou que nada muda para o país.

Por Ardilhes Moreira e Lara Pinheiro, G1
11/03/2020 13h28 - Atualizado há 3 anos



Fonte: (g1, 2020)

Figura 17 - 1º caso no Brasil, 26 de março de 2020

Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil

Homem de 61 anos, que mora em São Paulo, fez viagem para a Itália entre 9 e 21 de fevereiro. Dois testes deram positivo para infecção. Família está em observação.

Por Elida Oliveira e Brenda Ortiz, G1 e G1 DF
26/02/2020 11h32 - Atualizado há 3 anos



Fonte: (g1, 2020)

Com isso, a foto de capa da *fanpage* foi atualizada e Armandinho, o sapo e Etiene aparecem com a máscara, elemento que, agora, foi incorporado à vida das pessoas a fim de que possam continuar suas ações, haja vista que as recomendações vindouras são de distanciamento social⁶⁴ e uso de máscaras⁶⁵.

Assim, o conjunto de tiras presente nesta tese e utilizado como recortes discursivos apresenta regularidades discursivas que apontam para o acontecimento discursivo Pandemia da COVID-19 a fim de (des)regular o que está silenciado (Orlandi, 2007) e já-ditos (Pêcheux, 1997a) cristalizados por práticas sociais.



Logo, o *corpora* emerge das tiras produzidas e publicadas entre março e setembro de 2020, na *fanpage* oficial “tirasarmadinho” pela rede social *facebook* em virtude de refletir o Brasil social e político em seis meses de tiras, totalizando 181 tiras e o *corpus* constituídos por dois recortes com 10 tiras totais. No próximo item, detalho o *corpora* e o *corpus* da pesquisa.

⁶³Ver: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/01/29/interna_mundo,824286/coronavirus-veja-a-cronologia-da-propagacao-do-virus-descoberto-na-ch.shtml - Acesso em 17 de maio de 2020

⁶⁴ Ver: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/30/oms-reforca-que-medidas-de-isolamento-social-sao-a-melhor-alternativa-contr-a-coronavirus.ghtml> - Acesso em 19/07/2023

⁶⁵ Ver: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/03/oms-diz-que-mascaras-nao-sao-uma-solucao-ideal-mas-pode-ser-uma-estrategia-para-o-combate-da-covid-19.ghtml> - Acesso em 19/07/2023

4.4 *Corpora e Corpus*

Primeiro acompanhei todas as publicações realizadas entre 04/03/2020 e 30/09/2020 e destaquei uma regularidade no Armandinho em fazer homenagens a escritores, músicos, artistas, que ora se destacam em alguma ação, ora porque faleceram, ora traz um interdiscurso para a produção de suas tiras. É o que ocorre nas tiras **interativas 15 e 16**: interdiscurso (Orlandi, 2001) verbal e não-verbal, marcado e não-marcado (Authier-Revuz, 1998, 2004). Como primeira tira do *corpora*:

Tira interativa 15: Primeira tira do *corpora*



Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmadinho/photos/a.488361671209144/3113196082059010>

A reflexão proposta na cena enunciativa refere-se ao ser humano em estado de miséria e a primeira publicação dela na *fanpage* ocorre em 19 de julho de 2019, em reação ao que foi enunciado pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, à época, sobre não haver fome no Brasil, contribuindo novamente para o apontamento desta Tese em as tiras de Armandinho funcionarem como crônica imagético-discursiva ao reagir no instante que enunciados são instaurados no campo discursivo.

A (re)leitura do poema de Manuel Bandeira, “O bicho”, de 1947, constituindo a tira de 2019, a partir dos aspectos verbo-visuais, dialoga com a temática proposta em relação à fome, ele é um poema atemporal, a partir de novas condições de produção e (re)significações, e que, formando o já-dito da tira, mostra que a fome continua alarmante no país, por mais que o (des)governo não aceitasse.

Tem-se, então, o deslocamento da intertextualidade a fim de legitimar a crítica ao enunciado⁶⁶ do então presidente sobre “Falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira. Passa-se mal. Não se come bem. Aí eu concordo” e continua o devaneio “Agora, passar fome, não. Você vê gente mesmo pobre pelas ruas, com o físico esquelético, como a gente vê em outros países aí pelo mundo”. Tal afirmação contraria um estudo da Organização das Nações Unidas (ONU), divulgado à época, que apontou que a desnutrição aumentou e atingiu 5,2 bilhões de brasileiros.

O formato da **tira interativa 15** diverge das demais tiras de Armandinho apresentadas até este ponto da Tese, pois é composta por seis quadros, divididos em duas linhas. O sequenciamento dos três primeiros quadros, conduz a um cenário contínuo em que há o menino de cabelo azul observando o cenário dos detritos espalhados até a outra extremidade onde se percebe um vulto curvado sobre os detritos, validando, visualmente, o que está no já-dito a partir da (re)leitura do poema “O bicho”, de Manuel Bandeira.

Na segunda linha, o segmento sequenciado traz Armandinho, ainda imóvel, porém mais perplexo, haja vista o recurso expressivo de um traço ao lado do seu olho, que não havia na imagem do primeiro quadro. Ao quebrar a ótica contínua que apresentou na primeira sequência, busca-se o efeito de sentido de sensação de perplexidade com a paralisação do menino em relação ao que possivelmente vê. No último quadro, o vulto é compreendido pelos traços de um homem, apoiando o aspecto verbal da (re)leitura do poema que era chegar ao “bicho”, descrito como “ser humano”.

Além do interdiscurso com Bandeira, trago, também, uma referência ao médico e geógrafo pernambucano Josué de Castro, a partir de seu romance⁶⁷ “Homens e caranguejos”, de 1967, como denúncia da fome. O trecho ratifica os elementos visuais e o poema (re)escrito a fim de contribuir para os deslocamentos sugeridos:

"No mangue, tudo é, foi ou será caranguejo, inclusive o homem e a lama. Não foi na Sorbonne, nem em qualquer outra universidade sábia que travei conhecimento com o fenômeno da fome. A fome se revelou espontaneamente aos meus olhos nos mangues do Capiberibe, nos bairros miseráveis do Recife - Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. Esta foi a minha Sorbonne. A lama dos mangues de Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo. São seres anfíbios - habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. Alimentados na infância com caldo de caranguejo - este leite de lama, se faziam irmãos de leite dos caranguejos. Cedo me dei conta desse estranho mimetismo: os homens se assemelhando em tudo aos caranguejos. Arrastando-se, acachapando-se como caranguejos para poderem sobreviver. Parados como os caranguejos na beira d'água ou caminhando para trás como caminham os caranguejos." (Castro, 1967, p.12-13)

⁶⁶ Tradicional café da manhã com jornalistas, em 19/07/2019. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=F68tMXP0j8s> - Acesso em 19/07/2024

⁶⁷ Ver: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/473/o/Homens_e_Caranguejos-J._de_Castro.pdf - Acesso em 20/07/2024

A segunda publicação da tira ocorre em 04 de maio de 2020, marcando o início desse *corpora*. A heterogeneidade mostrada (Authier-Revuz, 1998, 2004) e o interdiscurso (Orlandi, 2001) em relação ao poema “O bicho”, de Manuel Bandeira reiteram o período em que a Pandemia começa a agravar a situação econômica no Brasil.

Como última tira do *corpora*:

Tira interativa 16: Última tira do *corpora*



Disponível: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/3673332309378715/>

Já no encerramento do período correspondente ao *corpora*, a **tira interativa 16**, apenas com aspectos imagéticos traz, por meio da heterogeneidade não-marcada (Authier-Revuz, 1998, 2004) a tristeza no rosto de Mafalda, Armandinho e o sapo a qual reflete a data em que Quino, autor de Mafalda, faleceu e que uso para marcar o final da coleta do *corpora* dessa pesquisa.

Há indícios da inspiração de Beck pelo argentino Quino em muitos já-ditos de suas tiras, trago a **tira interativa 17** para problematizar tal questão:

Tira interativa 17: A possível avó



Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3340514202660529&set=a.488361671209144>

Não estrando na seara de como líderes de dois países sul-americanos fizeram frente à Pandemia, recorro a dois já-ditos da cena enunciativa para ratificar a possibilidade de inspiração na Mafalda: a interlocutora de Armandinho ao telefone ser sua “vó”, como enunciado no primeiro quadro, e ela estar na “Argentina”, como enunciado no segundo quadro. Mafalda é argentina, criada em 1964, pelo argentino Quino.

Durante esse período de seis meses (março a setembro/2020), foram produzidas e publicadas na *fanpage* homônima no *facebook* 181 tiras. A maior parte inscreve-se no arquivo da Pandemia, como pode ser visto na **tira remissiva 28**, e possibilita que eu mobilize a noção de interdiscurso, formações e memórias discursivas outras filiadas à materialidade imagético-discursiva presente na tira.



A tira reconhece o período de Pandemia e as muitas implicações e muitos questionamentos pelos quais passamos e que reforçam o arquivo Pandemia utilizado nesta Tese. Na cena enunciativa em questão, quando o pai enuncia que “estão falando em relaxar o isolamento”, o efeito de sentido proposto é que algumas medidas deve(riam)m ter sido tomadas, por isso Armandinho fica feliz e expressa um “EBAAA!!” com intensificação no “A” e dois pontos de exclamação a fim de mostrar seu sentimento de felicidade perante uma notícia tão esperada por ele e por muitos diante do cenário que era de isolamento.

Mas as três questões que Armandinho coloca nos dois próximos quadros, com três respostas negativas de seu pai, implicam em decepção para o garoto de cabelo azul. Além disso, cumpro salientar que “relaxar o isolamento” à época não estava atrelado à nada científico “controle”, “contágio” e “vacina” e sim a aspectos econômicos e políticos.

Erigido pela arqueogenealogia e pela noção de arquivo, o *corpus* dessa tese foi construído por dois eixos representados por dois recortes com 10 tiras de Armandinho totais, abarcando a temática Político-Pandêmico-Racial, publicadas entre março e setembro de 2020 e constituída como documentos virtuais, de caráter público, viabilizados em plataformas de domínio público, documento que, para Foucault (2008), é uma materialidade histórica, que apresenta formas de permanências da sociedade e que me permite observar, nos recortes, as práticas discursivas que representam o Brasil em seis meses de tiras.

A partir do *corpus* analítico, levanto as regularidades discursivas (Foucault, 2008) a fim de compreender os efeitos de sentido que estão atravessando o funcionamento discursivo das tiras e refletir a representação de Armandinho e suas tiras na rede social *facebook* a partir de dois recortes: sociedade e política, dentro do acontecimento discursivo Pandemia da COVID-19.

Dispus de um tempo enorme, para depreender os eixos que fariam parte deste trabalho, a quantidade de recortes e as tiras que possibilitariam deslocar pela materialidade linguística e imagético-discursiva a hipótese dessa pesquisa de que as tiras discursivas de Armandinho, por meio de uma linguagem (nada) leve e (tampouco) objetiva, tratam de temas polêmicos e complexos e introduzem o dissenso político e social, de forma efêmera e perene, com/pelo humor e de maneira irônica por meio de um autor em posição-sujeito (Orlandi, 2004), aproximando as tiras à crônica imagético-discursiva.

Consoante Orlandi (2001), o gesto analítico-interpretativo já se inicia na própria coleta do *corpus* e depende das questões, apresentadas na introdução desta pesquisa, que o analista se coloca: “A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza.” (Orlandi, 2001, p. 64).

Retomo as duas questões de pesquisa: sobre o olhar imagético-discursivo, que tipo de representação política, econômica e social e efeitos de sentidos são propostos nas tiras de Armandinho? Como o processo constitutivo do texto verbo-visual aproxima as tiras das noções de crônica discursivo-imagética e ironia pelo viés da teoria discursivo-desconstrutivista?

Logo, a difusora da análise do discurso no Brasil estabelece que “Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo o momento para *reger* a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação.” (Orlandi, 2001, p. 64 – destaque meu).

Suscito o recorte formado por dez tiras, divididas em dois recortes, com o primeiro recorte subdividido em dois momentos: R1M1 – Pandêmico, sendo 02 tiras com a temática do isolamento social; R1M2 – Político-Racial, com 03 tiras sobre racismo e suas implicações e 01 híbrida – racismo e pandemia; R2 – Político-Pandêmico, sendo 04 tiras com críticas diretas ao então presidente da República Jair Messias Bolsonaro e o enfrentamento à COVID-19.

Adentrar ao político-social-pandêmico pelos já-ditos e não-ditos das tiras de Armandinho é perceber o quanto elas, por meio da linguagem dos quadrinhos, problematizada nas sequências analisadas no primeiro capítulo desta tese, a partir das noções-conceitos de (Cirne, 2000), (Ramos, 2010), (Eisner, 2010), (Chinen, 2011), (Cagnin 2014) e (Postema, 2018) se aproximam da crônica imagético-discursiva, um dos objetivos desta tese, cuja a reflexão a partir de um acontecimento do cotidiano atrelado a formações, memórias e práticas discursivas (Pêcheux, 1997; 1997a; 1999; 2008) e (Orlandi, 2001; 2002; 2009; 2012) possibilitam efeitos de sentidos outros.



4.5. Fio(s) (trans)disciplinar(es)



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmadinho/photos/d41d8cd9/549841001727877/> - Acesso em 27 de julho de 2024

O(s) fios (trans)disciplinar(es) proposto(s) na trama teórico-metodológica desta tese, a fim de fornecer suporte no rastreamento de possíveis efeitos de sentido, encontram ecos na **tira remissiva 29**, pois, ao ancorar a pesquisa na ADF, tem-se a possibilidade de lançar mão de outras teorias e outras noções-conceitos que abarquem a necessidade do objeto em análise, haja vista, principalmente, ser uma análise imagética-discursiva em que trabalho com materialidade linguística e imagética e o objeto reage a fatos do cotidiano, possibilitando, também, buscar fios em outras ciências cuja a linguagem permeia. Isso posto, faço como o dito de Armandinho na tira em questão: convoco-os para a tessitura da trama teórico-metodológica não para mudar o mundo, mas para problematizá-lo.

No arcabouço decolonial proposto por Mignolo (2007, 2017) e Quijano (2005, 2010) no tocante à colonialidade e ao eurocentrismo. Segundo Quijano (2005), a colonialidade do poder trata-se da constituição de um poder mundial capitalista, moderno/colonial e eurocentrado a partir da criação da ideia de raça, que foi biologicamente imaginada para naturalizar os colonizados como inferiores aos colonizadores. Partindo desse pressuposto, instaurou-se um domínio do colonizador sobre os colonizados que persiste mesmo após a descolonização. Para Quijano (2005) o eurocentrismo é uma forma de conhecimento produzido na Europa Central do século XVII, que surgiu com a finalidade de servir ao padrão mundial do poder capitalista a partir da constituição da América, com racionalidade específica e sendo mundialmente hegemônico.

A noção de colonialidade no contexto da América Latina é apresentada pelo pesquisador peruano Aníbal Quijano como um dos sustentáculos do novo padrão de poder formado, estabelecendo a ideia de raça como diferenciadora de identidades sociais, utilizada para legitimar o processo de colonização e dominação europeu sobre os povos latino-americanos. Conforme o autor, o sentido moderno de raça, utilizado para classificar seres humanos, não tinha uso conhecido até a colonização americana. Foi com a América que se iniciou a distinção entre pessoas a partir de diferenças fenotípicas, relacionadas nesse momento à criação de distinções entre colonizadores e colonizados (Quijano, 2005).

Mignolo (2007) explica que o racismo enquanto sistema utilizado pelos europeus para anular todas as outras histórias em prol da sua. Segundo o autor, os europeus construíram e utilizaram um sistema classificatório para possibilitar a marginalização de determinados conhecimentos, línguas e pessoas e, também, para justificar a apropriação da terra e a exploração de mão de obra.

Nesse sentido, foram criadas novas identidades sociais, índios, negros e mestiços, para diferenciar os novos povos entre si e estes dos colonizadores, que atribuíram a si próprios a denominação de brancos. Assim, elegeram a cor como a característica principal na diferenciação racial. Dessa forma, a ideia de raça, aliada à identidade social que a representa, estabeleceu-se como um instrumento de classificação social (Quijano, 2005)

Já Hebeche (2012) ao conceituar bando, menciona o sentido paradoxal, pois tanto pode ser a exclusão de alguém de sua comunidade quanto o poder soberano, ou seja, em nome da lei, que o poder soberano abandona ou bane.

Reforçando a ideia anterior, o que é um bando senão que vive num estado de abandono e, portanto, que está à mercê ou sob o domínio. Ora, só se está abandonado pelo bando, pois “o bando é propriamente a força, simultaneamente atrativa e repulsiva, que liga os dois polos da exceção soberana: a vida nua e o poder, o *homo sacer* e o soberano” (Agambem, 2010, p. 117). Ainda, a

noção-conceito de vida nua pelo olhar de Agambem (2010) o qual mostra que é exposta em situações de abandono pela soberania da biopolítica.

Por conseguinte, Spivak (2010) ao trazer o conceito de subalternidade, mostra que consiste naqueles grupos de sujeitos proletariados, excluídos pelas formas desiguais em que se instalam o mercado, a representação política e até mesmo a distribuição do capital cultural. Neste sentido, aos subalternos é legada a representação de que devem assumir posições sociais de inferioridade. Acrescenta, ainda que o sujeito subalterno é aquele que está presente nos acontecimentos sociais. É o responsável por outras narrativas para além das impostas institucionalmente. Porém, sua fala não é credível e isso o posiciona em situações marginalizadas, uma vez que representam “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, exclusão da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (Spivak, 2010, p. 14).

Portanto, o sujeito subalterno é todo o indivíduo que tem sua voz calada e que sofre violências em seu cotidiano. Esse indivíduo se encontra excluído da representação política, sem poder econômico, capital e cultural. Dessa forma, essa classe não tem sua narrativa considerada na sociedade e é constantemente sabotada, o que faz com que permaneça às margens da sociedade. Há também o problema da representação. Os subalternos passam a ser representados por outras pessoas que não ocupam o mesmo espaço social que eles, dando origem a falsas narrativas.

Por fim, Mbembe (2018) para necropoder e necropolítica, elucida-os como um instrumento de controle que o Estado exerce sobre o corpo dos indivíduos. Essa subjugação da vida ao poder da morte e, enquanto tal, influencia de forma decisiva as relações entre resistência, sacrifício e poder. Diante disso, Achille Mbembe sugere a noção de necropolítica e necropoder para ilustrar como as armas de fogo são usadas para destruir um maior número possível de pessoas e criar o que ele chamou de “mundos de morte”. O que há na realidade são grandes populações submetidas a “condições de vida que lhes conferem o estatuto de ‘mortos-vivos’” (Mbembe, 2018, p. 71)

Na linguagem e semiótica Cagnin (1975, 2014) a fim de entender as possibilidades que o visual, em consonância ou dissonância com o verbal, pode possibilitar nos efeitos de sentidos e deslocamentos feitos. Cagnin (2014) faz um alerta que “a leitura da imagem em busca do significado não é unidirecional, em linha, como na escrita, ou em momentos sucessivos, como na fala, é contínua” (p. 42) e, ainda, complementa que “a sua significação vem do todo, é próxima do modo de ver e entender as coisas reais e forma, portanto, um inventário aberto, diverso do signo linguístico” (*Idem*).

Nesta pesquisa, as acepções de Cagnin (2014) para o tratamento do imagético formam parte da tessitura envolvida na trama. Recorri a esse fio para compreender a função de complementaridade

dos dois sistemas envolvidos nas histórias em quadrinhos, no caso da constituição desta tese nas tiras de Armandinho. Para tanto, o professor e pesquisador condiciona o verbo-visual e em suas palavras:

Se o verbal tem amplo poder de representação no vasto campo das ideias e dos conceitos universais, a imagem está revestida de imensa riqueza de representação do real e nos traz o simulacro dos objetos físicos e até a sugestão de movimento, pois a figura dos seres vivos, ainda que imóvel, é sempre, infalivelmente representada num momento dado da realização de um gesto ou ato (Cagnin, 2014, p. 42)

Do fato exposto pelo pesquisador, reitero que a imagem é narrativa por si só já que o elemento fundamental da narração, que é a ação, apresenta-se no instantâneo figurado na imagem, já que é possível que se deduza e conte o que houve e até o que irá acontecer depois do momento estático. Tem-se, pois, na narrativa sequencial, a possibilidade de se contar histórias sem palavras. Com isso, Cagnin (2014) reserva “os termos visual para imagem e verbal para a palavra escrita, respectivamente, para o signo icônico e o signo linguístico” (p. 42).

A obra de Cagnin (2014) denominada “Os quadrinhos – linguagem e semiótica” lançada primeiramente em 1975 recebe um comentário de um dos pesquisadores e escritores sobre quadrinhos, o Professor Dr. Paulo Eduardo Ramos (UNIFESP), que segue: “Uma das formas de medir a importância de uma obra é por meio de sua longevidade. Os quadrinhos, décadas depois de publicado pela primeira vez, ainda permanece atual” (Cagnin, 2014, p. 44). Por fim, sobre a reedição do livro, o professor contempla “Reeditar o livro, até então esgotado, é corrigir uma lacuna que havia na literatura teórica sobre quadrinhos no Brasil” (*Idem*).

Já outro pesquisador e escritor dessa seara, Professor Dr. Waldomiro Vergueiro (USP), no prefácio de Cagnin (2014) solicita que “é preciso reconhecer que coube a Cagnin o mérito de ser o primeiro a sistematizar o processo de reconhecimento das histórias em quadrinhos como forma de expressão, diferenciando-as de outras modalidades narrativas” (Cagnin, 2014, p. 17). Por fim, destaca que “o emprego de elementos característicos que possibilitam ao leitor criar os **nexos entre imagens e textos**, dispostos de forma a propiciar a **geração de sentidos**” (*Idem* – destaque meu). Saliento que a obra em questão dispensa noventa páginas para tratar sobre a imagem em diferentes vieses, principalmente, com a possibilidade de ela formar código e de construir mensagens, dando-lhe estatuto de signo, utilizado nesta Tese para tratar do imagético-discursivo.

A perspectiva discursivo-desconstrutivista pelo olhar de Coracini (2005, 2007, 2009, 2010) trabalha os pontos cegos da contradição, desconstruindo sentidos e deslocando o estabilizado. Na reflexão desconstrutivista, não há realidade que não seja criada no interior da linguagem, isto é, não há significado único, anterior à interpretação, já que a constituição dos sentidos é social.

Ainda convém lembrar que tal perspectiva sustenta a noção de sujeito múltiplo, clivado, cindido, atravessado pelo inconsciente, cujo discurso, no intuito de controlar os sentidos, exhibe falhas, furos, desejos, implicando a linguagem como opaca, lugar do equívoco, do conflito.

Diante disso, a partir de um constante jogo de forças, que considera tanto o elo quanto o duelo, a constituição do olhar, no Brasil, por Coracini, no tocante à perspectiva discursivo-desconstrutivista, busca-se compreender as relações, laços ou práticas sociais que implicam a composição do sujeito no/do discurso e na/pela linguagem, perante três pensadores desconstrutores: Foucault, Lacan e Derrida, com base no (du)elo entre História, Psicanálise e Filosofia, respectivamente, a partir de interrogações sobre a linguagem, os sujeitos, os saberes, as verdades e os discursos.

De Foucault (1996) são trazidos o conceito de dispositivo e modos de coerção que não se inscrevem necessariamente “na ordem do discurso” (p. 49), haja vista que, para o filósofo, conta mais a problematização do funcionamento dos mecanismos de subjetivação engendrados nos discursos que o produto desses, concebendo o discurso como uma rede ou um feixe de “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (Foucault, 2008, p. 55).

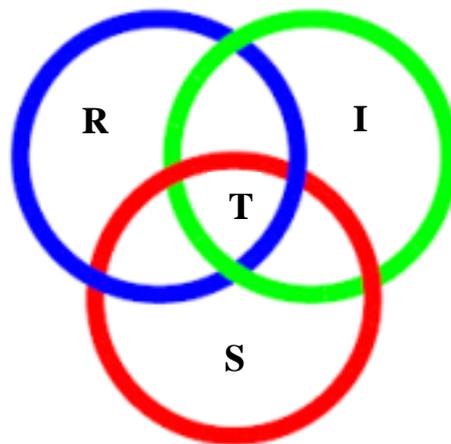
Com isso, dentro da perspectiva discursivo-desconstrutiva, busco traçar um diálogo com Derrida (2001), ao deslocar a expressão “mal de arquivo”, o autor lançar mão de tal conceito expressivo para interpretar os esquecimentos e a dimensão de finitude do arquivo, como uma condição para o seu vir-a-ser constante. Nessa nova metáfora, desempenha papel fundamental à noção de pulsão de morte ou de destruição, a pulsão que desune ou agride, exercendo esse trabalho aniquilador do arquivo, deixando nele muitas arestas ou lacunas a ser preenchidas.

Ela trabalha para destruir o arquivo: com a condição de apagar mas também com vistas a apagar seus “próprios” traços - que já não podem desde então ser chamados “próprios”. Ela devora seu arquivo, antes mesmo de tê-lo produzido externamente. Esta pulsão, portanto, parece não apenas anárquica, anarcônica (não nos esqueçamos que a pulsão de morte, por mais originária que seja, não é um princípio, como o são o princípio do prazer e o princípio de realidade): a pulsão de morte é, acima de tudo, anarquívica, poderíamos dizer, arquiviolítica. Sempre foi, por vocação, silenciosa, destruidora do arquivo (Derrida, 2001, p. 21)

Nesta tese, o entendimento sobre desconstrução implicou como estratégia de leitura, incidindo diretamente no gesto de leitura das tiras de Armandinho a partir de dois pressupostos: o primeiro para operar a desconstrução seria preciso adentrar no terreno e no interior do sistema desconstruído, decompor os discursos com os quais ele operam, revelando ambiguidades, contradições, pressupostos, subentendidos; segundo trata-se de reconhecer que inevitavelmente todo discurso teórico, concomitantemente a sua positivação, traz consigo seu próprio potencial de desconstrução, sendo necessário ler este movimento para fazer com que este discurso avance.

Avento, por fim, o tratamento ao SIR (Simbólico, Imaginário e Real) ilustrado no nó borromeano proposto por Lacan (2005) presente no discurso:

Figura 18: Nó borromeano (SIR)



Fonte: Guerra (2007, p. 91)

Ao se valer do nó borromeano, Lacan (2005) enoda o (S) simbólico, o (I) imaginário e o (R) real (SIR) e que nesta tese, inscrevo as tiras de Armandinho (T) no espaço de entrelaçamento dos três registros, funcionando como ponto de junção, amarração, marcando o tempo social e histórico e desconstruindo o que está posto.

Parte III – Percurso analítico

Ao abarcar a arte sequencial, termo cunhado por Eisner (2010, a 9ª arte⁶⁸, em uma de suas formas de expressão, as tiras, são práticas em que a linguagem – enquanto discurso – materializa o contato entre o linguístico (a língua enquanto um sistema de regras e de categorias) e o não-linguístico (um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos), por meio de sujeitos interagindo em situações concretas, isto é, uma narrativa visual que expressa a língua oral comumente apresentando um enredo rápido e empregando somente imagem ou imagem atrelada à palavra.

Nesse sentido, as imagens têm um comportamento parecido ao mundo das palavras, já que há imagens que não estão visíveis, porém sugeridas, a partir de um jogo de imagens previamente oferecidas, ao passo que outras são apagadas, silenciadas, oferecendo um caminho aberto à significação, à interpretação, à produção de sentido, conforme assevera a AD de orientação francesa.

Orlandi (1998) recorda que o interesse é “o que o texto organiza em sua discursividade, em relação à ordem da língua e das coisas” (p. 13) e intensifica que não é o sentido do texto que é posto em análise, “mas como o texto pode produzir sentidos” (*Idem*).

É neste campo de indagações, como na **tira remissiva 30**, que me insiro nesse gesto analítico-interpretativo a fim de fazer as escavações necessárias e problematizar as noções-conceitos a fim de propiciar efeitos de sentidos possíveis.

Tira remissiva 30: Indagações



São as dúvidas, as perguntas, as indagações, como o aspecto imagético da **tira remissiva 30** mostra, perante a escada formada pelo sinal de pontuação, ponto de interrogação, que pelo efeito de *zoom*, atesta a materialidade linguística de “carregar” e “ir mais longe”. Dessa forma, ao abarcar o

⁶⁸ Ver: BARRETO (2011) – disponível em: <http://quadro-a-quadro.blog.br/por-que-quadrinho-e-a-nona-arte/> - Acesso em 05/12/2020

“método” da arqueogenealogia (Foucault, 1979, 1999, 2008), são consideradas as resistências nas relações (microcapilares) de saber/poder e os ditos e não-ditos d(n)as tiras de Armandinho o qual se posiciona, critica, problematiza, por meio de (inter)discurso(s) em gestos de resistência, pelo humor e pela ironia, justificando a análise imagético-discursiva por meio do eixo político-pandêmico-racial.

Capítulo 05: Recortes analíticos: o político-pandêmico-racial

Os recortes analíticos versaram o tripé temático Político-Pandêmica-Racial, pois o viés trazido nas condições de produção das tiras de Armandinho, no período compreendido pelo *corpora* e *corpus* desta pesquisa, sendo a Político-Pandêmica uma crítica direta ao então presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) e suas tratativas negacionistas durante a Pandemia da COVID-19 e a Político-Racial em problematizar o racismo estrutural.

Para tanto, os recortes foram divididos em dois grupos: no primeiro, denominado (R1), composto por cinco tiras, fiz a separação em dois momentos: o primeiro, denominado (M1), problematiza o Pandêmico com a instauração da Pandemia por meio de duas tiras com seus ditos, já-ditos e não-ditos; já o segundo, denominado (M2), problematiza o Político-Racial a partir de três tiras.

Há uma tira denominada como (R1M2/R2) que constituiu esta pesquisa como tira-híbrida, pois traz a imbricação do segundo momento do primeiro recorte com a mobilização feita no recorte dois a fim de funcionar como (du)elo entre os recortes analíticos, ao transitar o Político-Racial-Pandêmico.

O segundo grupo formado por quatro tiras e problematiza o Político-Pandêmico com crítica direta ao (des)governo da época nas tratativas da Pandemia. Naquele momento de escrita, em que, na **tira interativa 17**, foi trazido o dito de como o governo argentino “combateu a disseminação” e o brasileiro “combateu a informação” não cabia dispensar deslocamentos e deslizos na busca de efeitos de sentido, pois a tira em questão, naquela ocasião, ilustrou um interdiscurso com Quino e Mafalda. Já, agora, neste segundo recorte analítico a energia dispensada é direta ao negacionismo do chefe de Estado brasileiro frente à Pandemia e suas implicações. Eis a **tira remissiva 31**, servindo de orientação:



Por mais que a cena enunciativa queria buscar a completude em saber “até onde alcança nossa empatia?”, os outros quadros, apoiados na relação verbo-visual, emergem o efeito de intensificar nichos em que a “empatia” pode adentrar e deslocar olhar(es), desde uma relação microcapilar de saber-poder até relações (inter)culturais, étnicas e de classes sociais, não na busca pela completude e sim pelas visões outras do mesmo ponto.

Atrelando essa discussão aos recortes desta tese, é a busca deste(s) outro(s) olhar(es) que empreendo no gesto de leitura feito, constituindo-me de outras vozes para desestabilizar dito, já-ditos e não-ditos presentes ou não nas tiras recortadas do *corpora* para os momentos de análise, as quais cumprem a função de monumento e permitem tais escavações.

Retomo o objetivo geral desta tese que era problematizar, pelo viés imagético-discursivo, a representação político-pandêmica-racial e os efeitos de sentidos propostos pelas tiras de Armandinho no processo interacional ocorrido em sua *fanpage* homônima na rede social *facebook*. Além disso, recupero os objetivos específicos deste capítulo analítico: investigar as representações e os efeitos de sentidos imagéticos-discursivos; verificar as acepções de efêmero e perene.

5.1. Recorte 1 – 1º momento (R1M1) – Pandêmico

O percurso analítico desta tese problematiza as tiras publicadas no período pandêmico a fim de que esta materialidade linguística e imagético-discursiva possa produzir efeitos de sentidos e suscitar reflexões dado o político-pandêmico-racial, tangenciado pelas condições de produção do arquivo Pandemia. Eis a **tira remissiva 32**:



O aspecto verbo-visual da cena enunciativa possibilita os efeitos de sentido de uma leitura feita por Armandinho e que destacou uma passagem a partir do uso da heterogeneidade marcada

(Authier-Revuz, 1998) pelo sinal gráfico “aspas”, mobilizando um interdiscurso ao dito da tira. Este interdiscurso traz a definição de algo que Armandinho, até o terceiro quadro, não compreende ainda, mesmo o segundo quadro trazendo quatro de seus amigos que representam etnias, crenças e visões diferentes. Por fim, no último quadro, seu pai traz a noção-conceito que permeou a leitura e a imagem dos amigos, sendo a “empatia”.

O gesto analítico interpretativo proposto nos recortes que seguem também possibilitaram que minha posição-sujeito pesquisador seja atravessada pela empatia, pois como reforçou a **tira remissiva 31** não se sabe o alcance dela, mas é sabido que exercitá-la na alteridade é um gesto de deslocamento de olhar(es) cristalizado(s), a fim de se constituir em processos de (des)(re)construção.

O primeiro recorte (Orlandi, 1984) é formado por seis tiras (incluindo a tira-híbrida), organizado em dois momentos. No primeiro, seleciono uma tira publicada duas vezes na *fanpage*: a primeira em 26 de março de 2020 e a segunda 16 de abril de 2020. A diferença na publicação foi que a segunda trouxe junto à tira um enunciado, a fim de justificar a repetição dela, problematizando a questão da Pandemia, pois não é regular ver publicações repetidas e nem com traços enunciativos do autor na postagem da tira, apenas a tira. Já no segundo momento, elenco três tiras para discutir a questão do Racismo enquanto problema estrutural e político. Eis o **R1M1 - tira 01** constituído da publicação ocorrida em 26 de março de 2020 e contou em seu processo interacional na *fanpage* do *facebook* com 17 mil reações, 358 comentários e 21 mil compartilhamentos, até a data em que fora recortada para compor esta tese, 19 de abril de 2020.



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmadinho/photos/a.488361671209144/3160999043945380/?type=3&theater> – Acesso em 19 de abril de 2020

O R1M1- tira 01 traz uma tira publicada e acessada em 19 abril de 2020, momento em que a Pandemia era acentuada no Brasil. A cena enunciativa é formada por três quadros cujo foco do primeiro é dado à personagem Camilo, no segundo ao infográfico e no terceiro à personagem Armandinho, porém com proporções diferentes: o primeiro e o terceiro mantêm estrutura parecidas e o segundo ocupa espaço maior para mostrar o infográfico na íntegra.

Camilo, como já descrito nesta tese, é a personagem negra das tiras que têm acesso ao conhecimento e traz em seus ditos a luta antirracista e é perpassado pelo discurso da ciência. Para tanto, o recurso imagético (Cagnin, 2014) atesta, nesta tira, a posição de fala de Camilo e Armandinho a de escuta validando outras tiras já apresentadas e que possuem a mesma regularidade, quando em cena estão Camilo e Armandinho. Essa relação fala/escuta está permeada por um objeto do universo das brincadeiras infantis, reforçando esse aspecto nas personagens, que é o “telefone de lata” ou “telefone sem fio”, interligando do primeiro ao terceiro quadro como um “rádio de comunicação”, atestando, pois, o período pandêmico, seguindo as orientações de distanciamento social, sem perder a interação.

Ainda, essa posição de fala/escuta representada pelas personagens na tira, desloca um processo desconstrutivo do lugar de fala hegemônico, permutando aquele que dita regras para o lugar de escuta e aquele acostumado a ser silenciado (Orlandi, 2007) é devida a fala formada por ditos que levam a não-ditos e já-ditos filiados ao discurso científico em detrimento às especulações e aos discursos negacionistas tão presentes na Pandemia.

Nas palavras de Ribeiro (2017) o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. Assim o lugar de fala ocupado por Camilo nas tiras de Armandinho é o definido por Ribeiro (2017) o qual remete ao local de fala do enunciador, qual a sua realidade social, financeira e pessoal ao proferir um discurso sobre determinado tema.

Nessa seara, a voz do subalterno (Spivak, 2020) pode ser ouvida e é possibilitada a fim de que se produza o efeito de sentido de o quanto Camilo é consequente, ao descortinar o discurso da ciência na questão pandêmica e duelar com discursos outros negacionistas.

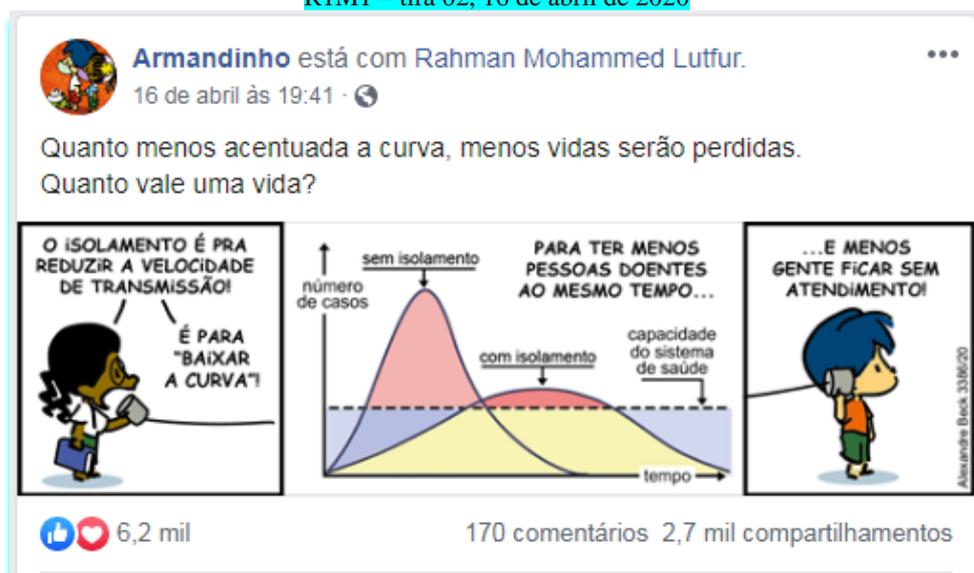
No primeiro quadro, a heterogeneidade marcada (Authier-Revuz, 1998) possibilita empreender um interdiscurso marcado pelas aspas sobre “baixar a curva” com uma das implicações do “distanciamento social”, enunciado que era reverberado por quem se filiava ao discurso científico, em detrimento aos negacionistas que apoiavam o discurso, cujo enunciado era “esperar a imunidade de rebanho”.

O segundo quadro apresenta um infográfico da época que ilustrava verbo-visualmente para os leitores das tira de Armandinho a importância do isolamento social no enfrentamento à Pandemia. Apesar das subnotificações ocorridas, a explicação verbal apoiada ao imagético ou o imagético apoiado à explicação verbal recupera as noções empreitadas nesta tese por Cagnin (2014) no tratamento verbo-visual da tira.

A tira reage, pois, ao acontecimento discursivo Pandemia da COVID-19, no intuito de provocar no leitor a filiação para auxiliar a baixar a curva, ao ratificar a ideia de isolamento, praticando-o.

No próximo recorte, a publicação ocorreu em 16 de abril de 2020 e contou em seu processo interacional na *fanpage* do *facebook* com 6,2 mil reações, 170 comentários e 2,7 mil compartilhamentos até a data em que fora recortada para compor esta tese, 19 de abril de 2020.

R1M1 – tira 02, 16 de abril de 2020



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/3209154699129814/?type=3&theater> – Acesso em 19 de abril de 2020

Ao replicar a tira, o R1M1 – tira 02 traz uma publicação em que, além da cena enunciativa já conhecida, trouxe um enunciado fora dela, pertencente à publicação, indagando “Quanto vale uma vida?”, uma vez que o discurso político-negacionista da Pandemia era cada vez mais pregado em

nome da economia, não se cumprindo as medidas de contingenciamento com o avanço do coronavírus⁶⁹.

Ainda, a publicação usa do princípio da proporcionalidade para apelar “Quanto menos acentuada a curva, menos vidas são perdidas.”, associando a diminuição da curva à diminuição de mortes, como eram apresentados nos boletins⁷⁰ da época.

Então, as duas publicações, ao trazer a mesma tira de forma repetida, instaura no campo analítico desta tese o tema Pandêmico, haja vista o presente recorte, a data de publicação e os elementos deslizados das duas publicações.

Reescrevo o interdiscurso⁷¹ com (Belchior, 1976), na interpretação de Elis Regina para “Mas também sei que qualquer tira é menor que a vida de qualquer pessoa” não para inferiorizar meu objeto de estudo, mas para marcar o momento sócio-histórico-pandêmico que exigiu que fosse a luta pela vida em detrimento a muitas outras facetas, mesmo com alguns muitos fatores que iam contra as formas de isolamento, favoráveis à economia, apoiados em medidas governamentais da época, acarretando um cenário de disputa, isto é, de duelo entre Ciência e Política. Trato, agora, ainda no Recorte 1, mas no segundo momento, do Pandêmico-Racial, emergido em três tiras.

5.2 Recorte 1 – 2º momento (R1M2) – Político-Racial

Ainda no primeiro recorte, em seu segundo momento, sendo (R1M2), problematizo, ainda, a temática pandêmica suscitada pelas regularidades discursivas das próximas três tiras: o racismo. Após o episódio polêmico de perseguição sofrido por Alexandre Beck situado nas condições de produção, no capítulo 02 desta tese, o escritor voltou a abordar o tema:

⁶⁹ Ver: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/ao-vivo-saiba-como-esta-avanco-coronavirus-no-brasil> - Acesso em 03 de maio de 2020

⁷⁰ Ver: <https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/April/16/2020-04-16-BE10-Boletim-do-COE-19h.pdf> - Acesso em 03 de maio de 2020

⁷¹Ouçã:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=2qqN4cEpPCw&embeds_referring_euri=https%3A%2F%2Fwww.culturagenial.com%2F&source_ve_path=Mjg2NjY - Acesso em 27 de julho de 2024

Tira remissiva 33: Racismo velado



Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/2883965124982108/>

Primeiramente, assento a temática em uma definição trazida por Foucault (2010) no qual o racismo não é tratado pelo autor somente com um discurso ou ideologia, mas como uma tecnologia do poder, por isso sua ligação com o Estado, com funções diferentes e específicas em relação às demais. Com isso, as mudanças ocorridas no século XIX acarretaram uma significativa mudança no conceito de soberania, no tocante à vida e à morte, deixando de ser o poder de tirar a vida para ser o poder de controlá-la, de mantê-la e prolongá-la.

Um exemplo dessa mudança, anunciado por Foucault (2010), é que a saúde pública, o saneamento básico, as redes de transporte e abastecimento, a segurança pública são formas do poder estatal sobre a manutenção da vida, logo a ausência é como deixar morrer, denominado, pois, como biopoder, que é o exercício do poder sobre a vida cada vez mais disciplinado e regulamentador, consoante o autor.

Dessa forma, Foucault (2010) questiona: “Como exercer o poder da morte, como exercer a função morte, num sistema político centrado no biopoder?” (2010, p. 214). É, aqui, que o racismo foi inserido como mecanismo fundamental do poder do Estado, recebendo duas funções: de fragmentação e estabelecimento de relação positiva com a morte do outro. Cumpro dialogar com as **tiras interativas 09 e 10** problematizadas no segundo capítulo deste trabalho com base no dito “correr” em ambas e nos não-ditos ancorados aos aspectos verbo-visuais delas. O efeito de sentido deslocado na **tira remissiva 33** é o de se se colocar como suspeito e, frente a isso, estar propenso à morte pela mão da polícia.

A primeira, de fragmentação, traz a divisão do contínuo biológico da espécie humana, introduzindo hierarquias, distinções, classificações de raça, estabelecendo, pois, uma linha divisória entre superiores/inferiores; bons/maus; grupos que merecem viver/grupos que merecem morrer; vida prolongada/deixados para a morte. Salienta-se que morte tem o efeito de sentido de exposição ao

risco de morte, expulsão, rejeição e morte política. Legitimam, aqui, a representação das tiras de Armandinho de autoria de Alexandre Beck e as ideias de Mignolo (2007, 2017) e Quijano (2005, 2010) no tocante à colonialidade e ao eurocentrismo:



Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/3327900780588538>

Recuperando a metáfora trazida por Courtine (2006) de que “A linguagem é o tecido da memória” (2006, p. 22), a reflexão trazida no diálogo proposto pelo **R1M2 - tira 03** recupera em nossa memória discursiva⁷² (Pêbcheux, 2008) e (Orlandi, 2001) nomes de pessoas (crianças e adolescentes) que tiveram sua morte acometida por conta de sua cor de pele.

A personagem também criança *Camilo*, negro, explica para Armandinho sobre não tratar de escolhas. Para isso, em sua fala usa a primeira pessoa do plural “nossas” e destaca a palavra “escolhas” justamente para mobilizar que sua representação (Orlandi, 2009) como pessoa negra visa desconstruir um imaginário social (Pêcheux, 2008) de que são escolhas que a população preta faz frente ao racismo enfrentado. Para atestar a ideia, as próximas quatro figuras trazem, respectivamente, quatro nomes e a reiteração do léxico “escolha” três vezes mostradas e uma vez elíptica.

Douglas⁷³, citado no segundo quadro, do **R1M2 – tira 03**: (*Douglas Martins Rodrigues, 17 anos, morto com um tiro no tórax disparado por um policial*):

⁷² Acrescento as palavras de Ferreira (2001, p. 20) por meio do *Glossário de termos do discurso* e de Freitas (2019) pelas *Anotações de sala de aula* que a memória discursiva faz parte de um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos (Mariani, 1996). Coutine e Haroche (1994) afirmam que a linguagem e os processos discursivos são responsáveis por fazer emergir o que em uma memória coletiva, é característico de um determinado processo histórico. Orlandi (1993) diz que o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz no interdiscurso, apropriando-se da memória que se manifestará de diferentes formas em discursos distintos.

⁷³ Ver: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/por-que-o-senhor-fez-isso/?fbclid=IwAR3TxAPMhH0dzhz3ggg-GiVjBILZN37bxDEu-RGI2eMle0UwLAp-vHZU6Zo> – Acesso em 20 de julho de 2023.

Figura 19: Manchete Douglas

Quem era o jovem cuja morte provocou comoção na Zona Norte

Um disparo da pistola do policial militar Luciano Pinheiro Bispo atingiu o tórax de Douglas Martins Rodrigues, 17 anos

Por Angela Pinho Atualizado em 5 dez 2016, 15h29 - Publicado em 1 nov 2013, 17h00

Fonte: (Veja São Paulo, novembro, 2013)

De acordo com a notícia “Às 14h17, um disparo da pistola do policial militar Luciano Pinheiro Bispo atingiu o tórax de Douglas. O garoto levantou as mãos e perguntou pouco antes de morrer: *‘Por que o senhor fez isso?’*. Em seu depoimento na delegacia, Bispo afirmou que o tiro foi provocado por acidente. Segundo ele, que até a tarde da última quinta (31) estava detido no Presídio Militar Romão Gomes, a porta da viatura teria batido no seu braço quando estava saindo do veículo e o gatilho acabou sendo acionado sem querer. *‘Mas como ele aponta uma arma na direção de uma criança?’*, pergunta o pai do adolescente, José Rodrigues” (Veja São Paulo, 2013, destaque meu). As duas indagações atestam o efeito de sentido do vocabulário “escolha” mobilizado na tira 03, do (R1M2) e recuperado em nossa memória discursiva, mostrando as relações de poder (Foucault, 1979) intrínsecas.

Ágatha⁷⁴, anunciada na segunda vinheta, do **R1M2 – tira 03**: (*Ágatha Vitória Sales Félix, 08 anos, morreu após ser baleada na comunidade da Fazendinha, no complexo do Alemão, Zona Norte do Rio de Janeiro*):

Figura 20: Manchete Ágatha

Menina de 8 anos morre baleada no Complexo do Alemão

Criança foi socorrida, mas não resistiu aos ferimentos. Moradores falam que ela foi atingida durante operação da PM.

Por GloboNews
21/09/2019 07h09 - Atualizado há 3 anos



Fonte: (g1, 2019)

Conforme a notícia “A criança estava dentro de uma kombi com a mãe, quando foi baleada nas costas. Segundo os moradores, PMs atiraram contra uma moto que passava pelo local, e o tiro atingiu a criança. **‘Atirou na kombi e matou a minha neta. Foi isso. Isso é confronto? A minha**

⁷⁴ Ver: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/21/menina-de-8-anos-morre-baleada-no-complexo-do-alemao.ghtml> - Acesso em 20 de julho de 2023.

neta tava (sic) armada por acaso pra poder levar um tiro?” – criticou o avô da criança. **Ágatha é a quinta criança morta em função da violência no estado esse ano.” (G1, 2019, destaques meus)**

Reiterando as mobilizações sobre o vocábulo “escolhas”, mais uma vez, a pele negra e periférica é encontrada por uma bala de uma arma de quem deveria prestar segurança pública. A escolha de Ágatha, recuperada pela memória discursiva, foi estar dentro do veículo [segurança] e com a mãe [proteção], mas o corpo preto foi encontrado e atingido. Com isso, ela vira número, estatística, e torna-se representação neste espaço de relações micro e macro de poder (Foucault, 1979, 1999)

João Pedro⁷⁵, visto no terceiro quadro, do **R1M2 – tira 03**: (*João Pedro Mattos Pinto, 14 anos, foi baleado e morto no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio*):

Figura 21: manchete João Pedro

Menino de 14 anos morre durante operação das polícias Federal e Civil no Complexo do Salgueiro, RJ

Família diz que polícia entrou atirando 'de maneira cruel'; corporação fala que houve confronto na região. Parentes de João Pedro Mattos ficaram sem notícias sobre o paradeiro do estudante por horas, até serem informados da morte do menino.

Por Henrique Coelho, Eudes Júnior e Guilherme Peixoto,
G1 Rio e TV Globo
19/05/2020 08h37 · Atualizado há 3 anos



Fonte: (G1, 2020)

Por meio da notícia, “Um dos presentes teria gritado que só havia **crianças na residência, deitadas no chão e com as mãos para cima**. Imagens mostram a **parede de um dos cômodos da casa atingida por uma série de disparos**.” Ainda, Neilton Pinto, pai de João Pedro, diz que a polícia interrompeu o sonho de seu filho: “**A polícia chegou lá de uma maneira cruel, atirando, jogando granada, sem perguntar quem era. Se eles conhecessem a índole do meu filho, quem era meu filho, não faziam isso. Meu filho é um estudante, um servo de Deus. A vida dele era casa, igreja, escola e jogo no celular**” (G1, 2020, destaques meus).

Mais uma vez o léxico “escolha” acompanha uma tragédia em que escolher não reagir foi a decisão das crianças, em um gesto de resistência (Foucault, 2008), porém as balas, mais uma vez, possuíam o corpo negro e periférico como alvo.

⁷⁵ Ver: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/19/menino-de-14-anos-e-baleado-durante-operacao-no-complexo-do-salgueiro-rj.gh.html> - Acesso em 20 de julho de 2023

Miguel⁷⁶, representado na última vinheta, do **R1M2 – tira 03**: (*Miguel Otávio Santana da Silva, 05 anos, morreu após cair do 9º andar de um prédio de alto luxo*):

Figura 22: Manchete Miguel,

Caso Miguel: como foi a morte do menino que caiu do 9º andar de prédio no Recife

Criança de 5 anos caiu após ser deixada aos cuidados da patroa da mãe. Sari Corte Real, primeira-dama de Tamararé, foi presa por homicídio culposo e solta após fiança de R\$ 20 mil.

Por G1
05/06/2020 12h15 · Atualizado há 3 anos



Fonte: (g1, 2020)

De acordo com a petição que faz parte da Campanha #VidasNegras, “Naquele dia, no ápice do isolamento social provocado pela pandemia sanitária (COVID-19), **Mirtes recebeu ordem de comparecer à casa da patroa e, dado ao fechamento dos colégios e creches, precisou levar Miguel com ela.** Enquanto a mãe cumpria determinação de passar com o cachorro, Miguel foi deixado aos cuidados de Sari Gaspar Corte Real, patroa de Mirtes. **A criança começou a chorar querendo a mãe e foi abandonada por Sari – com extrema insensibilidade e negligência – sozinha em um dos elevadores de serviço. Miguel acabou se perdendo e saiu do elevador no 9º andar.** À procura da mãe, o pequeno escalou uma grade, **caiu de uma altura de, aproximadamente, 35 metros. Foi levado ainda com vida ao hospital com diversas fraturas e sangramentos, mas não resistiu.**” (CHANGE.ORG, 2020, destaques meus) - #JUSTIÇAPORMIGUEL

Reforçando o vocábulo “escolha”, mobilizado em formações discursivas neste gesto analítico, desloco aqui que a escolha, neste caso, foi da “patroa” em relação a deixar uma criança de 05 anos sozinha em um elevador, ratificando as relações microcapilares de saber-poder (Foucault, 1979).

Ainda, com o gesto analítico-interpretativo permeado as tiras 03 e 04, deste segundo momento do primeiro recorte R1M2, tem-se o efeito de sentido do uso do telefone de lata com a possibilidade de reforçar uma brincadeira infantil denominada “telefone sem fio”, permitindo deslocar o que

76

Ver:

https://www.change.org/p/tipe-oficial-justi%C3%A7a-por-miguel-justi%C3%A7apormiguel?recruiter=false&utm_source=share_petition&utm_medium=facebook&utm_campaign=psf_combo_share_initial&recruited_by_id=89c314a0-a6bb-11ea-b508-e33713854c39&utm_content=fht-22601375-pt-br%3Av3&fbclid=IwAR3CxHlxILU2jyTB7UuOA-Yr7bNJ6B52ajalgqtAEvvD_80JwHZ4LZtDozA – Acesso em 20 de julho de 2023.

Camilo faz com a reflexão proposta: passar a informação das vidas negras ceifadas por conta da cor de pele e posição socioeconômica em detrimento de estarem fazendo brincadeiras infantil como eles. Por fim, a reação do sapo reitera a concordância sobre não se tratar de escolhas e sim de um racismo estrutural, embora silenciado ou velado, mas presente, a partir da mobilização das noções-conceitos de biopoder e biopolítica (Foucault, 1999).

Já no **R1M2 - tira 04**, o recurso imagético (Cagnin, 2014) de ter a parede perfurada com tiros intensifica o diálogo⁷⁷ trazido:



Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/3290363247675625/>

Filiada ao acontecimento discursivo Pandemia, a partir da mobilização, no 1º quadro, com base no uso de máscara e a brincadeira do telefone sem fio que mantém as personagens em interação, mas em distanciamento social, em concordância com a formação discursiva prescritiva, baseada no enunciado “Fique em casa!”, a tira 04 intensifica os gestos de luta e resistência (Foucault, 2006) do povo negro frente à violência sofrida. Cumpro dizer que a formação discursiva a qual me referi aqui era das recomendações e prescrições de como conter o avanço da COVID-19. Porém, ratifico que a campanha era pequeno-burguesa, a qual se destinou a classes médias e superiores. Logo, milhões de trabalhadores não puderam ficar em casa e tiveram de sair. Milhões deles morreram por esse motivo.

Faz-se necessário retomar o caso João Pedro e parte da notícia “Um dos presentes teria gritado que só havia **crianças na residência, deitadas no chão e com as mãos para cima**. Imagens mostram a **parede de um dos cômodos da casa atingida por uma série de disparos**” (G1, 2020 – destaques meus).

⁷⁷ No sentido restrito, é a comunicação verbal direta e em voz alta entre uma pessoa e outra. No sentido amplo (inaugurado por Bakhtin) é toda comunicação verbal, qualquer que seja a forma. Do ponto de vista discursivo, não há enunciado desprovido da dimensão dialógica, pois qualquer enunciado sobre um objeto se relaciona com enunciados anteriores produzidos sobre este objeto. Assim todo discurso é fundamentalmente diálogo.

A partir do registro verbal da notícia em consonância com a indignação de Armandinho no segundo quadrinho “E ele foi atingido dentro de casa, Camilo!” Em casa?!” tem-se a imagem das paredes perfuradas por tiros, assim como foi trazido na notícia e, na tira 04, a crença da personagem *Camilo*, criança negra, em ser um alvo para esses tiros a partir da memória discursiva de denúncia das balas encontrarem os corpos negros e periféricos.

Segundo Mignolo (2007, 2017) a linguagem (sobre)determina a economia e a realidade social em seu conjunto. Tais estudos pós-colonialistas apontam que para entender o capitalismo global, tem que se entender o modo como os discursos raciais organizam a população mundial, em uma divisão internacional do trabalho que tem implicações econômicas diretas: as raças superiores ocupam as posições melhor remuneradas, enquanto que as inferiores ocupam os trabalhos mais coercitivos e pior remunerados, tentativa de homogeneizar a todos para nivelá-los a cultura estadunidense e inglesa, estabelecendo a (in)verdade apenas por sua ótica colonizadora.

A partir da conquista da América, assevera Quijano (2005, 2010), trabalho, raça e gênero se articulam como os três eixos principais de classificação social do novo padrão mundial de poder, seja hierárquico (Foucault, 1979; 2008), seja soberano (Mbembe, 2018). As diferenças fenotípicas, como por exemplo, a cor da pele, a forma e cor do cabelo, dos olhos, do nariz, começam a ser utilizadas no processo de colonização como forma de diferenciar conquistadores e conquistados, europeus e não-europeus, estabelecendo, assim, uma relação de superioridade e inferioridade pautada nas distintas estruturas biológicas de cada grupo social e criando supostas gradações de seres humanos. Assim, são criadas identidades sociais até então não existentes, como índio, negro e mestiço. Designações que homogeneizaram em um único termo, uma imensa diversidade de povos,

É com a invenção eurocêntrica da América, portanto, que surge o conceito de raça; maneira de legitimar as relações de dominação impostas pela conquista e estabelecer o controle europeu sobre todas as formas de subjetividade, cultura, e produção do conhecimento (Quijano, 2005).

A segunda, estabelecimento de relação positiva com a morte do outro, não se trata de que para alguém viver, necessita da morte do inimigo, como em guerra, trata de algo compatível ao biopoder, estabelecendo uma relação tipo biológico, visto que a morte do outro – não como adversário – mas como o anormal, como fortalecimento do grupo pertencente, como garantia pessoal, como pertencente à raça ruim. Nesse aspecto, a afirmação de Almeida (2018, p. 89) “O racismo é a tecnologia de poder que torna possível o exercício da soberania.” - além da lei à qual somos abandonados, acarreta a fusão de morte e política. Cabe, agora, relacionar biopoder aos conceitos de estado de exceção e estado de sítio, em que a raça, mais uma vez é o fator crucial. É o estado de exceção atrelado à inimizade – criada e recriada no jogo político - que gera o direito de matar. Já o

estado de sítio se torna a regra, um inimigo não criado somente pelo Estado, mas por outros aparelhos ideológicos como meios de comunicação de massa e programas de televisão.

Trago, também, o conceito de bando proposto por Hebeche (2012), a fim de mostrar o eixo paradoxal da exclusão de alguém de sua comunidade e o poder soberano, já que, em nome da lei, o poder soberano abandona, bane, coloca para fora, isto é, fica à mercê, não-pertence. Sendo banido, tem-se a vida nua, conceito trazido por Agamben (2010).

Faz-se necessário o diálogo eloquente da temática político-racial apresentada nesta tese de que seja discutido o racismo em sua forma estrutural, dada representação no **R1M2 - tira 05**:



Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/3334623843249565/>

Mais uma vez inscrita no arquivo Pandemia por trazer pelo **R1M2 - tira 05** objetos e ações que fazem parte dessa formação e memória discursiva: máscara, protetor facial e distanciamento social. Estes elementos visuais reforçam o período pandêmico, a ameaça do coronavírus e a inexistência de uma vacina, até então.

Já a parte verbal da tira abarca a noção-conceito de cultura⁷⁸ (Coracini, 2009) a fim de escavar que é o conjunto de símbolos que permite a uma pessoa ou grupo ver o mundo de uma maneira e não de outra. É possível atravessar a cultura pela ideologia tanto como luta de classes (visão Marxista) quanto como modo de nos ver e de ver o o(O)utro, que é atravessado pela ideologia e pela luta de

⁷⁸ Para as Ciências Sociais e Antropologia, cujo sujeito é cartesiano e/ou psicologizante, cultura tem o sentido de conjunto de conhecimentos e comportamentos que distinguem um povo do outro, uma nação de outra. Entendendo o sujeito como centrado, consciente e racional, a Comunicação Intercultural prevê a articulação cultural (comunicação por meio de regras, técnicas, formais e informais que distingue um cultura de outra. Para a Linguística Aplicada, cujo sujeito é o resultado da relação com a língua(gem) e a história, da relação com o outro, alteridade, manifesta a competência intercultural (capacidade de se comunicar e entrar em contato com o diferente).

classe, já que é neste embate que os ditos da tira possibilitam o olhar desconstrutivo do que está cristalizado socialmente e até normalizado.

Lembro-lhes que, na ADF, a busca é por algo (trans)cultural, uma língua-cultura que atravessa e é atravessada pelo o(O)utro, imbricada na outra, uma vez que “língua e cultura são indissociáveis [língua(s)-cultura(s)]”, conforme Coracini (2009, p. 39, acréscimo meu).

O deslocamento que trago agora, por meio do **R1M2 - tira 05**, fundamenta a noção de sujeito apresentada por Brandão (s/data): o sujeito que produz o discurso, de acordo com os princípios da ADF, apresenta as seguintes características:

- a) o sujeito do discurso é essencialmente marcado pela historicidade. Isto é, não é o sujeito abstrato da gramática, mas um sujeito situado na história da sua comunidade, num tempo e num espaço concreto;
- b) o sujeito do discurso é um sujeito ideológico, isto é, sua fala reflete os valores, as crenças de um momento histórico e de um grupo social;
- c) o sujeito do discurso não é único, mas divide o espaço do seu discurso com o outro na medida em que orienta, planeja, ajusta sua fala tendo em vista seu interlocutor e também porque dialoga com a fala de outros sujeitos (nível interdiscursivo);
- d) porque na sua fala outras vozes também falam, o sujeito do discurso se forma, se constitui nessa relação com o outro, com a alteridade. Isto é, da mesma forma que tomo consciência de mim mesmo na relação que tenho com os outros, o sujeito do discurso se constitui, se reconhece como tendo uma determinada identidade na relação com outros discursos produzidos, com eles dialogando, comparando pontos de vista, divergindo etc. (Brandão, s/data)

Com isso, a personagem Camilo, em posição-sujeito⁷⁹ (Pêcheux e Fuchs, 1997) criança, negra, reverbera a normalização que há em relação a falas, anedotas e costumes de cunhos racistas tão recorrentes que acabam por não gerar incômodo e sim conformismo. Mas a personagem Camilo mostra um gesto de resistência (Foucault, 2008) por meio da relação saber-poder (Foucault, 1979), ao usar os verbos “entender”, “denunciar” e “combater” no último quadro da tira e trazer o tema central da tira “racismo cultural” que até então havia sido sugerido nos outros dois quadros.

Por isso é importante a representatividade, pois seria a plena participação de minorias em espaços de poder e de prestígio social, contemplando, principalmente, o cerne dos centros de difusão ideológica, meios de comunicação e academia. Porém, é sabido também a representatividade por si só pode ser uma cilada neoliberal, capitalista, uma vez que, muitas vezes, utilizam-se das minorias para colocar em andamento o poder hegemônico, justificando golpes, ações contrárias àquilo que se diz defender, inclusive voltam-se contra a própria minoria. Convém lembrar que é um passo muito

⁷⁹ Resultado da relação estabelecida entre o sujeito do discurso e a forma-sujeito de uma dada formação discursiva. Uma posição-sujeito não é uma realidade física, mas um objeto imaginário, representando no processo discursivo os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social. Deste modo, não há sujeito único, mas diversas posições-sujeito, as quais estão relacionadas com determinadas formações discursivas e ideológicas.

importante na luta contra o racismo e outras formas de discriminação quando se pode ter uma representatividade que propicia a abertura de um espaço político para as reivindicações das minorias de forma coletiva e que desmantela narrativas discriminatórias as quais colocam as minorias em locais de subalternidade.

Validam, agora, as ideias de Spivak (2010) no tocante à voz do subalterno: com base no conceito de representação de base alemã cujos significados são distinguidos em: o primeiro termo se refere ao ato de assumir o lugar do outro numa acepção política da palavra e o segundo uma visão estética liga ao ato de performance e encenação, estabelecendo uma relação intrínseca entre falar por e re-presentar já que em ambos a representação é um ato de fala em que há a pressuposição de uma falante e de um ouvinte, espaço dialógico de interação esse que não se concretiza para o sujeito subalterno, que sem agenciamento não pode, de fato, falar, logo a autorrepresentação também não ocorre, já que também não pode ser ouvido. Logo, discute-se uma violência epistêmica, cuja tática de neutralização do outro, seja ele subalterno ou colonizado consiste em invisibilizá-lo, tirando-o de qualquer possibilidade de representação.

Porém, faz-se necessário afirmar que não é a representação que vai constituir um poder real, ou seja, visibilidade negra não é poder negro. Nas palavras de Almeida (2018, p. 85) “[...] o fato de uma pessoa negra estar na liderança, não significa que esteja no poder e muito menos que a população negra esteja no poder”.

No contexto brasileiro, o órgão de poder maior na democracia, no período de produção e publicação das tiras, em 2020, encontrava-se em um (des)governo neoliberal, que com o seu negacionismo e sua falta de égide teve até o final de seu mandato (2022) 693 mil mortes das 705.054 mil causadas pela COVID-19 até 12/08/2023, conforme informativo da COVID-19 no Brasil⁸⁰.

Devido à pressão do então presidente, defensor do sistema capitalista, para que ocorresse a reabertura da economia comercial, ignorando o número de mortes, defendendo o (re)estabelecimento da norma, Sousa, Guajajara e Ferraro (2020) apontam, suleados por Agambem (2010), como necropolítica, política de morte, vírus antidemocrático, devastador, cuja representação se encontra n **R1M2/R2 - tira 06** abaixo.

⁸⁰ Ver: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html - Acesso em 17 de agosto de 2023

(R1M2/R2) – Tira 06, 15 de julho de 2020



Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/3437030669675548/>

Asseverando o efeito de sentido do **R1M2/R2 - tira 06** com o conceito de Estado racista, assassino e suicidário, proposto por Mbembe (2018) como necropoder e necropolítica na qual são indistintos os termos guerra, política, homicídio e suicídio.

Ao fazer a leitura em forma de sílaba, representando a formação discursiva escolar, de uma *criança que está aprendendo as palavras por meio do sistema alfabético e sonoro*, Armandinho fala ao seu interlocutor, sapo, que o houve atentamente sobre um banco, quatro palavras, nos dois primeiros quadros, que podemos recuperar em nossa memória discursiva e trazidas na discussão do segundo momento do R1M2 e acrescenta a palavra “cúmplices”, no último quadro a fim de marcar uma culpabilidade pelo momento histórico em que se passava tal narrativa.

Em três quadros, elenco a crítica direta feita pelo autor ao governo da época, pois, Alexandre Beck, em posição-autor, constitui (e é constituído por) Armandinho.

Após essa tira híbrida (Político-Racial / Político-Pandêmico), debruço sobre o R2 - Político-Pandêmico para descortinar suas implicações.

5.3. Recorte 2 (R2) – Político-Pandêmico

Para esse próximo recorte, incorro à **tira remissiva 34** como mote:

Tira remissiva 34: atitude política



Disponível: <https://www.facebook.com/tirasarmadinho/photos/a.488361671209144/3115448035167148/>

Ao tratar sobre política, Camilo enuncia situações em que o silêncio (Orlandi, 2007) perante o contexto sociocultural representa uma atitude política, haja vista que vai impactar diretamente no modo como essa sociedade se organiza.

Para tanto, na cena enunciativa da **tira remissiva 34**, reforço o efeito de sentido de fala para Camilo e escuta para Armandinho. Os ditos de Camilo possibilitam tangenciar que mesmo se tratando de um pronome indefinido “tudo”, ao abarcar o exemplo de “não falar de política” e “ou querer que não falem de política”, resvala na mesma implicação: ambas são “atitudes políticas”. Cumpro trazer, aqui, a acepção da palavra “política”, já que “tudo é política”, a partir do que foi perpassado por Camilo no segundo quadro: isentar-se da discussão ou ser afetado pelo jogo do poder de quem não gostaria que falasse sobre política. Logo, silenciar o o(Outro) é uma atitude política do silenciador.

É nesse *locus* de atitude políticas que o tema do Recorte 2, formado por 05 tiras (incluindo a tira-híbrida) é voltado para o Político-Pandêmico e tem como arquivo (Foucault, 2008) a Pandemia da COVID-19 com crítica direta ao, então presidente da República, Jair Messias Bolsonaro (2019-2022)

A publicação que forma o recorte com a tira ocorreu em 09 de abril de 2020 e contou em seu processo interacional na *fanpage* do *facebook* com 14 mil reações, 186 comentários e 8,9 mil compartilhamentos até a data em que fora recortada para compor esta tese, 19 de abril de 2020.

R2 – tira 07, de 09 de abril de 2020



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/3193002067411744/?type=3&theater> – Acesso em 19 de abril de 2020

A tira é formada por quatro quadros e traz a cadência cronológica de três enunciados, com base nos elementos de progressão textual “primeiro”, “depois” e “agora”, feitos pelo então presidente sobre a Pandemia da COVID-19, dentro do escopo do discurso negacionista que já fora visto no primeiro momento do recorte em. Ainda sem vacina, as medidas de contingenciamento são as decretadas pela OMS e as prescritas pelos órgãos vinculados à ciência, tais como: distanciamento social, higienização das mãos, uso de máscaras⁸¹.

O primeiro dito recuperado por Armandinho é pela heterogeneidade não marcada (Authier-Revuz, 1998) em que o interdiscurso está em um enunciado⁸² do presidente à época sobre:

Obviamente, temos no momento uma crise, **uma pequena crise**, né? No meu entender, **é muito mais fantasia a questão do coronavírus**, que não é isso tudo que a grande mídia propala ou propaga pelo mundo todo. Outra, alguns da imprensa, conseguiram fazer, de uma crise, a queda do preço do petróleo. Entendo que daria muito mais, é melhor cair 30% do que subir 30% o preço do petróleo. Mas isso não é crise. Obviamente, problemas na bolsa, isso acontece esporadicamente (Bolsonaro, 2020 s/p – destaques meus)

Para um chefe de Estado, chamar uma Pandemia de “pequena crise” e “ser fantasiosa” é negar todos os outros acontecimentos que surgiram com a instauração da Pandemia e, no dito de Armandinho, a não existência da questão do coronavírus com o intuito de dismantlar as ações que outros órgãos estavam fazendo.

⁸¹ Ver: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/02/uso-de-mascaras-diminui-virus-no-ambiente-e-pode-frear-2a-onda-de-contaminacao-por-coronavirus-no-brasil-diz-medica.ghtml> - Acesso em 03 de maio de 2020

⁸² Ver: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-que-covid-19-e-mais-fantasia-e-minimiza-queda-da-bolsa/> - Acesso em 03 de maio de 2020

No segundo quadro, por meio da heterogeneidade marcada (Authier-Revuz, 1998), agora, com o uso das aspas em “gripezinha”, Armadinho desloca o enunciado⁸³ ocorrido em “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido por uma **gripezinha** ou **resfriadinho**, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão (Bolsonaro, 2020a, s/p – destaques meus).

Mais uma vez ele vai contra tudo que era enunciado sobre a COVID-19, em pronunciamento oficial, a fim de instigar, em pleno 2020, no ponto auge da doença, que as pessoas deveriam deixar o isolamento e voltar à normalidade pelo bem econômico do país.

No terceiro quadro, Armadinho desestabiliza o enunciado⁸⁴ do presidente pela heterogeneidade marcada (Authier-Revuz, 1998) pelas aspas no dito “cura”, a partir de “...os profissionais do Hospital Albert Einstein me informaram que iniciaram o protocolo de pesquisa para **avaliar a eficácia da cloroquina nos pacientes com COVID-19**... Tenhamos fé que brevemente **ficaremos livres desse vírus**” (Bolsonaro, 2020b, s/p – destaques meus). Com as primeiras mortes chegando aos noticiários, Bolsonaro usa de *fakenews* para tentar convencer a população da eficácia de tal medicamento, pois a OMS, com base nas melhores evidências científicas disponíveis, já concluiu que a hidroxicloroquina não funciona no tratamento da Covid-19 e alertou, ainda, que seu uso indiscriminado pode causar efeitos adversos a longo prazo. Ressalto, ainda, que um estudo⁸⁵ estima que o uso da hidroxicloroquina para o tratamento de pacientes hospitalizados com Covid-19, durante a primeira onda da pandemia do coronavírus, pode estar vinculado a aproximadamente 17 mil mortes, em seis países: Bélgica, França, Itália, Espanha, Estados Unidos e Turquia.

Por fim, o pai, no último quadro, usa do turno de fala para enunciar que terá continuidade, pois há quem acredite, haja vista o reforço positivo que o presidente tinha com uma boa parte da população que acreditava em seus ditos, por mais que a ciência explicasse.

O **R2 – tira 08** traz um dado alarmante no primeiro quadro de sua cena enunciativa, ao Armadinho, agora em diálogo com a amiga Fê, por meio do telefone sem fio que potencializa a noção do distanciamento social sem perder a interação:

⁸³ Ver: <https://www.cliccamaqua.com.br/noticia/51657/bolsonaro-diz-que-covid-19-nao-passa-de-um-resfriadinho-e-que-escolas-e-comercios-nao-deveriam-ser-fechados.html> - Acesso em 03 de maio de 2020

⁸⁴ Ver: <https://clicrdc.com.br/politica/video-bolsonaro-fala-sobre-possivel-cura-para-covid-19/> - Acesso em 03 de maio de 2020.

⁸⁵ Ver: <https://site.cff.org.br/noticia/Noticias-gerais/12/01/2024/estudo-estima-17-mil-mortes-por-tratamento-de-covid-19-com-cloroquina> - Acesso em 27 de julho de 2024

R2 – tira 08, de 20 de abril de 2020



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/3218377618207522/?type=3&theater> – Acesso em 22 de abril de 2020

A publicação que forma o recorte com a tira ocorreu em 20 de abril de 2020 e contou em seu processo interacional na *fanpage* do *facebook* com 6,5 mil reações, 173 comentários e 1,7 mil compartilhamentos até a data em que fora recortada para compor esta tese, 22 de abril de 2020.

Em **R2 – tira 08** encontram-se ecos na formação discursiva prescritiva das recomendações de ações de contingenciamento da COVID-19, com base no enunciado “**FIQUE EM CASA!**”, presente no último quadro e destacado em letras maiores e negrito, como uma advertência ou alerta que Fê faz a Armandinho a partir do verbo no modo imperativo “fique” e o adjunto adverbial de lugar “em casa”, mostrando ser o lugar mais seguro, pois o contágio ocorria em contato com as pessoas.

Desloco que ambos podem seguir a recomendação do “fique em casa” por serem parte da população classe média ou superior que teve perdas mínimas com as medidas de distanciamento social, diferentemente do que foi mobilizado no **R1M2 – tira 04** em que milhões de pessoas não puderam seguir a prescrição e saíram para trabalhar e foram registradas nos índices de mortes divulgados pelos boletins, durante esse período, como por exemplo as 383 pessoas mortas em um só dia citadas por Armandinho em seu enunciado, de forma espantosa, no primeiro quadro.

A personagem Fê reitera que pode piorar e desestabiliza para a política enquanto enfrentamento à Pandemia. Ela traz em seu dito que está uma “bagunça federal” e busca o efeito de sentido deste enunciado, escavando pela memória discursiva o que ocorria na época de publicação da tira, haja vista que as tiras de Armandinho reagem pelo imagético-discursivo ao cotidiano, aproximando-se a uma crônica imagético-discursiva.

Houve uma medida provisória editada pelo então presidente Jair Messias Bolsonaro cujo objetivo foi concentrar no governo federal o poder para adoção de medidas que possam restringir o

transporte de bens, a movimentação de pessoas e a manutenção de serviços durante a crise gerada pela Pandemia da COVID-19, após polêmica envolvendo decisão do governo do Rio de Janeiro, que determinou fechamento de aeroportos.

Eis um enunciado do ex-chefe de Estado “Eu vi, ontem, um decreto do governador do Rio que, confesso, fiquei preocupado. Parece que o Rio de Janeiro é um outro país. Não é outro país. Você tem uma federação”. Para isso há uma federação, mas para cumprir as medidas sanitárias necessárias, para não inflar a população, para não disseminar *fakenews*, aí não há federação, daí!

Logo, uma ação no STF, apresentada pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), questiona tal medida provisória, pois fere um princípio que está garantido na CF/1988 “cabe à União, estados e municípios, em conjunto, a competência para estabelecer políticas relacionadas à saúde”. A decisão do STF foi favorável ao partido e garantiu que, além do governo federal, os governos estaduais e municipais têm poder para determinar regras de isolamento, quarentena e restrição de transporte e trânsito em rodovias em razão da Pandemia do coronavírus. Ainda, deixou expresso que governadores e prefeitos têm legitimidade para definir quais são as chamadas atividades essenciais, aquelas que não ficam paralisadas durante esse período pandêmico.

Na seara da crítica direta ao então presidente da república, apresento o **R2 – tira 09**. A publicação que forma o recorte com a tira ocorreu em 20 de abril de 2020 e contou em seu processo interacional na *fanpage* do *facebook* com 4 mil reações, 65 comentários e 998 compartilhamentos até a data em que fora recortada para compor esta tese, 22 de abril de 2020.



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/3218483014863649/?type=3&theater> – Acesso em 22 de abril de 2020

O **R2 – tira 09** traz novamente um diálogo entre as personagens Fê e Armandinho, distanciados socialmente, mas interagindo, graças ao telefone sem fio. Os dois primeiros quadros permitem mobilizar o efeito de sentido sobre uma possível troca de informação no dito de Fê, no primeiro quadro, atestado por Armandinho como parecendo proposital, no segundo quadro.

Ao escavar os não-ditos do período em que fora publicada a tira, já que intento mostrar a aproximação à crônica imagético-discursiva a partir dessa reação ao ocorrido no cotidiano, de forma que o imagético-discursivo possa significar o momento (Cagnin, 2014), encontrei que o dia 20 de abril de 2020 foi o dia, até então, no Brasil, em que foram registradas 383 mortes por conta do novo coronavírus (SARS-CoV-2) nas últimas 24h, sendo maior número de vítimas em um dia, desde o início da Pandemia no país, totalizando 2845 mortes⁸⁶. Mais tarde, no mesmo dia, o Ministério da Saúde informou que o cálculo estava equivocado e que havia sido 113 mortes naquelas 24h, totalizando 2575⁸⁷ e não 2845, como informara.

No terceiro quadro, mais uma vez, Fê faz um alerta para Armandinho que poderia piorar a situação e lembra-o que cada número representa uma pessoa que teve sua vida interrompida por conta da doença. Logo, novamente, ela prescreve, ao filiar-se à formação discursiva prescritiva de recomendações no contingenciamento do combate à COVID-19, para que ele “**FIQUE EM CASA!**”, em destaque no último quadro.

A publicação que forma o recorte com a tira ocorreu em 28 de abril de 2020 e contou em seu processo interacional na *fanpage* do *facebook* com 16 mil reações, 332 comentários e 11 mil compartilhamentos até a data em que fora recortada para compor esta tese, 03 de maio de 2020.

⁸⁶ Ver: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2020/04/20/brasil-registra-mais-de-380-mortes-nas-ultimas-24h.htm> - Acesso em 03 de maio de 2020

⁸⁷ Ver: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/04/ministerio-corrige-dados-e-diminui-para-2-575-numero-de-mortes-por-coronavirus-no-brasil-ck98wd0af00kz017n60d45w7a.html> - Acesso em 03 de maio de 2020

R2 – tira 10, de 28 de abril de 2020



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/3237277579650859/?type=3&theater> - Acesso em 03 de maio de 2020

Como último recorte analítico desta tese, são trazidos em sua cena enunciativa Armandinho, o sapo e pai. O elemento que vinha sendo usado para o processo de comunicação/interação entre as personagens era o telefone sem fio, como mostrado em outras tiras dos recortes em análise, uma vez que eles ocupam o mesmo espaço e estão confinados em casa, data as duas advertências de Fê, mostradas anteriormente, com Armandinho mostrando-se seguidor das recomendações das medidas sanitárias, fazendo o uso da máscara.

Como aventado pela personagem Fê nas duas tiras 08 e 09 deste R2, o que estava ruim poderia piorar, haja vista a formação discursiva negacionista do (des)governo em que engendrou os enunciados do presidente, desde o início da Pandemia, em relação às medidas de contingenciamento, ocorreu a piora, antecipada pela personagem Fê diante do cenário visto, como mostrado no dito de Armandinho, no primeiro quadro, marcando o dia com mais morte, sendo 474 óbitos em um dia⁸⁸. Ainda, Armandinho assevera, no segundo quadro, que ultrapassou o país, que fora epicentro da doença no mundo, a China, em número de mortos, sendo no Brasil 5017 e na China 4643 óbitos.

A reação do chefe de Estado do Brasil seria editar medidas mais eficazes de isolamento social, porém o presidente enunciou “Eu não sou coveiro”, para quando foi solicitado responder pergunta sobre o quantitativo de mortos por COVID-19 no Brasil e “E daí, lamento. Quer que eu faça o que?”

⁸⁸ Ver: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/04/28/interna-brasil.849340/covid-19-brasil-registra-474-obitos-em-1-dia-e-tem-mais-mortos-que-a.shtml>- Acesso em 03 de maio de 2020

Sou o Messias, mas não faço milagre”, quando houve o recorde de mortes, ultrapassando a China, atestando a possível incredulidade de Armandinho posta no último quadro.

Portanto, as tiras de Armandinho que compuseram os recortes analíticos 1 e 2 desta tese registaram o instante histórico de suas produções por meio do político-pandêmico-racial, com tempo e espaço específicos, permeadas pelo imaginário social coletivo. Com isso o efeito de efemeridade e perenidade encontrou ecos em Foucault (1971) “o novo não está naquilo que é dito, mas no acontecimento de seu retorno” (p. 28).

Após o gesto analítico das tiras de Armandinho propostos nesses dois recortes, intento, agora, aproximá-las à ironia e à crônica a partir das questões do humor.

5.4 Humor como elemento disjuntor: aproximações à ironia na perspectiva discursiva-desconstrutivista e à crônica imagético-discursiva

Nesta tese, apoio-me em Cagnin (1975, 2014), que mostra as três etapas narrativas, para dizer que elas ocorrem nas tiras de Armandinho, como visto ao longo desta tese nas tiras remissivas, interativas e sequências e recortes analíticos, sendo: uma situação inicial, um elemento que causa alteração no curso da narrativa e uma disjunção. Ainda, a ênfase feita pelo autor sobre tanto a imagem quanto a palavra funcionarem como elemento disjuntor e provocar o humor. Possenti (2000) não cunha um termo próprio, embora ressalte, também, a relevância de mecanismos linguísticos como responsáveis pela interpretação incongruente. Diante do exposto, as tiras constituintes desta tese têm um elemento-chave provocador de humor a partir da mobilização feita n(d)a materialidade linguístico-imagética-discursiva. Saliento, que esse elemento-chave foi postulado como disjuntor por (Greimas, 1971), elemento disjuntor por (Morin, 1973), gatilho por (Raskin, 1979; 1985) e elemento mediador por (Gil, 1991).

A **tira remissiva 35** traz uma acepção para humor em convergência com a anedota, porém, ao problematizar isso, Camilo, personagem negra das tiras de Armandinho, busca o processo desconstrutivo com Armandinho, por conta de colocar seu enunciado na formação discursiva do racismo:

Tira remissiva 35: Humor



Camilo enuncia a partir de formações do imaginário social que aproximam enunciados preconceituosos que reverberam o discurso de ódio a discursos humorísticos com a justificativa de serem piadas. Para isso, utiliza o elemento linguístico “disfarçado”, a fim de alertar Armandinho para a desconfiança sobre aquilo que está sendo enunciado. Ao fazer isso, a personagem negra, desconstrói o que, muitas vezes, está cristalizado em nossa sociedade como algo naturalizado, deixando ser só uma piada.

O sapo reforça a ideia de escuta que Armandinho se presta na tira em questão, haja vista que o lugar dos ditos está com Camilo que, muitas vezes, sente na pele os disfarces humorísticos de enunciados proferidos e já refutados como sendo “apenas piadas”, porém, mais uma vez quem “bate” é o mesmo que refuta e quem “apanha” não é ouvido, diferentemente do que ocorre nos atravessamentos dos ditos postos na tira, mobilizando os aspectos discursivo-desconstrutivistas.

É nesse ponto de quebra de expectativa ou final inesperado ou inusitado ou, ainda, subversão, que a articulação tira-leitor-leitura precisa ocorrer a mobilização de conhecimentos prévios, desestabilizações, rupturas, deslocamentos em busca de ecos necessários ao gesto interpretativo, uma vez que, nem sempre é o tema o mote do humor, haja vista que, nesta tese, o humor é o elemento disjuntor para a aproximação à ironia e/ou à crônica imagético-discursiva por meio de mobilizações linguístico-imagéticas-discursivas.

Neste tocante, o discurso humorístico, ao ser materializado verbo-visualmente nas tiras de Armandinho, faz apelo a um saber e a uma memória. Com isso, muitas vezes, a falha ocorre pela ausência da memória ou desse saber sócio e historicamente construído que o leitor deve preenchê-la com a leitura imagético-discursiva.

Assim, o humor, como elemento disjuntor, é empregado para provocar o efeito de sentido do riso e gerar o olhar crítico-reflexivo, ambos pela quebra de expectativa, seja para a ironia, ao desconstruir o que está posto, seja para as tratativas do cotidiano pela ampliação de crônica com o imagético-discursivo.

Nicolau (2020) mostra que “ao longo da sua existência há mais de cem anos, a tirinha [sic] mantém uma participação ativa na imprensa tanto com temáticas banais quanto com questões sociais, políticas e filosóficas as mais sérias, mesmo que para fazer rir” (p. 9). Também, o autor enfatiza que “com seu caráter opinativo, a tira de jornal apresenta ainda uma linguagem estética verbal e não-verbal capaz de burlar censuras e servir de bandeiras ideológicas em momentos de crises sociais, como aconteceu em diversos países” (*Idem*). Logo, é a busca pela representação crítica dos problemas do cotidiano por meio de uma visão bem-humorada ou até mesmo satírica/irônica que engendro no final deste capítulo.

Com base nas problematizações que as tiras de Armandinho possibilitaram, nesta tese, primeiramente, a ironia no viés discursivo-desconstrutivista foi capaz de fazer um reflexo invertido da sociedade da época de constituição das tiras, como se fosse um desenho caricatural de valores e representatividades, implicando o processo interativo que ocorreu na *fanpage*, como descrito nos recortes analíticos.

A **tira interativa 18** traz, por meio da metalinguagem, uma explicação do pai de Armandinho para ele sobre ironia:



A heterogeneidade marcada (Authier-Revuz, 1998) encontra eco na **tira remissiva 18** por meio do dito do pai de Armandinho, ao marcar a palavra “amigos” para diferenciar de amigos e falar sobre “bode” e bode. Essa marcação é coberta de não-ditos e promove interdiscursos outros com efeitos de sentido que podem levar à ironia, como enunciado no primeiro quadro.

Armandinho fica pensativo diante da explicação do pai e no terceiro quadro quebra a expectativa em seu encontro com o bode, dada a representação visual, para o qual interpela se era bode ou ironia, retratando seu universo infantil. É nessa leitura do universo infantil que intento a tira como metalinguística, pois usa da ironia para tratar sobre a própria ironia. É irônica a quebra de

expectativa do último quadro ao tratamento discursivo-desconstrutivista entre o jogo denotativo (literal) e conotativo (figurado) dado a ele.

Já aproximação entre as tiras de Armandinho e a crônica imagético-discursiva feita nesta tese foi descortinada com base na forma de compor/constituir o repertório dos gêneros do cotidiano, fazer parte de divulgação em mídias de acessibilidade diária, tais como, jornal e redes sociais, a brevidade por serem textos curtos devido à limitação do espaço em jornais, instantaneidade com temas/recortes sempre com o olhar para cotidiano, estruturalmente narrativa com começo, meio e fim e, como ilustra a **tira interativa 19**, o humor enquanto aliado na tratativa de temas difíceis:



A **tira interativa 19** traz em seu dito uma referência a um cronista brasileiro chamado Luis Fernando Veríssimo, a partir do uso dos adjetivos no grau superlativo sintético “difícilíssimo”, “agradabilíssima” e “veríssimo”, pois o pai de Armandinho explica-lhes um pouco sobre o gênero crônica em relação aos temas e à leitura. Recupero nos já-ditos da tira que é uma forma de homenagear um autor brasileiro.

Nicolau (2020), ao aproximar a tira ao gênero opinativo Editorial, abre margem para que eu também possa aproximar, pelo viés discursivo, a tira de Armandinho a outro gênero opinativo Crônica, a partir de pontos de convergência e divergência.

O pesquisador salienta que:

Síntese da **expressão do humor** na cultura humana moderna, as tirinhas, mesmo que inseridas no universo dos quadrinhos, cumprem **funções** facilmente encontradas nos artigos, **crônicas** e editoriais. E sua representação imagética, diagramática e metafórica parece desvelar a própria dimensão do processo criativo (Nicolau, 2020, p. 71 – destaques meus)

Em convergência com a **tira remissiva 35** tem-se o humor como elo entre os dois gêneros, por mais que nas crônicas haja um recorte de um fato aliado a uma situação desconcertante, colocando a narrativa num tom de irreverência, ao passo que o humor nas tiras de Armandinho ocorre pela disjunção/quebra de expectativa entre os quadros, sendo a sarjeta (Postema, 2014) a responsável pela mobilização humorística.

Com isso, fez-se necessário ampliar a noção de crônica para crônica imagético-discursiva por conta do caráter multimodal das tiras de Armandinho, ao utilizar-se da linguagem verbo-visual.

Atesto a ampliação afirmada acima, pois Cagnin (2014) aponta que a diferença fundamental entre a imagem e a palavra é “a imagem representa seres e, dependendo dos contextos onde está inserida, transmite também conceitos e ideias, ao passo que a palavra nomeia seres e, no enunciado linguístico, formado de palavras, representa o nosso processo mental, os conceitos ou ideias” (Cagnin, 2014, p. 91).

Nessa perspectiva, além da identificação do objeto, a imagem “transmite sozinha outras informações significativas. Assim, sua equivalência não se reduz a uma palavra apenas, mesmo que não “traduza” o conceito ou somente “mostre-o”. Logo, para o autor, o significado de toda imagem quando transposto em palavras se resolve sempre em mais de um enunciado linguístico, a saber:

Figura 23: Imagem e transposição linguística

Imagem	Transposição linguística (enunciados)
	<p>“Isto é um garoto com um sapo na cabeça”.</p> <p>“O garoto caminha com o sapo na cabeça”.</p> <p>“O garoto de cabelo azul caminha com um sapo na cabeça”.</p> <p>“O garoto caminha”.</p> <p>“O garoto caminha feliz, ao carregar o sapo sobre sua cabeça</p>

Fonte: (minha autoria)

Cagnin (2014) valida o quadro anterior criado por mim e disposto na figura 23, ao intensificar que “a imagem não corresponde à unidade-palavra do discurso narrativo. No mínimo ela equivale a duas frases” (Cagnin, 2014, p. 101).

Outro aspecto que as tiras conseguiram abarcar e que a crônica não consegue em virtude de sua limitação ao linguístico são os elementos emocionais, tom de voz, que acompanham a emissão linguística falada, haja vista que, nas palavras do autor, é feita num contexto físico, temporal e social, desaparece na transcrição gráfica (Cagnin, 2014). Assim, as tiras recuperam pelo linguístico e imagético-discursivo os valores emocionais, de entonação, expressões faciais, gestos, onomatopeias, metonímias, metáforas, dispensados à produção das cenas enunciativas presentes nas tiras.

Mais uma vez é Cagnin (2014) que reforça a aproximação feita por mim nesta tese, pois nas tiras de Armandinho não é a imagem que significa o momento, mas o momento que faz a imagem, implicando, então, crônica imagético-discursiva.

Logo, ao tratar do político-pandêmico-racial, as tiras reagem a assuntos que impactaram a sociedade em dado momento sócio-histórico-político-cultural-ideológico, assim como a crônica, ao evocar empatia no leitor, devido seu caráter reflexivo e observacional, possibilita reflexão sobre o tempo centrada em episódios do cotidiano.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A notoriedade de Armandinho encontra-se em refletir temas do cotidiano pelo olhar de uma criança (entre 6 e 11 anos), mas com a perspicácia necessária, isto é, os discursos emergidos em suas tiras são atravessados por outros e denotam uma formação discursiva e ideológica frente às circunstâncias histórico-político-sociais atuais.

Dessa forma, o intuito desta tese, como objetivo geral, foi problematizar, pelo viés imagético-discursivo, a representação político-pandêmica-racial e os efeitos de sentidos propostos pelas tiras de Armandinho no processo interacional ocorrido em sua *fanpage* homônima na rede social *facebook*.

Diante do exposto, apesar de saber que controlar os sentidos é ilusório (Pêcheux, 2008), valido a hipótese de que as tiras de Armandinho, por meio de uma linguagem (nada) leve e (tampouco) objetiva, trataram de temas polêmicos e complexos e introduziram o dissenso político-pandêmico-racial, de forma efêmera e perene, com/pelo humor e de maneira irônica por meio de uma personagem, cuja representação infantil de senso comum, permitiu escamotear o processo de denúncia e burlar o sistema, fazendo chegar pela via da tira, informações aos mais diversos nichos sociais, aproximando as tiras à crônica imagético-discursiva.

Pela ótica da AD de orientação francesa, observaram-se, nas tiras, os vários discursos outros que atravessaram seu sujeito – em posição protagonista e criança – a fim de elucidar as inquietações da época, uma vez que o sentido que a ADF busca é o construído/produzido no processo de interlocução, advindo da intervenção do sujeito que faz o discurso funcionar e que nele coloca sua subjetividade.

Constituem a instância verbal de produção do discurso: o contexto histórico social, os interlocutores, o lugar de onde falam e a imagem que fazem de si, do outro e do referente. Nesta tese, a fim de possibilitar todo o gesto de leitura foi empreendido sentido à interação, ou seja, mobilizaram-se efeitos de sentidos a partir da relação personagens-texto-leitor.

Cardoso (1999) assevera que, no enfoque sócio histórico da linguagem, não se visa apenas as formas de organização dos elementos que constituem o texto, mas também as formas de instituição de seu sentido, ou seja, as condições de produção do discurso, as quais, complementa Fernandes (2008), são representadas pelos aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam ou determinam sua produção.

Em relação à polêmica em que o autor com voz atravessada nos ditos da(s) personagem(ns) se colocou em 2018 por conta das tiras sobre “Racismo” e sobre o programa “Mais médicos”, mobilizei a sanção ocorrida em 2019, quando as tiras pararam de circular no jornal que deu origem ao

Armandinho em virtude do posicionamento político-partidário de seu autor a partir dos contexto de polarização de 2018: eleições para presidência da República com a vitória de Jair Messias Bolsonaro e como o discurso de *Armandinho* perpassado pelo autor vai de encontro ao proposto pelo Diário Catarinense foi preterida sua participação após quase nove anos de publicação diária.

Dessa forma, retomo a figura 07 a partir afirmação “... crianças perigosas e subversivas” e todo o ódio descarregado nela a fim de desestabilizar esse enunciado. A polêmica ou o ataque é para o autor em posição-sujeito que atravessa a criança que ele cria para enunciar e (tentar) não sofrer sanção, mesmo por que a autoria se sobrepôs ao personagem da tira. Ao enunciar “crianças perigosas e subversivas” a tentativa do autor foi atenuar as considerações feitas pelo discurso instaurado na tira em consonância com a formação discursiva, interdiscurso e memória discursiva a partir dos adjetivos “perigosas” e “subversivas”.

Já a produção de sentido do diminutivo *Dinho*, na utilização em muitas tiras, ganha um valor afetivo ou representa sua pouca idade, ou ainda, pelo fato de que ele *arma* “de mansinho” – como quem não quer nada.

Destaco, nesse escrito, por meio das análises propostas, que o discurso midiático, perpassado nas tiras recortadas a partir do acontecimento Pandemia, funciona como uma reação ao contexto sócio-histórico-cultural da época em que são produzidas e veiculadas, já que a opção pelas tiras implica abordar temas relevantes de modo mais “brando” do que um artigo ou um editorial, em um jornal, por exemplo, ou seja, um texto curto, porém d(t)enso e com grande teor de informatividade.

Ainda, pelas condições de produção, os discursos são atravessados, além de que as tiras são uma associação de linguagens, em que a posição sujeito do autor dialoga com a posição sujeito dos personagens, a partir da leitura verbal e não-verbal, isto é, os elementos verbais e não-verbais são imbricados de forma a ser impossível dissociá-los para a produção de sentidos. A concepção dos estudos dos quadrinhos apresentadas aqui alinhou-se à perspectiva discursiva, no gesto interpretativo e na busca pelo que denominei ironia pelo viés discursivo-desconstrutivista.

Saliento que são textos que dialogam e atravessam as fronteiras dos lados, permeando a ciência da linguagem já que nós nos constituímos na e pela linguagem, além de serem leituras que abrem horizontes ao voltar o olhar para as epistemologias do sul e adentrar ao movimento do *sulear* - tão necessário dado ao momento sócio-histórico-político em que nos encontrávamos em 2020, asseverado por uma Pandemia.

As tiras dos recortes presentes no capítulo analítico em que *Armandinho* dialoga com Camilo e Fê podem suscitar nos interlocutores desconforto, sensação de perda, insegurança, indignação, dadas às condições de sua produção: o contexto pandêmico.

As tiras presentes na tese em que Armandinho dialoga com Camilo deslocam a perspectiva etnocêntrica das culturas ocidentais, acostumadas a assumir o lugar de fala e a ditar padrões, colocando-as no lugar do silêncio, principalmente, da escuta do o(O)utro, a partir da representação feita por Armandinho. Este diálogo com a alteridade, na maioria das vezes, imputa um processo desconstrutivo de verdades (ou ilusões de), abarcando o olhar crítico-reflexivo dos interlocutores frente aos ditos, já-ditos e não-ditos presentes (ou não) nas cenas enunciativas.

É salutar considerar Armandinho “atenado” aos acontecimentos do país, com seu cotidiano retratado em tiras desde seu estágio embrionário, como problematizado na primeira parte, primeiro capítulo desta tese. O convívio com seus pais, seus amigos próximos e seus colegas de escola possibilitou uma imersão em ditos que permitiram mobilizar efeitos de sentido sobre já-ditos e não-ditos que reagem ao contexto sócio-histórico-político-cultural-ideológico da época de suas publicações.

Destarte, o plano de conjunto (Cagnin, 2014), que abrange as personagens de corpo inteiro, nas tiras de Armandinho, recai sobre as personagens infantis, a fim de retratar o universo delas, em muitos aspectos, além de possibilitar ao autor se constituir dos ditos de Armandinho e sua turma para tentar se livrar das sanções do mundo adulto.

Antes de finalizar, promovo dois interdiscursos: o primeiro com uma letra de música que ouvira em uma das *playlists* tocada na/pela *alexia*, companheira de escrita; e o outro uma tira de 1º de janeiro de 2023, uma imagem do mesmo dia e uma música de 2005.

O trecho da música “Querelas do Brasil” ecoa no momento sócio-histórico-político e ideológico no qual insiro a produção desta tese “O Brazil não conhece o Brasil. / O Brasil nunca foi ao Brazil. / O Brazil não merece o Brasil. / O Brazil tá [*sic*] matando o Brasil.” (Blanc, A.; Tapajós, M., 1978). O jogo da mudança da escrita em BRAS(Z)IL possibilita empreender a forma na língua inglesa (Brazil, com Z) e estabelecer uma ligação com a cultura hegemônica e exploradora, principalmente, dos EUA, país cujo inglês é língua oficial, frente ao (Brasil) país, nação, com S, mesmo com toda a pluralidade (linguística, cultural, social) existente fica submisso às relações internacionais, principalmente, com países que ditam as regras do mercado e da economia brasileira.

Em 1º de janeiro de 2023, houve a publicação da **tira interativa 20**: anunciando novos tempos, funcionando como uma reação ao que estava ocorrendo no Brasil à época: posse do novo presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, após vitória contra o candidato à reeleição Jair Messias Bolsonaro nas eleições de 2022⁸⁹. Como visto nos recortes analíticos e atestado pelo imagético-discursivo da

⁸⁹ Ver: <https://www.poder360.com.br/governo/relembre-como-foi-a-posse-de-luiz-inacio-lula-da-silva/> - Acesso em 27 de agosto de 2024

tira interativa 20 abaixo, inicia um tempo de união e recomeço, tempo de celebrar a diversidade, a democracia, a dignidade e o respeito:

Tira interativa 20: Tempo de união e reconstrução



Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=533842645446654&set=a.475822997915286> – Acesso em 26/07/2024

Como reação ao dado momento sócio-histórico-político-ideológico, a tira apresentada anteriormente, legítima, pelo interdiscurso imagético-discursivo, o momento de posse do novo presidente do Brasil:

Figura 24: Posse presidente Lula 2023



Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/relembre-como-foi-a-posse-de-luiz-inacio-lula-da-silva/> - Acesso em 26/07/2024

Outro interdiscurso, pela formação discursiva cristã-católica, a partir de minha subjetividade, com o momento descrito acima e a tira interativa, encontra-se na música “Amanhecer” (CNBB, 2005)⁹⁰, letra de M. Luiza Ricciardi e música Nona Sinfonia de Beethoven:

1.Vibra uma canção/De esperança e alegria./Surge no horizonte/O raiar de um novo dia.//Refrão: Canta, dança, entra na festa,/Sente a alegria de viver./Olha o céu sorrindo,/Vê a beleza deste renascer.//Canta, dança nesta ciranda,/Sonha de novo sem temer./Vai à cidade,/Leva a notícia deste amanhecer.//2.No olhar do povo/Brincam risos de criança./Mãos se entrelaçam,/Recriando a confiança.//3.Livre canta o vento/Boa nova de amizade./Brilha a paz na terra,/Nasce nova humanidade. (CNBB, 2005)

Ao acompanhar a constituição das tiras de Armandinho mobilizadas nesta tese, desde os agradecimentos até o memorial, compreende-se que os ditos, já-ditos e não-ditos suscitados em remissão, interação ou análise perpassam diversas formações discursivas e filiam-se à posição política -partidária de esquerda, com olhar empático para as minorias, pelo respeito à diversidade e ao meio ambiente, pela busca pela pluralidade de ideias, pela contestação de uma crença em ideias cristalizadas, sempre direcionando a reflexão em suas quebras de expectativas, ora irônicas, ora com humor.

Para finalizar esta tese, recorro à **tira remissiva 36** abaixo, que é a última tira do último livro Armandinho *Quatorze*, décimo quinto da coletânea, e traz a reflexão acerca da vida e, por meio da metalinguagem, sobre o texto tir(inh)a:



Fonte: Beck (2019a, p. 95)

⁹⁰ Ouça: <https://www.youtube.com/watch?v=rQyWSq8vpp0> - Acesso em 26 de julho de 2024

Por meio das personagens Dinho, Fê e o sapo, que estão sentados em um banco olhando ao horizonte e de costas para o leitor, constato a reflexão que encerra a coletânea de livros e também mostro a efemeridade do tempo “Hoje estamos aqui, mas... até quando?”. Efêmero, pois passa, mas também é perene, haja vista que fica o discurso, mobilizado toda vez que fora (re)tomada, (re)lida, (re)ativada, mesmo que instaurada em outros acontecimentos discursivos, arquivos, o monumento está posto, basta que se ecoe, desloque, descortine as formações e memórias discursivas e os interdiscursos presentes (ou não).

A **tira remissiva 36** é exemplo de todas as demais tiras e figuras (remissivas ou interativas) selecionadas e expostas nesta tese: todas foram produzidas e publicadas (*on-line* ou em coletânea impressa) e que instaurada no arquivo desta tese costurou as análises discursivas, atenuou as produções e efeitos de sentidos, guiou e deslocou o olhar do leitor, com base na minha mobilização de efeitos de sentido que certificaram a efemeridade e/ou a perenidade delas e da capacidade do leitor em preencher as lacunas. Com esta (in)(re)flexão, esta tese é (está) (in)concluída...

REFERÊNCIAS



- ALMEIDA, S. Racismo e Política. In: _____. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018, p. 65-98.
- AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua.** Trad. Henrique Burigo. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- _____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido.** Porro Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BARONAS, R. L. Efeito de sentido de pertencimento à análise do discurso. IN: Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2005, Porto Alegre, RS. **Anais do II SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso** – Porto Alegre: UFRGS, 2005. Simpósio. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/RobertoLeiserBaronas.pdf> - Acesso em 20 de julho de 2020
- BECK, A. **Armandinho Zero.** – 1ed. – Florianópolis, SC: A. C. Beck, 2013.
- _____. **Armandinho Dois.** – 1ed. – Florianópolis, SC: A. C. Beck, 2014.
- _____. **Armandinho Três.** – 1ed. – Florianópolis, SC: A. C. Beck, 2014a
- _____. **Armandinho Oito.** – 1ed. – Florianópolis, SC: A. C. Beck, 2016.
- _____. **Armandinho Doze.** – 1ed. – Florianópolis, SC: A. C. Beck, 2019.
- _____. **Armandinho Quatorze.** – 1ed. – Florianópolis, SC: A. C. Beck, 2019a.
- _____. **Tiras.** Florianópolis, 2020. [Armandinho | Facebook](#)
- _____. **Tiras do Armandinho – Alexandre Beck.** Live. Apresentada por Mônica – Bibliotecária. Instagram: Canal EIC Florianópolis (Educandário Imaculada Conceição). 1 vídeo. 59min.57seg., agosto, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CDCOrgNAsj4/?igshid=11s0jxtwzactg> - Acesso em 14/11/2020
- _____. **As tiras do Armandinho na Educação Ambiental.** Live. Mediada por Profa. Dra. Carolina Blefari Batista. Youtube: UniCerrado. 1 vídeo. 1h48min40seg., setembro, 2020a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3-4r4O8-N20&ab_channel=UniCerrado – Acesso em 21/11/2020.
- _____. **Bate-papo com Alexandre Beck, o criador das tiras do Armandinho.** Live. Mediada por Profa. Dra. Karine de Oliveira Gomes. Youtube: Projeto ConheSer, UFV-CRP. 1 vídeo. 2h26min.57seg., setembro, 2020b. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tGjUi7lOrbQ&ab_channel=ProjetoConheSerUFV-CRP – Acesso em 28/11/2020.
- _____. In SAYURI, J. **O pai do menino de cabelo azul.** Revista Trip Uol, 2019. Disponível em: [O pai do Armandinho, o menino de cabelo azul que reflete sobre arte, a política e direitos humanos - Trip \(uol.com.br\)](http://uol.com.br) – Acesso em 29/11/2020.
- BELCHIOR [compositor]. REGINA, E. [intérprete]. **Como nossos pais,** 1976. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2qqN4cEpPCw> – Acesso em 27 de julho de 2024.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso.** Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- _____. Glossário de termos do discurso. In BRANDÃO, H. H. N. **Alisando o discurso.** Portal de Língua Portuguesa. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Brandao_AnalisandoODiscurso.pdf - Acesso em 16 de março de 2020.
- CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos.** São Paulo: Ática, 1975
- _____. **Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial: linguagem e semiótica.** São Paulo: Criativo, 2014.

- CARDOSO, S. H. B. Linguagem, língua, fala e discurso. In: _____. **Discurso e Ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 15-26.
- CASTRO, J. de. **Homens e Caranguejos**. Rio de Janeiro, Ed: Civilização Brasileira, 1967.
- CHINEN, N. **Linguagem HQ** – conceitos básicos. 1 ed. São Paulo: Criativo, 2011
- CIRNE, M. **Quadrinhos: sedução e paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CNBB, C. N. B. B. **Amanhecer** [Campanha da Fraternidade], 2005. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=rQyWSq8vpp0> - Acesso em 26 de julho de 2024
- CORACINI, M. J. R. F. Concepções de leitura na (pós-)modernidade. In: LIMA, P., CÉLIA, R. **Leituras: múltiplos olhares**. Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista: UNIFEOB, 2005, p. 15-44.
- _____. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas: Mercado de Letras, 2007
- _____. Entre línguas e culturas: uma história de vida e uma história social na Linguística Aplicada. **Fragmentum**. N. 22. Laboratório Corpus: UFSMM, Jul./Set., 2009
- _____. Discurso e escrit(ur)a: entre a necessidade e a (im)possibilidade de ensinar. In: ECKERT-HOFF, B.; CORACINI, M. J. **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela**. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p.17-50.
- CORACINI, M. J.; CAVALLARI, J. S. **(Des)construindo verdade(s) no/pelo material didático: discurso, identidade, ensino**. Campinas: Pontes Editores, 2016.
- COURTINE, J.J. O tecido da memória: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem. Periódico **Polifonia** v.12, nº 2, 2006, p. 1-13.
- DERRIDA, J. **O mal de arquivo: uma impressão Freudiana**. Tradução Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- _____. **J. Posições**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001a. p.1-7.
- DE PAULA, A. J. **Vocábulo para fundamentação teórica**. Anotações de estudo. 12 jul, 2020
- EISNER, W. O quadrinho. In: **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista – tradução Luís Carlos Borges, Alexandre Boide**. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 39-101.
- FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso – reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz, 2008.
- FERREIRA, M. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2001.
- FIORIN, J. L. Saussure e a linguística brasileira. In: FARACO, C. A. **O efeito Saussure – cem anos do Curso de linguística geral**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p.167-182.
- FOUCAULT, M. _____. **Microfísica do poder**. Org. e Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. (M. T. C. Albuquerque, trad.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- _____. **A ordem do discurso – tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. (M. T. C. Albuquerque, trad.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- _____. **O poder psiquiátrico**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**”. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. **Arqueologia do Saber – tradução Luiz Felipe Baeta Neves**. 7 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. O que é um autor? In: _____. **Ditos & Escritos III**. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.

- ____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ____. **Do governo dos vivos**. Curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos). Tradução de Nildo Avelino. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010a.
- ____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2010b.
- ____. **Estratégia, poder-saber**. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Michel Foucault. Estratégia, poder-saber**. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010c. (Ditos e escritos, v. 4).
- FREITAS, S. A. **Anotações de sala de aula**. Disciplina: língua, discurso e ensino. Mestrado em Educação. Paranaíba – MS. PPGEDU: UEMS, 2019
- GREGOLIN, M. do R. de F. V. **Análise do Discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas**. In: SARGENTINI et al. (Org.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 83-106.
- GUERRA, A. M. C. **A estabilização psicótica na perspectiva borromeana: criação e suplência**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- HEBECHE, L. Considerações sobre Agamben. **Revista Ethic@**. Florianópolis, v.11, n.3, p.329-354, Dez, 2012.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ____. O Simbólico, o Imaginário e o Real. In: LACAN, J. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- LAGAZZI-RODRIGUES, S. O político na Linguística: Processos de representação, legitimação e institucionalização. In: ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. (Orgs.). **Política Linguística no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 2007. p. 11-18.
- LOPES, R. T. D. Monumento e genealogia: notas sobre Michel Foucault. **Revista Nucleus**, 2004. Disponível em: <http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/viewFile/412/468> - Acesso em 23/07/2023
- MACÁRIO, C. Amor em tirinhas. In: **Diário Catarinense** - Caderno Variedades, 2013, p. 4-5.
- MACIEL, R. F. Translinguagem. In NASCIMENTO, C. A. G. de S.; SOUZA, C. C. de. **Seminários Avançados de Linguística Aplicada**. Webconferência Plataforma Google Meet. Aula 08. Unidade IV: Repertórios Translingues e o trabalho com Línguas em sala em aula. 2020. 1 vídeo (1h29min08seg.) Gravação disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/FMfcgxwKjBKLgztnKLVKnPvpZqPGgBrM?projector=1> - Acesso em 26/10/2020
- MAGALHÃES, H. **Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo, N-1, 2018.
- MEDEIROS, J. P. da S. **Apontamentos de escolhas linguísticas para projeto de pesquisa**. *Whatsapp*: [Conversa Individual]; 12 jul. 2020. 11:27. 11 mensagens *Whatsapp*.
- MIGNOLO, W. D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. In: CASTRO-GÓMEZ, S. y GROSGOUEL, R. (compiladores). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. – Bogotá: Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p.25-46.
- MIGNOLO, W. D. Colonialidade - o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **RBCS - Revista Brasileira de Ciências Sociais** - Vol. 32 nº 94, 2017.
- ORLANDI, E. Segmentar ou Recortar? In: **Linguística: questões e controvérsias**. Série Estudos 10. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras da Faculdade Integradas de Uberaba, MG, 1984.
- ____. **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- ____. **Análise do discurso – princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

- ____. **Língua e Conhecimento Linguístico.** Para Uma História das Ideias no Brasil. São Paulo, Cortez, 2002.
- ____. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- ____. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.
- ____. **A Linguagem e seu Funcionamento:** As formas do discurso. 5 ed., Campinas, SP: Pontes, 2009.
- ____. **Discurso em análise:** sujeito, sentido e ideologia. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- ____. **Gestos de leitura:** da história no discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.
- PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 311-318.
- ____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a, p. 61-105.
- ____. **Papel da Memória.** IN: ACHARD, P. et al. Papel da Memória. Tradução: José Horta Nunes. 1ª edição. Campinas, SP: Pontes, 1999, p.49-50.
- ____. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, M. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2008.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 163-252.
- POSSENTI, S. **Os humores da língua –** Análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 2000
- ____. **Humor, língua e discurso.** São Paulo: Contexto, 2010
- POSSENTI, S. *et al.* **Humor e Pandemia:** riso e resistência. São Paulo: Noir Editora, 2023.
- POSTEMA, B. **Estrutura narrativa nos quadrinhos –** construindo sentidos a partir de fragmentos – traduzido por Gisele Rosa. São Paulo: Peirópolis, 2018.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: _____. **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Conselho Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005, p.117-142.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010, p.72-117.
- NICOLAU, M. **Tirinha –** a síntese criativa de um gênero jornalístico. Marca de Fantasia: Paraíba, 2020.
- RAMOS, P. E. **Tiras cômicas e piadas:** duas leituras, um efeito de humor. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.8.2007.tde-04092007-141941. Acesso em: 2024-06-09.
- ____. **A leitura dos quadrinhos.** 1 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- ____. **Faces do humor:** uma aproximação entre piadas e tiras. Campinas: Zarabatana boos, 2011.
- ____. **Tiras livres:** um novo gênero dos quadrinhos. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2014
- ____. Tiras cômicas em suportes digitais. **Estudos Linguísticos,** São Paulo, 44 (2), maio-ago, 2015, p. 770-783
- ____. **Tiras no ensino.** 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- RAMOS, P.; CARMELINO, A. C. Intencionalidade na prática: aplicação em produção multimodal. **Entrepalavras.** Fortaleza, v. 12, n. 3, set-dez, 2022, p. 247-265.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017

RUIZ, E. M. S. D. Escrita de si no *Orkut*: identidade e (pós)-modernidade. In: CORACINI, M.J.; UYENO, E. Y.; MASCIA, M. A. A. **Da letras ao pixel e do pixel à letra**: uma análise discursiva do e sobre o virtual. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 79-112.

RUIZ, M. A. A.; SOUSA, L. M. A. e. Memória e(m) discurso na Pandemia de COVID-19: o acontecimento do vírus e a arte em rede. **Cad. Est. Ling.** Campinas, 2021, p. 1-14.

SANTOS, B. de S., QUAJAJARA, S. B.; FERRARO, S. **A cruel Pedagogia do vírus**: globalização, meio ambiente e pós-pandemia. *Live* apresentada e moderada por Carol Burgos, Plantão da Quarentena #42, 2020. 1 vídeo (2h30min04seg.) Publicado pelo canal Esqueda Online. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZR8ej_TadnQ - Acesso em 07/05/2020.

SARGENTINI, V. M. O. O arquivo e a construção de memórias: o caso do apagão. In: ROMÃO, L. M. S.; GASPAS, N. R. **Discursos midiáticos**: sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008.

_____. Arquivo e acontecimento: a construção do corpus discursivo em Análise do Discurso. In: NAVARRO, P. **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 35-44.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUSA, L. M. A. Às voltas da e com a resistência: contradição e alteridade. Revista **Linguasagem**, São Carlos, SP, v. 37, p. 129-140, janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/download/860/492> - acesso em 17/07/2024.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Almeida, Marcos Feitosa, André Pereira Feitosa – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 07-84.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (orgs.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 31-64.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (orgs.). **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2020, p. 9-42.

VIEIRA, C. D. S. **A contribuição de Moacyr Cirne para os estudos das histórias em quadrinhos**: a semiologia materialista como método. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2017, 94p. (Dissertação de Mestrado).

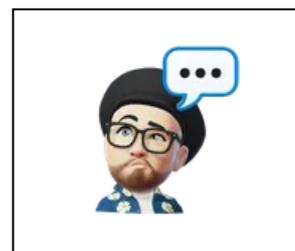
ANEXOS



MEMORIAL DESCRITIVO-REFLEXIVO



[...] sobre as *tiras* de minha vida [...]



Início esse Memorial constituído pela tira remissiva 19, pois como falar de mim, este ser singular, sem lembrar os muitos o(O)utros, plural, pelos quais me constituí e que foram constituídos por mim nesta viagem chamada vida:

Tira remissiva 37: Eu constituído de muitos outros



Ainda, na **tira interativa 21** o sapo é advertido por Armandinho sobre a utilização do *facebook* na responsabilidade do que se compartilha, trazendo um interdiscurso com o Pequeno Príncipe a partir da releitura de um enunciado do livro “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”:

Tira interativa 21: Responsabilidade



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIIZisDrSRP/> - Acesso em 26/07/2024

Esta advertência também perpassa meu corpo, pois meus alunos me chamam de “influencer de facebook”, já que é a rede social que mais utilizo e, quando peço algum trabalho interacional em rede social, acabo inserindo essa plataforma em tempos que eles utilizam insta, tik tok etc. Assim, nesta tese, sempre trago alguma figura de compartilhamentos meus na rede social citada, haja vista ser uma forma de socialmente alcançar um maior número de usuários e disseminar as ideias com as quais coaduno.

Quando estive no SIMELP, em Portugal, em 2017, levando um pouco da minha pesquisa de Mestrado, fiz uma publicação em meu perfil no *facebook*, atestando a responsabilidade naquilo que compartilho, conforme observo na **tira interativa 21**, trazendo um pouco dessa pluralidade que constitui minha singularidade, conforme problematizo pela **tira remissiva 37**:

Figura 25: agradecimentos Portugal

Anderson José de Paula Escola Superior de Educação de Santarém पर सोच रहा है हैं.
25 de outubro de 2017 · Santarém, Distrito de Santarém, Portugal · 🌐

Sim... uma criança que até os 10 anos viveu no sítio, que vendeu sorvete e verdura na rua com seus 11 anos, que começou a trabalhar aos 12 anos, que foi Guarda-mirim até os 16, que teve seu primeiro registro na Carteira de Trabalho dois dias após completar 16 anos, que sempre estudou em escolas públicas (Cáfaró e Jap);

Sim... o filho homossexual do casal de lavradores [Ermelinda Felipe Santiago de Paula](#) e José de Paula, que também foram empregada doméstica e serviços gerais, respectivamente, os quais nunca mediram esforços para ajudá-lo dentro das possibilidades deles; e único irmão de [Emerson Paula](#);

Sim... o trabalhador-estudante desde sempre;

Sim... o professor da Rede Estadual de Minas Gerais na cidade de Iturama na Escola Estadual Nossa Senhora [De Lourdes](#) desde 2011 e Escola Estadual Joaquim Tiago de Queiroz de 2007 a 2011 (minha primeira aula pós formado e meu primeiro e atual cargo efetivo);

Sim... o Pedagogo do IFSP desde 2016, passando pelos Câmpus: São Roque e Avançado Ilha Solteira e, agora, Câmpus Votuporanga;

Sim... o mestrando da Turma III do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - pela UFMS Câmpus Três Lagoas;

Sim... o colega, amigo, inimigo, chato, legal, bravo, empoderado, risonho, audacioso, visionário, promotor e simplesmente: [Anderson José de Paula](#) atravessou o Atlântico e apresentou uma etapa de sua pesquisa no VI SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA na cidade de Santarém - Portugal.

"Chegar até aqui é a quebra de muitos paradigmas em minha vida que só foi possível graças a EDUCAÇÃO. Foi por meio dela que pude acessar lugares antes nunca imaginados por mim. Agradeço a todos que nunca desistiram de mim, especialmente, a [Juliana Pádua S. Medeiros](#) que sempre me motivou e acreditou no meu potencial. Tive tudo para dar errado na vida, mas sempre fui guiado por uma força espiritual que me protege e me aponta caminhos com os quais meu estudo e minha formação possam melhorar a vida de quem está ao meu redor. Posso parecer exagerado para alguns, mas o que estou vivendo aqui é para a vida inteira."

"Voltarei fortalecido para enfrentar as batalhas diárias, pois estou muito realizado."

Fonte:

https://www.facebook.com/andersonjose.depaula/posts/pfbid02DFH4T26MHETKg3kg5jWjEbHkD4y2T2K4Bm6uZKxGqGd6sZbPSMp82qXJITiuYz81?locale=hi_IN

Sou o segundo filho do casal José de Paula e Ermelinda Felipe Santiago de Paula, após 10 anos de nascimento de meu único irmão, Emerson. Nasci aos sete dias, do mês de março do ano de 1985 na Santa Casa da cidade de Fernandópolis, interior de São Paulo. Um exímio pisciano!

Minha família sempre residiu em zona rural, onde passei boa parte de minha infância. Morávamos em 3 famílias em uma casa grande: meus avós paternos, meu tio Natal (irmão de meu pai) e minha tia Vera (irmã de minha mãe), minha prima-irmã Flávia, meus pais, meu irmão Emerson, eu e, após 06 anos, minha outra prima-irmã Franciele. Logo, sempre fora muita gente para almoçar, jantar, tomar café da manhã, merendar, assistir à TV etc. Ainda mais que morava com os patriarcas da família que tiveram 12 filhos. Aos finais de semana era aquela festa!

A vida na roça penso que não era fácil para minha família, pois não éramos donos das terras e sim empregados. Era lavoura de café. Mas como peguei a infância naquele lugar, para mim era o máximo a liberdade de viver naquele ambiente. Eu amava! Adorava ir à roça levar 9h o almoço e 12h a merenda em “embornais”. No caminho ia dando asas à imaginação com aqueles caldeirões de comida que logo alimentariam àqueles que davam duro na lida, entre eles meus pais e meu irmão.

O sítio ficava distante da cidade e havia transporte público municipal que fazia o trajeto dos alunos. Mas era somente de manhã. Logo minha prima e meu irmão levantavam bem cedo para ir à escola. Eu também tinha vontade, pois via as histórias em quadrinhos nos jornais que enrolavam as bengalas de pães e ficava tentando decifrar o que tinha ali, lia as imagens e imaginava, mas meus pais não me matricularam na pré-escola (à época não era obrigatória a matrícula). Apenas com 07 anos, fizeram minha matrícula na 1ª série (hoje, 1º ano dos anos iniciais do ensino fundamental), isso em 1992.

Fui alfabetizado pela Dona Marisa, 1ª série, (loira de olhos verdes, voz firme) e pela Dona Neuza (*in memoriam*), 2ª série - negra, muito mãe e exímia leitora. Todas usaram gibis em meu processo de alfabetização e eu pude entender o que era aquilo que vira e não entendera, só o visual. Para fechar o ciclo do primário, como era chamado à época, Dona Vanda foi a professora da 3ª e 4ª séries.

Quando estava na quarta série, em 1995, em virtude de meu irmão ter começado a trabalhar e algumas desavenças entre meu pai e meu tio, mudamos para a zona urbana. Para mim, foi aquele choque.

Até 1997 estudei na mesma escola e fazia parte do time de vôlei e frequentava a biblioteca, possuindo uma carteirinha para retirada de livros. A coleção Vaga-lume me acompanhou nesse período. Ah! e os gibis também.

Nesse período também era o auge da novela “Mulheres de areia”, na Rede Globo (que foi reprisada em 2023). Fui premiado em um evento da escola fazendo uma imitação do Tonho da Lua (personagem da novela).

A fim de ter uns “trocos” para poder comprar alguma coisa, já que meus pais eram assalariados e o dinheiro era contato para as despesas da casa, vendia sorvete aos sábados e verdura durante a semana. Com doze anos, comecei a trabalhar mais formal e em tempo parcial na loja de 1,99 de comida de mina prima Aparecida Valentina Sbrolini, *in memoriam*. Para mim, vindo do sítio, não ter feito pré-escola, era a oportunidade para que meus espaços de letramento pudessem aumentar. Meus avós e tios continuaram no sítio e, quando tinha uma oportunidade, final de semana, voltava para lá, a fim de chupar frutas no pomar, pescar, enfim, viver a adolescência onde vivi a infância.

Em 1998, comecei a trabalhar em tempo integral como Guarda-Mirim (menor aprendiz, hoje), mas com tratamento militar à época. A instituição era mantida pelo Rotary Club de Fernandópolis. Todos da minha casa trabalhávamos: minha mãe como empregada doméstica, meu pai como auxiliar de serviços gerais em uma mecânica, meu irmão escriturário em uma faculdade privada da cidade e eu, Guarda-Mirim.

Comecei como guardinha, como éramos chamados à época no setor de Ortopedia da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Fernandópolis. Lá, eu chamava os pacientes para consultar com os médicos na parte da manhã e à tarde auxiliava no arquivo e no preenchimento de fichas na recepção. Mais eventos de letramentos me eram apresentados. Fiquei por longos dois anos.

Lembro-me de que em todo final de ano na Guarda-Mirim havia mudança de patente para o guardinha que possuísse bom rendimento escolar, por meio de uma ficha de avaliação enviada para a escola. Eu sempre quis mudar de patente por dois motivos: havia aumento de salário e impunha respeito aos demais. Cheguei a ser 1º sargento. Logo a escola teve muita influência em minha constituição, enquanto pessoa e profissional.

Em 2000, fui “promovido”, ainda Guarda-Mirim para o setor administrativo na parte financeira e contabilidade e comecei a entender sobre rotina administrativa. Fui destaque e referência nesse período, tendo uma matéria publicada na revista da cidade (e não era nas páginas policiais, risos). Eis a matéria:

Figura 26: matéria Guarda-Mirim



(Revista Charme, dezembro, 2020)

Mesmo tendo de estudar à noite, desde a 7ª série, sempre levei o estudo bem a sério, pois algo me dizia que era por ele minha transformação.

Todo sonho do “guardinha” era ter seu primeiro registro em carteira. Completei 16 anos em 07 de março de 2001 e em 09 de março fui registrado. Fiquei neste emprego até março de 2006.

Com o salário baixo e sem incentivo sobre universidades públicas, vestibular, etc, procurei por um curso superior, pois não queria terminar o Ensino Médio e parar, pois sabia que retornar seria mais difícil. Os critérios eram: que tivesse em minha cidade e desse conta de pagá-lo. Queria mesmo Jornalismo, mas só tinha em Votuporanga (cidade 35km da minha). Então, escolhi Letras. Critérios: não tivesse Matemática, coubesse no orçamento, fosse noturno e fosse uma área com a qual me identificasse. Fui o quinto da minha família a cursar Letras, nesta Instituição.

Logo no 1º semestre, tirei férias e fui fazer estágio para ver se era mesmo o que eu queria. Fiz com minha professora do colegial, mas sem maturidade, eu me misturava com os alunos, risos.

Apenas no terceiro ano do curso, que minha “ficha” caiu e comecei a valorizá-lo mais. Passei em um concurso público em 2005, fui nomeado em 2007 (após terminar a faculdade) e permaneci neste cargo público até agosto de 2022, quando exonerei para ir para o Mato Grosso do Sul, Rede Estadual, primeiro Paranaíba e, agora, Aparecida do Taboado.

A graduação ocorreu em uma faculdade privada da minha cidade natal, Fernandópolis, entre 2003 e 2006. Por ser uma faculdade, do tripé ensino, pesquisa e extensão, o foco foi no ensino e os outros dois eixos não recebiam devida importância, mas, mesmo assim, fiz uma IC voluntária no 3º ano do curso com a Profa. Ma. Celeste Antenore cujo título foi “Por que (não) ensinar Gramática na escola?” a partir da obra homônima de Sírio Possenti.

Este foi meu único contato com a pesquisa, mesmo tendo aulas com a maioria mestres e doutores, o fomento à pesquisa na faculdade privada, na área de Licenciatura, à época, era bem baixo. Não existia PIBID e nem Residência Pedagógica a fim de fomentar pesquisas e publicações, como há hoje. Um grande avanço!

Particpei de duas edições do GEL e de quatro jornadas pedagógicas da própria IES, apenas na modalidade ouvinte e/ou membro de comissão organizadora. Fui representante de turma nos dois últimos anos do curso de Letras Português e Inglês da FEF.

Após a graduação, tornei-me professor efetivo na rede estadual de Minas Gerais, em 2007, e fui exercer a profissão de professor, principalmente, em Iturama – MG, além de escolas particulares, municipais, faculdade e outras escolas estaduais entre 2007 e 2022.

Nesse ínterim, cursei outra graduação, Pedagogia e cinco especializações e conheci um pouco sobre pesquisa, fazendo os TCCs dos cursos.

Em 2012, 6 anos após finalizar a graduação, fiz minha primeira disciplina como Aluno Especial no PPGEDU da UEMS de Paranaíba com as professoras Dra. Silvane e Dra. Estela. Nessa disciplina, percebi que era universo *strictu sensu* que queria alcançar, mas sabia que o caminho seria árduo, porém dei o primeiro passo, corroborando a **tira interativa 22** abaixo:



Em 2013, fiz a segunda disciplina como aluno especial na UNESP/Ibilce com a Profa. Dra. Lília Abreu-Tardelli e conheci o ISD. Prestei dois processos seletivos no Ibilce e um na UNIARA e em ambos fui reprovado. Naquele ano, também, iniciou a oferta do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e eu fiz o processo seletivo para a UFTM-Uberaba, pois não li o edital corretamente e achei que tivesse de ser no estado em que eu possuía o cargo efetivo. Mesmo passando, não fiquei nas vagas disponibilizadas. Também não li sobre as vagas ociosas de outra IES. Vi após o período de acesso que a UFMS/CPTL possuía vagas ociosas para a 1ª turma e eu poderia ter acessado.

Como o processo era anual, prestei em 2014 novamente, agora, após ler o edital, prestei na UFMS/CPTL, porém fui reprovado na primeira fase, prova objetiva, por um ponto. Fiquei bem pesaroso.

Em 2015, prestei novamente e consegui a 9ª colocação de 10 que ingressaram, constituindo assim a 3ª turma do PROFLETRAS da UFMS/CPTL e conhecendo essa IES que seria tão importante no meu processo de (trans)formação.

Em 2016, fui convocado no concurso do IFSP, que prestara em 2014, para o cargo de Pedagogo. Logo, comecei a atuar em minha segunda formação também.

Entre 2016 e 2018 fiz meu percurso acadêmico de Mestrado nesta IES com uma turma que se tornou muito especial em minha vida, com a qual mantenho contato até hoje.

À época, a Profa. Dra. Celina Nascimento coordenava o curso e foi a primeira professora que conhecera. Após, foi a Profa. Dra. Solange Fortilli, recém chegada à Instituição, e a após a Profa. Dra. Claudete Cameschi, que trabalhou conosco uma disciplina de Alfabetização. Após a elaboração do projeto de pesquisa, achei que seria orientado por ela, mas fui orientado pela Profa. Dra. Joceli Stassi-Sé, em virtude da distribuição de orientandos/orientadores.

Estudei o gênero textual Artigo de Opinião e a aplicação do gênero pela SD em dois nonos anos de duas redes de ensino (MG e MS) e analisar com o arcabouço do ISD e da Linguística Textual.

No Mestrado fui um verdadeiro nômade: comecei cursando as disciplinas do 1º semestre morando em Fernandópolis e trabalhando em Iturama e Paranaíba; no segundo semestre de 2016, cursei as disciplinas morando e trabalhando em São Roque e Iturama. No último semestre de disciplina, 2017.1, estava morando e trabalhando em Ilha Solteira e Iturama.

As orientações ocorreram todas à distância, por videochamada ou e-mail, pois a Orientadora já estava morando em São Carlos por conta das atividades na UFSCar. A qualificação e a defesa foram presenciais.

Houve vários pontos marcantes durante o Mestrado: participei de incontáveis congressos, a maioria com solicitação de diárias, levando o nome da UFMS/CPTL e o programa PROFLETRAS para vários estados e cidades. Mas o que mais me marcou foi o evento que fizemos na IES junto à Profa. Dra. Amaya Prado, como finalização de sua disciplina, o PROFLIJ com palestras, apresentação de trabalhos, minicursos, tudo envolvendo a Literatura para crianças e suas vertentes e manifestações artístico-culturais.

Defendi a Dissertação em fevereiro de 2018 e resolvi dar um ano sabático. Merecia!

No segundo semestre de 2019, fiz uma disciplina como aluno especial no PPGLetras sobre Linguística Aplicada com o Prof. Dr. Ulisses Vaz (ainda fazia parte da linha “Discurso, subjetividade e ensino de línguas”). Ainda neste ano, participei do VII SIMELP, em Pernambuco, junto com uma amiga do Mestrado, Profa. Ma. Verônica e o Prof. Dr. Ulisses da coordenação de um Simpósio Temático denominado “Na trilha do PROFLETRAS: linguagem(ns) e letramento(s)”.

Achei muito interessante e diferente os pressupostos trazidos pelo professor e debrucei sobre a linha em questão e me deparei com a Profa. Claudete como uma das professoras dessa linha. Lembro-me de em um evento que a professora encontrou-me e me parabenizou pelos congressos que fiz durante o Mestrado e que solicitava diárias e levava o nome da instituição a muitos outros locais, inclusive Portugal, como na figura 28, no início desse Memorial.

Inscrevi-me no processo seletivo de 2020, porém fui reprovado na fase da prova escrita. Naquele ano houve um edital de vagas remanescentes e inscrevi-me novamente, pois vi que a professora Claudete ofertava vaga. Dessa vez, consegui a aprovação, em 1º lugar, em Linguística, para o Doutorado. O tão esperado ingresso ocorreu, após um suado processo seletivo e nossa 1ª (e única) reunião presencial fora marcada: 15 de março de 2020, sexta-feira, no LELET do câmpus II (Saudades!!) da UFMS/CPTL.

Figura 27: Primeira e única reunião presencial, 2020



Fonte: (meu arquivo pessoal)

Em 16 de março de 2020, iniciaram as medidas de Isolamento Social, por conta da Pandemia da COVID-19 e, para a continuidade do calendário do Programa, as aulas passaram a ocorrer de forma remota (síncrona e assíncrona).

Meus dois locais de trabalho: IFSP/VTP, Votuporanga, e Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes, em Iturama, tomaram as mesmas medidas e a partir de março de 2020 meu quarto tornou-se meu local de trabalho e estudo, tentando proteger meus pais idosos e de me proteger também, por ser diabético e está na população de risco, segundo a OMS.

Usei este período para cumprir minhas disciplinas assim dispostas: no primeiro semestre de 2020, cursei a disciplina obrigatória *Teorias da Linguagem* que foi ministrada por quatro professores de linhas diferentes da Linguística, no programa, e pude (re)lembrar conceitos basilares e aprofundar outros, dialogando com o ensaio de projeto que tinha à época. Outra disciplina cursada foi *Tópicos de Teoria e Análise Linguística*, ministrada pelas professoras Dra. Celina e Claudete, com foco em algumas noções-conceitos caras para a Análise do Discurso de orientação francesa. Ainda neste primeiro semestre cursei *Tópicos Especiais em Linguagem(ns), cultura(s) e in(ex)clusão* a qual me possibilitou abrir a mente para uma Linguística (trans)disciplinar atravessada por conceitos e noções outras que só a concepção discursiva de língua consegue ecoar.

No final do primeiro semestre de 2020, participei de dois eventos de forma remota: em 16 de julho, do minicurso “Tiras no ensino”, promovido pela Parábola Editorial e ministrado pelo Prof. Dr. Paulo Ramos (uma das referências utilizadas nesta tese!); entre 28 e 30 de julho, estive de forma

virtual em Cajazeiras, Pernambuco, no IFPB, e participei do II SILIF Simpósio de Línguas coordenando um grupo de trabalho com o tema “Linguagem(ns) e Letramento(s) no ensino de Língua Portuguesa”. Neste evento, apresentei um trabalho em forma de comunicação cujo título foi “Sequência Didática: clássica, reconfigurada e reestruturada” e o resumo compôs os anais do evento. Ainda, esta apresentação tornou-se um artigo com parte dos resultados da pesquisa de Mestrado e constituiu um capítulo do *e-book* “Linguagens, leitura, escrita e gênero discursivo em sala de aula”.

Cabe salientar que aquele único encontro presencial em 15 de março tornou-se um grupo de *Whatspp* denominado “Orientandos Claudete” e fizemos reuniões de orientação coletivas, quinzenalmente. Como no Mestrado estava na Linguística Textual e ISD, o grupo foi fundamental para compartilhamento de leitura e dúvidas. Sou muito grato!

No segundo semestre de 2020, ainda em Pandemia e com as atividades de forma remota, síncrona e assíncrona, inscrevi-me em duas disciplinas: “Seminários avançados de Linguística Aplicada” em que foram trabalhados recortes dos objetos de pesquisa dos orientandos das professoras Celina e Claudete, que ministraram a disciplina, a fim de mobilizar as noções-conceito da ADF e suas interfaces de acordo com cada proposta. A outra foi “Trabalho de campo – Ensaio teórico-metodológico” sobre a qual pude conhecer o arcabouço e os procedimentos teórico-metodológicos de das duas linhas do programa, principalmente, no tocante à coleta e análise de dados. Depois, focado no viés discursivo, produzi um ensaio teórico-metodológico a partir de uma noção-conceito trabalhada, mobilizando-a com o objeto da Tese (ainda em definição) mas foram com tiras do Armandinho e estão presentes no Relatório de Qualificação.

No final do 2º semestre fiz solicitação ao Colegiado do Programa a convalidação dos créditos do Mestrado para aproveitamento no Doutorado, conforme a resolução. Foram aceitos os 18 créditos possíveis (50% do total que necessito fazer, 36). Também solicitei aproveitamento da disciplina feita como aluno especial no programa em 2019 e foram aceitos os 4 créditos dela, dos 07 possíveis. Dessa forma, no final de 2020 estava com todos os créditos obrigatórios de disciplinas cumpridos.

Com o objeto definido, precisei adentrar ao universo dos quadrinhos e suas vertentes na Academia. Para isso, participei, como ouvinte, de dois eventos simultâneos, de forma remota: de 03 a 07/08/2020 o SELEPROT – Ensino de Línguas e História em Quadrinhos, realizado em parceria com a UEMS e PPGLetras e o outro I AnimaMídia, realizado dias 06 e 07 de agosto, pelo Grupo de Pesquisa em Desenho Animado, vinculado à UFF.

Ainda, no segundo semestre de 2020, arrumei a mala e fiquei dentro do meu quarto, “viajei” o Brasil, sem sair de casa para participei de alguns eventos, vendo o que o Armandinho “armaria” por aí com suas andanças:

09 e 10/09/2020 – Evento: I SELIF – Seminário de Linguagens do IF Baiano, organizado pelo GEPELIF. Nesta “viagem” tive a companhia da orientadora, Profa. Claudete e da colega de turma Elaine de Castro. Apresentamos o trabalho “Tiras de Armandinho: efeitos de sentidos possíveis pela análise linguístico-discursiva”, no GT Representação, e houve a construção do artigo que compôs os anais do evento;

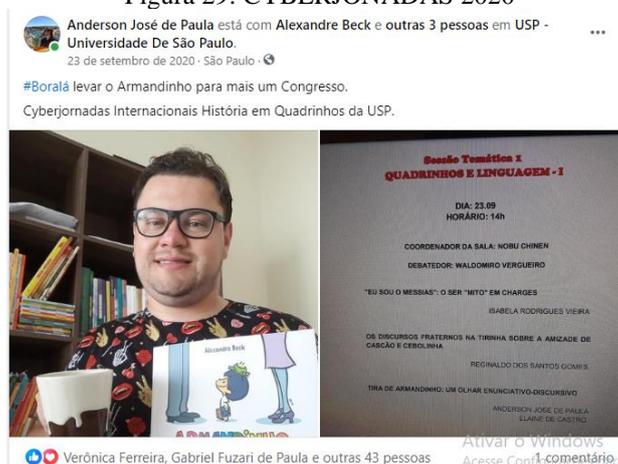
Figura 28: I SELIF



Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3564275633602750&set=pcb.3564273063603007> – Acesso em 26/07/2024

23 a 25/09/2020 – Evento: “Cyberjornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos 2020”, de forma remota, organizado pela USP. Junto com minha parceira de linha de pesquisa no Doutorado, Elaine de Castro, apresentamos o trabalho “Tira de Armandinho: um olhar enunciativo-discursivo”, com publicação do resumo nos anais do evento;

Figura 29: CYBERJONADAS 2020



Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3611250162238630&set=pcb.3611250212238625> - Acesso em 26/07/2024

O lado “bom” de “viajar sem sair de casa” é que fui a dois eventos distantes no mesmo período. Se é que teve um lado bom do distanciamento social, foi aproximar-se no “novo normal”.

No mesmo período, o IFSP Câmpus Avaré organizou o II CONAEL e III Jornada de Letras e peguei uma “carona” com a orientadora e apresentamos o trabalho “Relação feminino/masculino: uma análise discursiva possível pelas marcas linguísticas”. Essa apresentação foi emergida do Trabalho Final da disciplina de Teorias da Linguagem, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS – Câmpus Três Lagoas, no primeiro semestre de 2020, de forma remota, tendo como Módulo IV a “Análise do Discurso de orientação francesa”, ministrado pela Profa. Dra. Vânia Maria Lescano Guerra. Ela tornou-se um artigo e compôs os anais do evento, publicados em 2021. Faço um adendo: nesse evento tive o dissabor (ou a provocação necessária para a escrita) de ouvir a interpelação trazida na introdução como figura 01.

No primeiro semestre de 2021, me inscrevi apenas em “Elaboração de Tese” e fiquei por conta da (re)escrita do projeto e palestrei em uma IES privada de São José do Rio Preto, na qual fiz duas especializações, via Plataforma *Teams*, cujo título foi “A sala de aula e a equipe multiprofissional: cenários para atuação do(a) pedagogo(a)”. O convite veio para falar um pouco sobre minha segunda formação e minha atuação como Pedagogo no IFSP/VTP.

No segundo semestre de 2021, cursei duas disciplinas, mesmo tendo finalizado, pois a que foi ofertada pelo PPGLetras da UFMS ao qual sou vinculado foi sobre “Análise do discurso”. Como não tive a base no Mestrado, em consonância com a Orientadora, achamos melhor fazê-la. Já a outra foi ofertada pelo PPGLetras da UEMS em Campo Grande, de forma remota e foi sobre “Tópicos especiais IV – Quadrinhos, Literatura e História”. Como gostaria que constassem em meu histórico duas disciplinas que constituiriam a Tese, solicitei convalidação da feita fora do programa e foi aceita. Além de constar me meu histórico, as disciplinas contribuíram na finalização do projeto de pesquisa para submissão ao colegiado do programa, como parte obrigatória do processo. Malas prontas e sem sair de casa, “viajei” para mais eventos:

No começo de julho, “passei” por Três Lagoas e “dei carona” para a mestranda Ágata e para nossa orientadora para “irmos” até a UNIFESP, em Guarulhos, participar do GEPEDTEC, do Programa de Pós-graduação em Letras, “Seminário de formação docente e discurso: tecnologias digitais e multimodalidade na educação”, no eixo “Discurso e Ensino”, com o trabalho “Racismo: a linguagem à soberania – um (des)velar de sentidos” o qual pode ser visto no capítulo analítico da Tese, sobre o Recorte (R1M2).

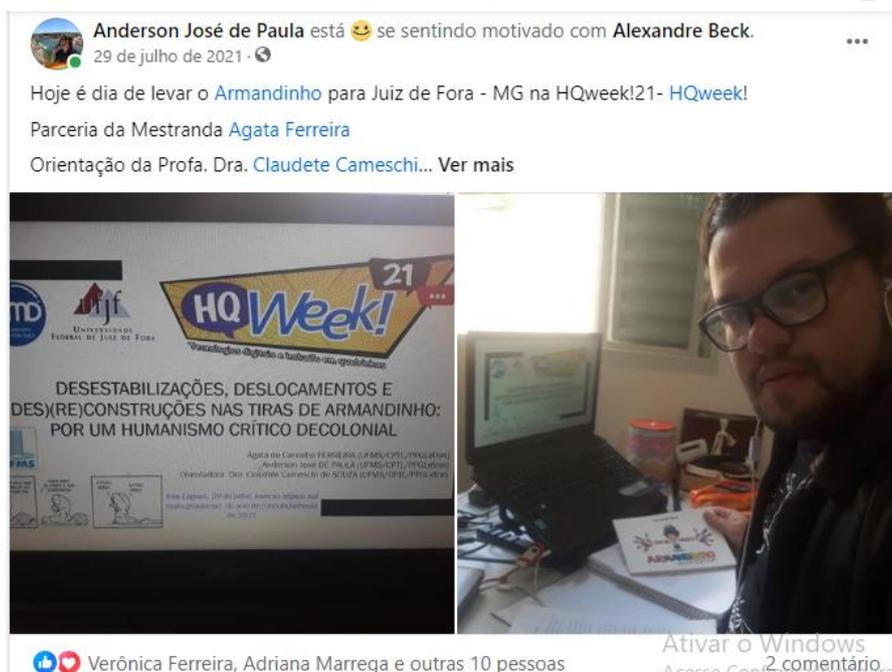
Figura 30: GEPEDTEC



Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=4421522517878053&set=pcb.4421522701211368> – Acesso em 26/07/2024

26 a 30/07, participei da HQ Week 21, apresentando o trabalho “Desestabilização, deslocamentos e (des)(re)construções nas tiras de Armandinho: por um humanismo crítico decolonial”, levando as noções-conceitos estudadas em uma das disciplinas a partir dos efeitos de sentidos possibilitados nas tiras;

Figura 31: HQWEEK

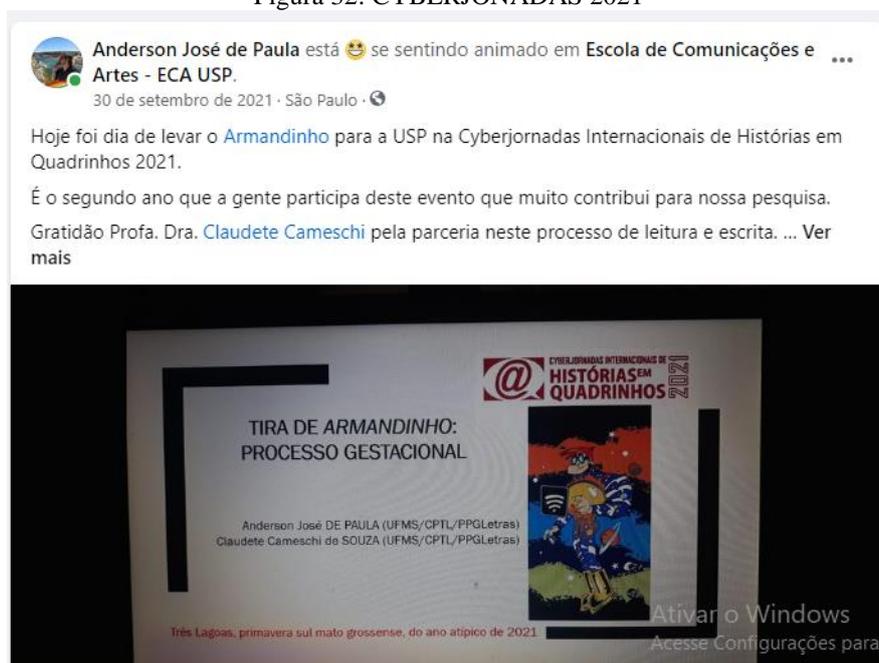


Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=4499731920057112&set=pcb.4499732130057091> – Acesso em 26/07/2024

Como ouvinte, participei do VIII COLSEMI – Semiótica e culturas em diálogos, nos dias 06 e 07/10/2021;

Em mais um ano, participamos, Orientadora e eu, da “Cyberjornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos”, entre os dias 29 e 30/09 e 1º/10/2021, apresentando o trabalho “Tiras de Armandinho: processo gestacional”. O resumo compôs os anais do evento;

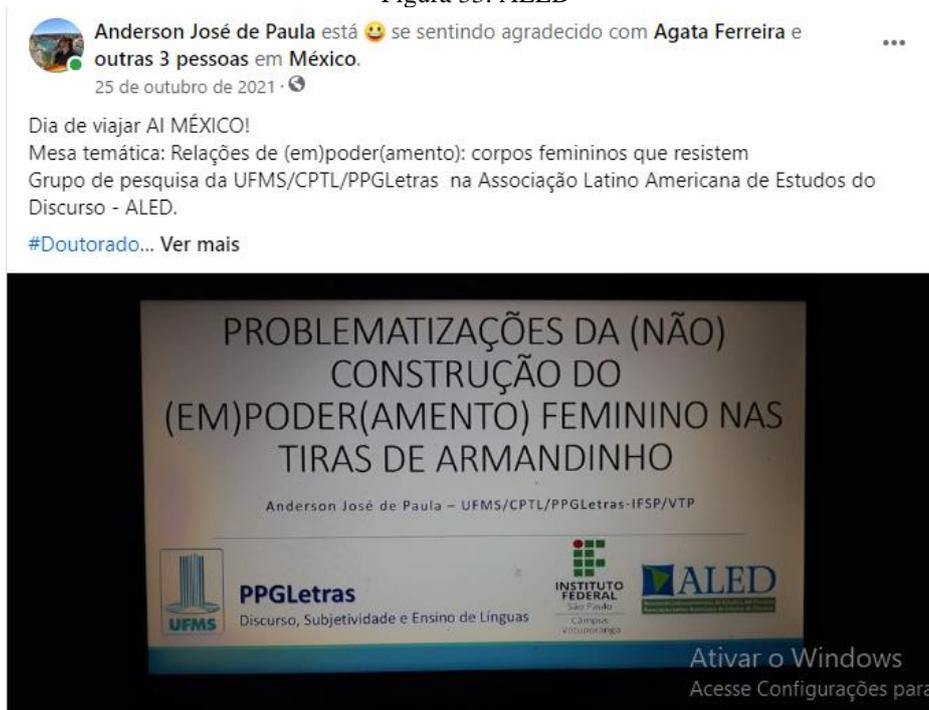
Figura 32: CYBERJONADAS 2021



Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=4696549293708706&set=a.589840951046248> – Acesso em 26/07/2024

Entre 25 a 20/10/2021 tivemos a epopeia de participar, enquanto filiados à ALED, da mesa presidida por nossa orientadora “Relações de (em)poder(amento): corpos femininos que resistem”, dentro XIV *Congreso Internacional de la Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso*. As orientandas Ágata e Elizabeth apresentaram suas comunicações a partir de seus objetos de estudos: esta falou sobre a representação na mídia da mulher vítima de violência doméstica e aquela falou sobre o discurso da adolescente-mãe em documentários. Eu falei sobre “Problematizações da (não) construção do (em)poder(amento) feminino nas tiras de Armandinho” a fim de abarcar meu objeto de estudo e as reflexões propostas pela mesa;

Figura 33: ALED



Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=4774526045911030&set=a.589840951046248> – Acesso em 26/07/2024

Por fim, em 05 de novembro de 2021, dia nacional da Língua Portuguesa, apresentei a comunicação “Tiras do Armandinho: do processo gestacional ao batismo”, dentro da XVI JNLFLP promovida pelo CiFEFiL, realizada de forma virtual pela UEMS. Este trabalho fazia parte das atividades programadas da disciplina que fiz no PPGLetras da UEMS.

No ano de 2022, após algumas situações ocorridas nas reuniões do Colegiado, fiquei muito triste e não consegui realizar atividades relacionadas à Tese. Apenas finalizei o projeto para submissão. A única coisa boa foi eu ter me aberto para um relacionamento e ter conhecido o Luiz Fernando dos Reis, meu companheiro desde 05 de março de 2022, que fez este caminho menos árduo. Obrigado, lindão!!

Em 2023, primeiro semestre, tentei cumprir as etapas contidas no cronograma, mas, infelizmente, precisei solicitar prorrogação para o exame de qualificação. Ele ocorreu em 12 de setembro de 2023 por meio de uma banca escolhida a dedo a fim de que pudessem contribuir para a finalização desta Tese. As contribuições dos quatro professores foram colhidas e refletidas entre mim e a professora-orientadora a fim de alinharmos o processo de escrita da Tese. A maior parte dos apontamentos foram acatados na íntegra, pois deram sustentação à discussão que foi proposta. Outros foram (re)pensados e (re)tomados como mola propulsora para um (novo) olhar sobre o objeto que outrora não tínhamos vislumbrado.

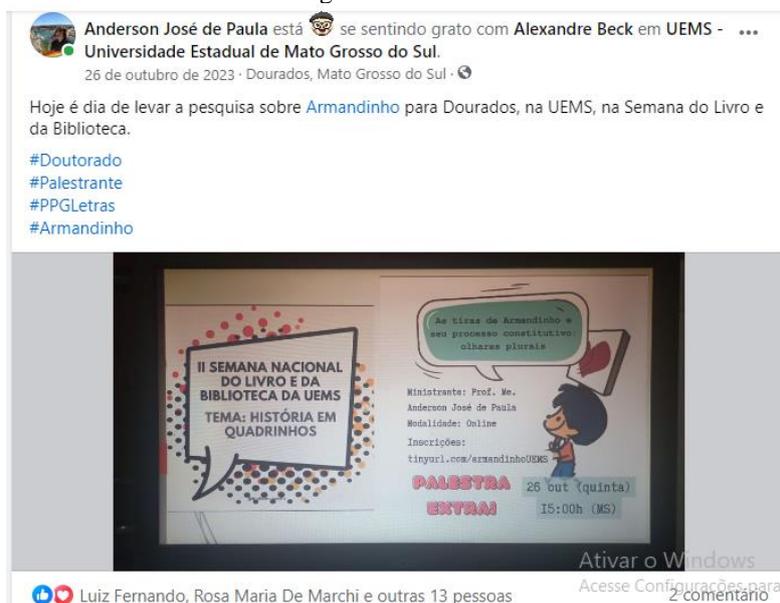
Figura 34: Exame de qualificação



Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=6936961063000840&set=a.193145600715787> – Acesso em 26/07/2024

Após a Banca de Qualificação, realizei, em outubro de 2023, uma Palestra, de forma remota, na Semana do Livro de da Biblioteca da UEMS/Dourados, problematizando as tiras de Armandinho:

Figura 35: Palestra



Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=7107620912601520&set=a.589840951046248> – Acesso em 26 de julho de 2024

Portanto, com a **tira interativa 23**, no intuito de encerrar este Memorial, fica aqui toda a minha gratidão por todos os professores que passaram por minha vida em todas as etapas de ensino galgadas por mim até aqui. Nesse momento, estendo, primeiramente para a Profa. Claudete, minha orientadora, que com sua forma ímpar de ensinar, tocou-me e me possibilitou trocar de óculos e ler o mundo discursivamente. A você, professor e professora, leitores e apreciadores desta Tese, meu muito obrigado pelo aceite em fazer parte desse acontecimento discursivo e possibilitar que eu “beba” um pouco da fonte de cada um e que, se possível, fosse constituído das sugestões pautadas no Relatório de Qualificação e, agora, na versão para a Defesa.



Tira interativa 23: Agradecer

